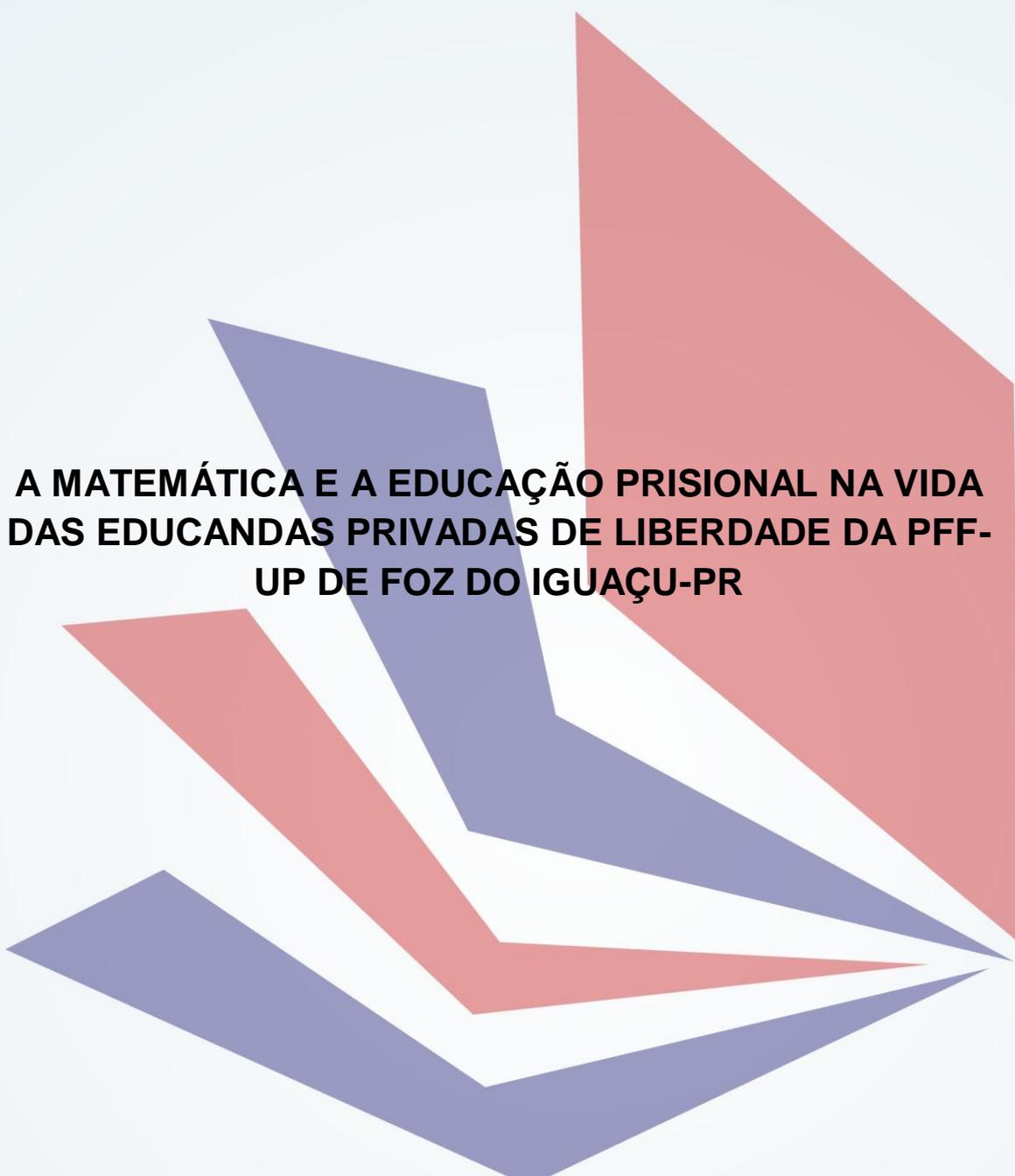
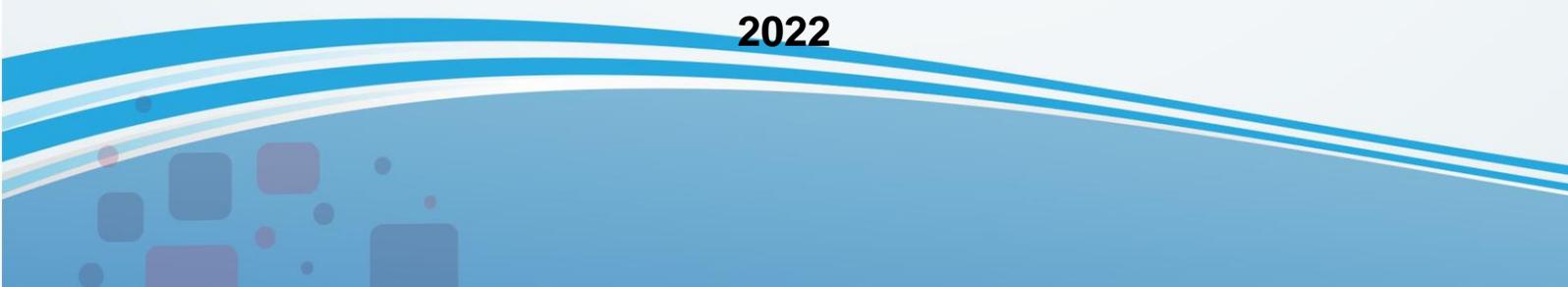


**DJALMA MACHADO DA CRUZ**



**A MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO PRISIONAL NA VIDA  
DAS EDUCANDAS PRIVADAS DE LIBERDADE DA PFF-  
UP DE FOZ DO IGUAÇU-PR**

**CASCAVEL  
2022**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS / CCET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E  
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO / PPGECEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
MATEMÁTICA  
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**A MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO PRISIONAL NA VIDA DAS EDUCANDAS  
PRIVADAS DE LIBERDADE DA PFF-UP DE FOZ DO IGUAÇU-PR**

**DJALMA MACHADO DA CRUZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática – PPGECEM da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Educação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Dulcyene Maria Ribeiro

**CASCADEL – PR**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Cruz, Djalma Machado da

A Matemática e a educação prisional na vida das educandas privadas de liberdade da PFF-UP de Foz do Iguaçu-PR / Djalma Machado da Cruz; orientadora Dulcyene Maria Ribeiro. -- Cascavel, 2022.  
150 p.

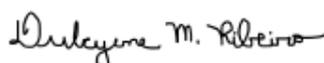
Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, 2022.

1. Sistema Prisional. 2. Educação prisional. 3. Matemática no Sistema Prisional. I. Ribeiro, Dulcyene Maria, orient.  
II. Título.

## **DJALMA MACHADO DA CRUZ**

**A matemática e a educação prisional na vida das educandas privadas de liberdade da PFF-UP de Foz do Iguaçu-PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Educação Matemática, área de concentração Educação em Ciências e Educação Matemática, linha de pesquisa Educação Matemática, APROVADO pela seguinte banca examinadora:



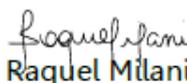
Orientador(a) - Dulcyene Maria Ribeiro

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Renata Camacho Bezerra

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Raquel Milani

Universidade de São Paulo (USP)

Cascavel, 21 de outubro de 2022.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à Matemática no Sistema Prisional, ao fortalecimento do ensino e aos educandos do Sistema Prisional.

Dedico também este trabalho aos meus filhos, Lucas Gabriel, Ana Beatriz, Vitor Henrique, e à minha amada esposa, Roseméri, que contribuiu com seu apoio, carinho, incentivo, ideias e revisões.

## AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho, tive o apoio de muitas pessoas e instituições, e todos contribuíram de alguma maneira para a sua concretização.

Agradeço à Secretaria de Estado da Educação e do Esporte e ao Departamento Penitenciário do Estado do Paraná, por autorizar e proporcionar o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à direção da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu Unidade de Progressão – PFF-UP, bem como sua chefia de segurança e suas policiais penais, por contribuírem para a realização da pesquisa.

Agradeço à direção do CEEBJA Helena Kolody, por viabilizar o estudo.

Agradeço a todos os professores do sistema prisional, pela importância do trabalho que realizam.

Agradeço às educandas privadas de liberdade da PFF-UP de Foz do Iguaçu-PR, pela contribuição com a pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática – PPGECEM da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste – *Campus* de Cascavel, por viabilizar esta pesquisa sobre Matemática com as alunas privadas de liberdade.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Profa. Dra. Dulcyene Maria Ribeiro, pela participação na idealização, elaboração e lapidação desta pesquisa e, principalmente, pela paciência na orientação.

Agradeço à minha amiga Ercília Monção, ex-professora do Sistema Prisional, que contribuiu com ideias e revisões.

Agradeço ao meu pai, Ângelo Rodrigues da Cruz (*in memoriam*), homem analfabeto que sempre dizia: “meu filho, a maior herança que um pai pode deixar para um filho é o estudo, isso ninguém lhe tira”.

Agradeço à minha mãe, Zilda Machado da Cruz, pela minha vida e pelo incentivo aos estudos.

CRUZ, Djalma Machado da. **A Matemática e a educação prisional na vida das educandas privadas de liberdade da PFF-UP de Foz do Iguaçu-PR**. 2022. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Cascavel, 2022.

## RESUMO

No Sistema Prisional, existem resistências para a implantação de um ensino de qualidade, inovador, inclusivo e crítico. Embora se considere que a educação possibilite a ressocialização, é somente por força de lei que a educação está presente nos presídios brasileiros. O principal objetivo desta investigação foi compreender a relação que as educandas privadas de liberdade estabelecem com a matemática e os motivos que as levaram a buscar a escolarização no cárcere, além de investigar as condições em que acontece o processo de ensino e de aprendizagem de Matemática na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu, Unidade de Progressão (PFF-UP). Este trabalho utilizou a narrativa por meio da escrita de cartas para obter informações com as educandas privadas de liberdade matriculadas na disciplina de Matemática no sistema prisional feminino de Foz do Iguaçu-PR. A pesquisa apontou que o ensino remoto ou semipresencial não é o ideal para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, principalmente para o de matemática, e que a matemática é empregada em muitas situações na vida das educandas. Apesar disso, não há evidências de que o ensino de matemática no Sistema Prisional seja capaz de dar sentido aos conhecimentos prévios das educandas, de modo a produzir ressignificações aos conhecimentos, e isso se deve às condições sociais, ambientais e pedagógicas do Sistema Prisional. Também não se evidenciou que o ensino de matemática no Sistema Prisional, tal como tem acontecido, conecte as educandas às questões sociais, ou seja, não contribui significativamente para o seu processo de ressocialização. Faz-se necessário ampliar o debate acadêmico para a realização de reflexões mais profundas sobre essas temáticas, visando a implementar mudanças no processo de ensino e aprendizagem dos educandos do Sistema Prisional para, finalmente, alcançar o objetivo da ressocialização por meio da educação.

**Palavras-chave:** Sistema Prisional; Educação prisional; Matemática no Sistema Prisional.

CRUZ, Djalma Machado da. **A Matemática e a educação prisional na vida das educandas privadas de liberdade da PFF-UP de Foz do Iguaçu-PR**. 2022. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Cascavel, 2022.

### **ABSTRACT**

In the Prison System, there is resistance to the implementation of quality, innovative, inclusive and critical education, although it is considered that education enables resocialization. The main objective of this investigation was to understand the relationship that the inmates from Foz do Iguaçu-PR establish with Mathematics, as well as the reasons that led them to seek schooling in prison, in addition to investigating the conditions in which the teaching and learning process takes place. Of Mathematics learning at the Women's Penitentiary of Foz do Iguaçu, Progression Unit (PFF-UP). This work used the narrative through the writing of letters to obtain information with the students deprived of liberty enrolled in the Mathematics subject in the Female Prison System of Foz do Iguaçu-PR. From the literature review and field research carried out, there is no evidence that Mathematics Education in the Prison System is able to make sense of the inmates' prior knowledge in order to produce resignifications to knowledge, and this is due to social, environmental conditions and also pedagogical. It was also not shown that Mathematics education in the Prison System connects inmates to social issues, that is, it does not significantly contribute to their resocialization process. It was concluded that prisons have historically been places of denial of rights and a lot of censorship. It is only by law that education is present in Brazilian prisons. However, in the current situation of prison education, there is no concern with the quality of education offered in prisons, since only the number of people served is what really matters to the State, in order to demonstrate to international human rights organizations and to others. Countries that Brazil is fulfilling its role of offering education to inmates. It is necessary to broaden the academic debate to carry out deeper reflections on these themes in order to implement changes in the teaching and learning process of students in the Prison System to finally achieve the objective of resocialization through education.

**Keywords:** Prison System; Prison Education; Prison Mathematics Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Momento da inauguração da PFF-UP .....	25
<b>Figura 2:</b> Sala de Aula da PFF-UP em 2022 .....	26
<b>Figura 3:</b> Sede do Ceebja Helena Kolody em 2022.....	27
<b>Figura 4:</b> Banheiro adaptado como sala de aula na PEF II - Foz do Iguaçu, março de 2022 .....	46
<b>Figura 5:</b> Solário adaptado como sala de aula na PEF III, Foz do Iguaçu .....	47

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Tipo de crime que as educandas da PFF-UP praticaram e pelos quais foram condenadas.....70
- Gráfico 2:** Idade das educandas privadas de liberdade de Foz do Iguaçu-PR .....71
- Gráfico 3:** Motivos de Interrupção dos estudos das apenadas fora do cárcere .....73

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Seções que compõem os aspectos .....	75
---	----

## LISTA DE SIGLAS

APED	Ação Pedagógica descentralizada
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior
CEE	Conselho Estadual de Educação
Ceebja	Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CF	Constituição Federal
CNCP	Conselho de Políticas Criminais e Penitenciária
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CPLN	Cadeia Pública Ludenir Neves
DCE	Diretrizes Curriculares Estadual
Depen	Departamento Penitenciário
DITEC	Diretoria de Tecnologias Educacionais
EAD	Educação à Distância
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMC	Educação Matemática Crítica
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
Infopen	Sistema de Informações e Estatísticas do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEP	Lei de Execução Penal
MEB	Movimento de Educação de Base
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OEA	Organização dos Estados Americanos
PAC	Postos Avançado do Ceebja
PEF	Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu
PEF II	Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu II
PEF III	Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu III
PEF IV	Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu IV
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola

PFF-UP Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu - Unidade de Progressão  
PPGECM Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação  
Matemática  
PPL Pessoas Privadas de Liberdade  
SEED Secretaria de Estado da Educação e do Esporte  
SEJU Secretaria de Estado da Justiça  
Sindarspen Sindicato dos Policiais Penais do Paraná  
STF Supremo Tribunal Federal  
Unila Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
Unipar Universidade Paranaense  
Unioeste Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
X Cela dos presos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1 - SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO E PARANAENSE .....</b>	<b>22</b>
1.1 Sistema Prisional.....	22
1.2 Histórico da unidade prisional pesquisada .....	24
<b>CAPÍTULO 2 - EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL .....</b>	<b>28</b>
2.1 EJA – Educação de Jovens e Adultos.....	28
2.1.1 Breve histórico .....	28
2.1.2 EJA no Paraná e seus desdobramentos .....	31
2.1.3 Educadores da EJA.....	33
2.1.4 Educandos da EJA .....	35
2.2 Educação prisional.....	37
2.2.1 EJA no Sistema Prisional do Paraná .....	37
2.2.2 Inclusão: Macroinclusão/Microexclusão .....	42
2.2.3 Espaços físicos da educação prisional .....	45
2.2.4 Direito à educação aos privados de liberdade.....	49
<b>CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO, ENSINO, MATEMÁTICA E CRITICIDADE .....</b>	<b>56</b>
3.1 Educação Matemática Crítica - EMC.....	56
3.2 Três narrativas de inclusão da Educação Matemática Crítica no contexto da educação no Sistema Prisional.....	59
<b>CAPÍTULO 4 - ASPECTOS METODOLÓGICOS E AS PRIMEIRAS COMPREENSÕES SOBRE OS SUJEITOS DA PESQUISA.....</b>	<b>63</b>
4.1 Aspectos metodológicos da pesquisa .....	63
4.2 A narrativa e as cartas .....	64
4.3 O desafio de realizar uma pesquisa de campo em meio à pandemia .....	67
4.4 Primeiras análises: compreendendo quem são os sujeitos da pesquisa ....	69
<b>CAPÍTULO 5 - A MATEMÁTICA E O ENSINO NA PRISÃO .....</b>	<b>74</b>
5.1 A Matemática na vida das educandas privadas de liberdade.....	75

5.1.1 O primeiro contato com a Matemática.....	75
5.1.2 A importância da contextualização da Matemática para o aprendizado ...	79
5.2 Prisão e estudo.....	88
5.2.1 Os crimes pelos quais as educandas da PFF-UP foram condenadas e suas vulnerabilidades .....	88
5.2.2 Motivação para estudar no cárcere .....	92
5.2.3 Condições em que ocorre o ensino e a aprendizagem na PFF-UP .....	95
5.2.4 Condições estruturais oferecidas pela PFF-UP para o ensino.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS .....	113
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – PLATAFORMA BRASIL .....	117
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE ...	119
ANEXO 3 – DECLARAÇÃO DE USO DE BANCO DE DADOS.....	122
ANEXO 4 – AUTORIZAÇÃO DO DEPEN PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	123
ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORIA DA PFF-UP .....	124
ANEXO 6 – CARTAS DAS EDUCANDAS .....	125

## INTRODUÇÃO

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.*

(Paulo Freire)

Vivemos em uma época de universalização dos direitos ao ensino, e, paradoxalmente, de restrição e até mesmo da privação desses direitos a quem mais necessita, a exemplo dos educandos privados de liberdade.

Peço vênica para realizar uma apresentação pessoal para justificar a escolha do tema deste trabalho. Sou professor da rede pública do Estado do Paraná desde 1997, formado em Ciências e Matemática pela Universidade Paranaense (Unipar), com especialização em Didática e Metodologia do Ensino e também em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Iniciei a docência no Sistema Prisional em 2005, com 20 horas na disciplina de Ciências; em 2006, participei novamente do processo seletivo e ingressei com mais 20 horas semanais na disciplina de Matemática.

Atuei como professor de Ciência e de Matemática no Sistema Prisional de Foz do Iguaçu-PR até 2020. Nunca tinha visto ou entrado em uma penitenciária e a primeira vez foi para ministrar aulas para os privados de liberdade da Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu – PEF, inaugurada em 2002, com capacidade para 500 detentos. Não tive nenhuma instrução, preparação, curso, nem sequer uma fala de como era uma penitenciária ou como eu deveria me comportar neste local. Em março de 2005, adentrei pelos portões da PEF, e lá estavam me aguardando 25 presidiários condenados pelos mais diversos crimes. Nessa época, não tinha grade metálica separando o educador do educando, como há atualmente. O frio da barriga desapareceu quando entrei na sala de aula e me apresentei para os detentos da PEF, que, a partir daquele momento, tornaram-se meus alunos, e eu me senti totalmente confortável em lecionar naquele ambiente e por estar de alguma forma levando algum conhecimento para aqueles homens que estavam à margem da sociedade.

Estar em uma penitenciária e conviver com várias mentalidades frutos da marginalidade e vulnerabilidade social foi um choque. Muitas falas e tratativas me causavam muito desconforto; ouvir os policiais penais chamarem os alunos detentos de ladrão, e essa tratativa ser considerada com naturalidade entre os policiais, e recebida, às vezes, com orgulho pelos próprios internos, é um dos exemplos.

Tinha a impressão de que existia um mundo paralelo, e, para muitos internos, a criminalidade estava tão impregnada em suas vidas, a ponto de acharem que eles viviam em um mundo real e as pessoas que não eram criminosas viviam em um mundo falso, que eles denominam como o “mundo do jurão”. Romper com a mentalidade de criminalidade, inclusive com o “orgulho” de fazer parte do mundo do crime, a meu ver, é o grande desafio da educação dentro dos presídios, o desafio de desconstrução de uma ideologia criminosa. Muitos detentos têm a criminalidade como algo de grande valor, não veem valor em outros estilos de vida, como uma vida pautada no trabalho e estudo, por exemplo. Eu fiquei chocado com a declaração de um aluno, que disse o seguinte: “meu avô era ladrão, o meu pai era ladrão, eu sou ladrão. E que ladrão era meu pai, eu tinha muito orgulho do meu pai”. Eu perguntei o que houve com o seu pai ele me respondeu: “a polícia matou na minha frente, na época eu tinha 8 anos”. Lecionar para esses alunos realmente mexia muito com a minha prática profissional; eu entendia que, além de levar o conhecimento científico, havia a necessidade da desconstrução de uma cultura de normalidade de atividades criminosas.

Em 2005, no sistema penitenciário de Foz do Iguaçu, não havia grade metálica que separava educador e educando, as aulas eram 100% presenciais e aconteciam diariamente. Aos poucos, essa realidade foi mudando. Uma das mudanças que considero muito simbólica foi a instalação de grade para separar o educando do educador. É a imposição de barreira, não só física, mas social, humana e política, e muito significativa no aspecto pedagógico. A educação é um meio de transformação e ressocialização e os educandos do Sistema Prisional devem ser tratados como seres humanos, com respeito e diálogo franco. Após as instalações das grades, houve uma resistência maior dos policiais penais para “remover”<sup>1</sup> os educandos até as salas de aulas. Qualquer acontecimento fora da rotina dentro da unidade penal era motivo para cancelar as aulas, ou seja, aos poucos, houve uma descontinuidade das aulas.

Em 2008, Foz do Iguaçu inaugurou a PEF II, com capacidade para mil pessoas presas. Nessa nova unidade, as aulas já iniciaram com grades, que separavam o educador do educando. Em 2012, foi criado o Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (Ceebja) Helena Kolody, homenagem ao centenário desta poetisa paranaense. Até então, o trabalho educacional era por meio da Ação

---

<sup>1</sup> Remover – é o termo usado no Sistema Prisional, quando os policiais penais fazem o acompanhamento dos apenados das suas respectivas celas até os espaços destinados à sala de aula.

Pedagógica Descentralizada (APED) do então Ceebja Professor Orides Balotim Guerra.

Ter um Ceebja dentro das unidades penais aproximou a escola ao Sistema Prisional. Essa aproximação facilitou as tomadas de decisões para os encaminhamentos internos do atendimento educacional, pois todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem estão inseridos nas unidades prisionais e conhecem todas as etapas do processo. Em 2021, assumi a direção do Ceebja Helena Kolody, que atende às unidades prisionais de Foz do Iguaçu-PR. Em 2018, foi inaugurada a Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu Unidade de Progressão (PFF-UP), que, hoje, é a única unidade prisional de Foz do Iguaçu que não tem grades que separam as educandas dos professores.

A atuação no magistério no Sistema Prisional de Foz do Iguaçu por 17 anos, o desejo de observar a transformação dos educandos privados de liberdade, a intenção de compreender melhor a relação desses educandos com a educação e, principalmente, com o ensino de matemática, bem como o desejo de ampliar o debate acadêmico sobre a educação no Sistema Prisional foram os principais fatores que motivaram a realização de um estudo que envolve a educação e o ensino de Matemática em uma instituição prisional.

Optamos por realizar o estudo com as educandas privadas de liberdade da PFF-UP. A atual pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, pelo parecer n.º 4.703.042.

A população carcerária brasileira totaliza mais de 700.000 pessoas, segundo os dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) de 2020; em sua maioria, homens. Menos de 8% da população carcerária são mulheres. Quanto à educação da população carcerária, 8% dos apenados são analfabetos, índice bem superior ao da população em geral, e 70% dos apenados ainda não concluíram o Ensino Fundamental. Infelizmente, o índice aumenta para 92% para a não conclusão do Ensino Médio e menos de 1% da população carcerária teve acesso ao ensino superior, dado que integra mesmo os que começaram, mas não concluíram o curso. Por conseguinte, a negligência do Estado brasileiro, no tocante à instrução e formação desse público, evidencia-se quando se observa que menos de 13% dessa população tem acesso à escolarização, conforme elucida Novo (s/d).

Segundo Silva e Nunes (2018), a educação é uma das poucas formas de resgatar as pessoas privadas de liberdade e promover a sua transformação,

ampliando sua visão de mundo, suas possibilidades profissionais e a melhora da autoestima, aspectos importantes para viabilizar a ressocialização. No entanto, as prisões sempre foram lugares de muita resistência para a inserção educacional, reconhecida pelo próprio Estado Brasileiro (PARANÁ, 2012).

Para D'Ambrosio (2012), toda pessoa desenvolve conhecimento e o seu comportamento reflete esse conhecimento, de modo que o seu conteúdo irá se modificando de acordo com o resultado do seu comportamento, ou seja, “[...] para cada indivíduo, seu comportamento e seu conhecimento estão em permanente transformação, e se relacionam numa relação que poderíamos dizer de verdadeira simbiose, em total interdependência” (D'AMBROSIO, 2012, p. 19).

Ainda conforme D'Ambrosio (1986), o conhecimento matemático talvez seja a maior das manifestações do conhecimento humano, pois permite analisar criticamente o seu papel na melhoria de vida do cidadão. Em consonância com essas reflexões, destaca-se que a educação matemática é capaz de contribuir para esse novo ressignificar dos educandos privados de liberdade.

Diferentemente do que ocorre no ensino regular, no Sistema Prisional, há muitas resistências para a implantação de uma escola e, principalmente, do ensino de qualidade, inovador, inclusivo e crítico.

Ao realizar uma pesquisa<sup>2</sup> sobre a educação prisional no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), foram encontrados 69 trabalhos que discorrem sobre educação no Sistema Prisional, entre teses e dissertações. Na pesquisa, foram usadas como palavras-chave as expressões “educação prisional” e “educação no cárcere”. Somente dois desses trabalhos fazem referência ao ensino de matemática com educandos privados de liberdade e eram relativos a educandos do sexo masculino. De acordo com o levantamento, pode-se afirmar que não há pesquisa sobre o ensino de matemática com educandas em presídios femininos.

Entende-se que é necessário compreender o papel da matemática nas prisões e o significado que ela tem para a vida das pessoas privadas de liberdade dentro e fora do cárcere. Além disso, há o processo de ensino e de aprendizagem de matemática no Sistema Prisional e as relações entre os atores desse processo: alunos privados de liberdade e professores.

---

<sup>2</sup> Pesquisa realizada em junho de 2020.

Sob essa conjuntura, apresenta-se, como hipótese, que as estruturas das unidades prisionais não favorecem as atividades educacionais. Então, como acontece o processo de ensino e de aprendizagem da matemática? Que relações são e podem ser estabelecidas entre os privados de liberdade e os professores que ensinam matemática? Qual é o papel do ensino de matemática nas prisões? Essas são as perguntas que norteiam esta pesquisa, cujo objetivo geral é: Compreender a relação que as educandas privadas de liberdade da PFF-UP de Foz do Iguaçu-PR estabelecem com a matemática e os motivos que as levaram a buscar a escolarização no cárcere.

Concomitantemente, os objetivos específicos são os seguintes: a) investigar o que pensam as educandas privadas de liberdade sobre a matemática e o impacto dela nas suas vidas; b) identificar o que as levam a buscar a escolarização no Sistema Prisional; c) conhecer as condições que a PFF-UP disponibiliza para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de matemática com as internas; d) analisar o que pode ser feito para melhorar as condições de ensino de matemática desta unidade pesquisada e, por consequência, ser estendido a outras unidades prisionais.

A pesquisa apresenta alguns conceitos sobre a Educação Matemática, Educação Matemática Crítica e Educação de Jovens e Adultos nas perspectivas de D'Ambrosio (1996), Skovsmose (2014; 2019) e Fonseca (2020). A pesquisa também discute se a matemática ensinada no Sistema Prisional tem o mesmo significado da matemática ensinada fora dele. As ações pedagógicas e os conteúdos matemáticos ensinados no Sistema Prisional devem ser os mesmos ensinados fora? Enfim, essas são algumas questões que serão debatidas nesta dissertação.

Ademais, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e utilizará as narrativas escritas por meio de cartas para obter informações com as educandas privadas de liberdade matriculadas na disciplina de matemática do Sistema Prisional Feminino de Foz do Iguaçu-PR.

No capítulo 1, será apresentado um breve histórico das unidades prisionais brasileira e paranaense, assim como o surgimento do atual Sistema Prisional que estabelece o aprisionamento celular e o ensino no Sistema Prisional.

No capítulo 2, discutir-se-á sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), apresentando um breve histórico da EJA, suas políticas, concepções educativas e transformações, além das características e do perfil dos educandos da EJA e dos

educandos do Sistema Prisional. Nesse capítulo, também serão apresentados alguns aspectos da inclusão dos privados de liberdade ao sistema educacional e sobre as políticas educacionais da EJA no Sistema Prisional, de modo especial, no estado do Paraná, bem como sobre o espaço físico destinado às ações educativas nas unidades prisionais.

Serão apresentadas, no capítulo 3, considerações sobre Educação Matemática Crítica, de acordo com os pilares estabelecidos pelo educador matemático dinamarquês Ole Skovsmose, bem como sobre as três narrativas de matemática descritas em Skovsmose (2019), fazendo um paralelo com o ensino no Sistema Prisional.

No capítulo 4, expõem-se os aspectos metodológicos do trabalho. Serão descritos os procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente os desafios de realizar uma pesquisa no Sistema Prisional em meio à pandemia da Covid-19. Apresentar-se-ão alguns dados gerais da pesquisa.

No capítulo 5, estão descritas as relações que as educandas disseram estabelecer com a matemática e como ela se dá, bem como os motivos que as levaram a procurar a escolarização dentro do cárcere, tempo de estudo, as condições em que se desenvolvem o processo de ensino e a aprendizagem na unidade pesquisada e os significados que as educandas dão para o ensino dentro do sistema carcerário.

Espera-se, com a realização desta pesquisa, contribuir, mesmo que timidamente, para a melhoria do ensino de matemática no Sistema Prisional. Não houve a pretensão de esgotar a discussão sobre a temática, mas de suscitar mais debates no meio acadêmico.

## CAPÍTULO 1

### SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO E PARANAENSE

#### 1.1 Sistema Prisional

*“Eduquem as crianças e não será necessário castigar os homens”.*

(Pitágoras)

Foi no século XIX que o Brasil deu início às punições em celas individuais e oficinas de trabalho para reprimir os crimes cometidos pelo cidadão, conforme redação do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2020). Em consonância com o Código Penal de 1890, possibilitaram-se novas modalidades de prisões, mas não se previam pena perpétua ou coletiva, limitando-se somente a penas restritivas de liberdade, prisão celular, reclusão, prisão com trabalho obrigatório e prisão disciplinar, com penalidade máxima de 30 anos de reclusão (BRASIL, 1984). Assim, convém esclarecer que o Brasil apresenta três tipos de pena: I – privativas de liberdade; II – restritivas de liberdade; III – multa (BRASIL, 1940), conforme o Código Penal brasileiro em vigor desde 1940.

Segundo o Departamento Penitenciário Nacional (Depen), a população carcerária triplicou nos últimos 20 anos. O Brasil atualmente conta com mais de 773.000 pessoas presas, ocupando o terceiro lugar mundial em números absolutos, de acordo com o sistema de informações e estatísticas do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), ficando atrás apenas da China e dos Estados Unidos. Infelizmente, a taxa de aprisionamento do Brasil, que é o índice que mede a quantidade de pessoas presas a cada grupo de 100.000 habitantes, saltou de 61 em 1990 para 367,91 no primeiro semestre de 2019, tornando-se o maior índice da série histórica (INFOPEN, 2020).

Observa-se que a primeira penitenciária do Estado do Paraná data de 1909. Antes disso, já existiam as cadeias públicas. “Desde a primeira metade do século XX, o sistema penitenciário paranaense acompanhou as principais deliberações dos Congressos Penitenciários Internacionais, adaptando e propondo alternativas no tratamento aos presos” (PARANÁ, 2012, p. 28).

A educação está presente no Sistema Prisional do Paraná desde 1982, quando a Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e a Secretaria de Educação e do Esporte (SEED) firmaram convênio que ampara o funcionamento de Centros Estaduais de Educação Básica de Jovens e Adultos (Ceebja) no interior das unidades penais do Estado do Paraná. Nessa época, os Ceebjas eram chamados de Centro de Estudos Supletivos. Com essa parceria, a SEED disponibiliza professores, diretores, pedagogos, agentes administrativos, material didático, além de certificar os educandos privados de liberdade que concluem o Ensino Fundamental ou Médio (PARANÁ, 2012).

Nota-se que a Educação Prisional em Foz do Iguaçu-PR teve início em 2002, após a inauguração da Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu (PEFI). Assim, o trabalho educacional iniciou-se como Ação Pedagógica Descentralizada (APED), do Ceebja Professor Orides Balotim Guerra. No entanto, somente em 2012, o Sistema Prisional de Foz do Iguaçu-PR teve seu Ceebja próprio, nomeado Helena Kolody.

Segundo o Plano Estadual de Educação do Sistema Prisional do Paraná (2012), a estrutura do sistema penal paranaense é a seguinte:

1. Estabelecimentos Presidiários: destinam-se aos presos provisórios e aos sujeitos à prisão simples especial;
2. Estabelecimentos Penitenciários: destinam-se aos condenados ao cumprimento da pena em regime fechado;
3. Estabelecimentos Agrícolas, Industriais ou Mistos: destinam-se aos condenados ao cumprimento da pena em regime semiaberto;
4. Estabelecimentos Médico Penais: compreendem o Hospital Penitenciário, destinado ao tratamento médico ou cirúrgico de presos e internados; Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, destinado ao cumprimento das medidas de segurança e ao tratamento psiquiátrico, separadamente; e sanatório, destinado ao recolhimento dos presos ou internados portadores de moléstia infectocontagiosa;
5. Centro de Observação Criminológica e Triagem: destina-se à realização dos exames gerais e criminológico determinados em decisões judiciais (regime fechado); segurança e custódia temporária de pessoas de ambos os sexos internadas por mandado judicial para exame e triagem; realização de audiências de advertência de livramento condicional e o fornecimento de carteiras aos liberados nesse regime e no regime aberto;
6. Casa do Albergado: destina-se ao cumprimento da pena privativa de liberdade em regime aberto e da pena restritiva de direito consistente de limitação de fim de semana, sob a administração do Patronato/Pró-Egresso;
7. Patronato e Pró-Egresso: destinam-se à assistência aos que cumprem pena em regime aberto, aos liberados condicionais, aos egressos e aos seus familiares (PARANÁ, 2012, p. 36-37).

O Estado do Paraná tem ampliado as unidades prisionais, todavia, está longe de atender à demanda cada vez mais crescente e, apesar de toda a estrutura

supracitada, há um déficit de vagas nas unidades prisionais. Nesse sentido, o Departamento Penitenciário do Paraná (Depen) tem assumido várias cadeias públicas para também ofertar o tratamento penal nessas unidades prisionais, podendo ser citado como exemplo a Cadeia Pública Laudenir Neves de Foz do Iguaçu-PR (CPLN). O tratamento penal consiste em todas as atividades que envolvem tentativas de ressocializar o preso, incluindo as atividades escolares, atendimento jurídico, assistência psicológica, médica e odontológica (BRASIL, 1984).

## **1.2 Histórico da unidade prisional pesquisada**

A Cadeia Pública de Foz do Iguaçu Laudenir Neves (CPLN) foi inaugurada em 1993, um presídio masculino com reserva de vagas para abrigar presas do sexo feminino. Somente em 2012 foi criado o Centro de Ressocialização Feminina de Foz do Iguaçu (CRESF), anexo à CPLN, para abrigar presas provisórias (sem condenação) ou definitivas (presas sentenciadas) no regime fechado. A criação do CRESF foi um grande marco para o atendimento penal feminino de Foz do Iguaçu, por ser um espaço exclusivo para o atendimento das custodiadas, com tratamento específico a esse público.

Em 10 de outubro de 2018, finalmente, Foz do Iguaçu deu um enorme passo para o tratamento penal feminino. Nessa data, foi inaugurada a Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu - Unidade de Progressão (PFF-UP), fruto de uma parceria do governo do Estado com o Tribunal de Justiça. A criação dessa unidade veio ao encontro das ações do projeto (Cidadania nos Presídios) do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Essa unidade foi instalada no mesmo prédio do antigo CRESF, ou seja, o CRESF transformou-se em PFF-UP.



**Figura 1:** Momento da inauguração da PFF-UP  
**Fonte:** Secretaria de Estado da Justiça (SEJU)

Salienta-se que não foi somente uma mudança de nomenclatura. A transformação dessa unidade em uma unidade de progressão alterou bastante a forma de atendimento das apenadas. Dentre as principais mudanças que ocorreram, destaca-se a separação definitiva do prédio da CPLN e a atuação de uma equipe diretiva exclusiva feminina. Além disso, foram criados novos canteiros<sup>3</sup> de trabalho, ampliação de vagas para o estudo da educação básica profissionalizante e também do projeto da remição da pena pela leitura. A PFF-UP foi a segunda unidade de progressão feminina do Estado do Paraná. De acordo com a Secretaria de Estado de Justiça, essa unidade é modelo para o tratamento penal. Inclusive, recebeu as visitas de membros da Organização dos Estados Americanos (OEA), do presidente do Conselho Nacional de Justiça – CNJ e da Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), a então ministra Carmem Lúcia.

---

<sup>3</sup> Canteiros – termo usado entre os(as) apenados(as) para se referirem a qualquer posto de trabalho dentro de uma unidade penal. Na PFF-UP, existem vários “canteiros de trabalho”, tais como: canteiro do artesanado, da fralda, da costura e da cozinha. Alguns são remunerados pelas empresas que abrem frentes de trabalho dentro das unidades penais.



**Figura 2:** Sala de Aula da PFF-UP em 2022  
**Fonte:** Acervo do autor

Essa foto é de uma das salas de aulas da PFF-UP, tirada em 2022. Nessa unidade, há três salas de aulas, similares a essa da foto. Vale ressaltar que essa foto não representa a realidade das penitenciárias do Estado do Paraná e nem de Foz do Iguaçu, como mencionado anteriormente. Essa é uma unidade de progressão de regime. No complexo penitenciário de Foz do Iguaçu, por exemplo, há cerca de 3.500; destes, 250 são do sexo feminino. Nas outras penitenciárias de Foz do Iguaçu, existem grades que separam o educador do educando, e todas as salas são improvisadas, ou seja, espaços que não foram planejados como sala de aula.



**Figura 3:** Sede do Ceebja Helena Kolody em 2022

**Fonte:** Acervo do autor

Já a sede do Ceebja Helena Kolody fica situada entre a CPLN e a PFF-UP. Trata-se de uma sede improvisada construída com poucas verbas do fundo rotativo e do PDDE, com as quais foi possível comprar parte dos materiais de construção. A outra parte foi doada pela direção da CPLN e por professores. A mão de obra da construção foi dos próprios apenados, implantados no canteiro de trabalho. Vale ressaltar que a sede funciona com a maioria dos móveis, computadores, armários e outros utensílios doados pelo Ministério Público Federal, por escolas estaduais, por voluntários e funcionários. Pleitea-se, junto aos órgãos competentes, a construção de uma sede para o Ceebja, mas não há qualquer previsão de quando isso possa acontecer.

No capítulo a seguir, discutir-se-á sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), suas políticas, perfil dos educandos da EJA e dos educandos do Sistema Prisional. Nesse capítulo, também serão apresentados alguns aspectos da inclusão dos privados de liberdade ao sistema educacional e sobre as políticas educacionais da EJA no Sistema Prisional, bem como os espaços físicos destinados às ações educativas nas unidades prisionais.

## CAPÍTULO 2

### EJA E EDUCAÇÃO PRISIONAL

*“É preciso educar os jovens para o amor e o respeito à vida. Ao se tornarem adultos serão pessoas éticas e afetuosas para com a sociedade”.*

(Damião Maximino)

#### 2.1 EJA – Educação de Jovens e Adultos

##### 2.1.1 Breve histórico

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos de 2006 do Estado do Paraná, o Brasil carece de políticas públicas que contemplem a Educação de Jovens e Adultos (EJA) desde o período da colonização. O documento afirma que é recente o reconhecimento pelo Brasil da EJA como modalidade de Educação Básica e que o reconhecimento dessa modalidade como política pública se deu somente com a promulgação da Constituição Federal de 1988. No Brasil, por quase quatro séculos, a cultura branca, alfabetizada, masculina e cristã exerceu um grande domínio sobre a cultura dos índios, negros, mulheres e não alfabetizados. Por séculos, houve uma educação seletiva, discriminatória, excludente e não acolhedora (PARANÁ, 2006).

O censo nacional de 1890 verificou que 85,21% da população era analfabeta. Ademais, somente no final do século XIX e início do século XX, sob as influências europeias e o emergente desenvolvimento industrial, foi que o Brasil aprovou leis que deixaram claras a obrigatoriedade da educação para as pessoas adultas. Outro aspecto que também contribuiu significativamente para a obrigatoriedade da educação para as pessoas adultas foi a Constituição Federal (CF) de 1921, que impedia que as pessoas analfabetas votassem (PARANÁ, 2006). Só então a EJA passou a ter maior visibilidade na sociedade e atenção pelos governantes brasileiros.

Paraná (2006) afirma que foi somente em 1925 que surgiu o ensino noturno para os Jovens e Adultos e, em 1930, concretizou-se o início do movimento contra o analfabetismo no Brasil, o qual foi organizado por órgãos sociais e civis, com o objetivo claro de aumentar o contingente eleitoral. Foi nesse contexto que a Educação de

Adultos contribuiu para o “desenvolvimento” da nação. Nesse período, o domínio da escrita foi muito valorizado, acelerando o processo de urbanização brasileiro. Ser analfabeto era sinônimo de incapaz, de pessoa inculta e preguiçosa.

Em 1934, a Constituição Federal do Brasil instituiu a obrigatoriedade e também a gratuidade do ensino primário. Nessa época, os índices de pessoas analfabetas no Brasil acima de 15 anos sofreram uma grande redução, chegando a 56,2% em 1940. Neste ano, a Educação de Jovens e Adultos era o tema da política educacional brasileira (PARANÁ, 2006).

Após a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro fez campanha nacional para a alfabetização em massa, de modo especial para atingir a população do meio rural. Nesse enfoque, o educador Paulo Freire, no início da década de 1960, idealizou uma pedagogia voltada para as necessidades das camadas populares, que tinha como um dos pilares a história e a realidade do indivíduo. Foi essa proposta educacional que o Brasil adotou para a EJA e nesse período o Movimento de Educação de Base (MEB) teve grande destaque (PARANÁ, 2006).

Para Paulo Freire, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Essa intervenção pode ser feita de forma crítica e emancipatória e com cuidados para não reproduzir a ideologia dominante:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante (FREIRE, 1996, p. 88, destaques como no original).

Entretanto, a proposta educacional da EJA, idealizada pelo educador Paulo Freire, era vista como uma ameaça para a classe dominante direitista da época, conforme menciona Paiva (1983):

A multiplicação dos programas de alfabetização de adultos, secundada pela organização política das massas, aparecia como algo especialmente ameaçador aos grupos direitistas; já não parecia haver mais esperança de conquistar o novo eleitorado [...] a alfabetização e educação das massas adultas pelos programas promovidos a partir dos anos 60 aparecia como um perigo para a estabilidade do regime, para a preservação da ordem capitalista. Difundindo novas ideias sociais, tais programas poderiam tornar o processo político incontrolável por parte dos tradicionais detentores do poder

e a ampliação dos mesmos poderia até provocar uma reação popular importante a qualquer tentativa mais tardia, de golpe das forças conservadoras (PAIVA 1983, p. 259 *apud* PARANÁ, 2006, p. 18).

O golpe militar de 1964 praticamente suprimiu os conceitos de uma pedagogia acolhedora voltada para as questões sociais, alicerçada na historicidade do educando, idealizada por Paulo Freire. Três anos após esse golpe, o governo militar criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com um perfil totalmente centralizador e doutrinário. Essa nova proposta não levou em consideração os aspectos geopolíticos da época, foi uma sugestão totalmente voltada para os modelos industriais urbanos, com os padrões capitalistas de produção e de consumo. Não foram incluídos nessa proposição os aspectos rurais, e, nesse período, uma grande parte desses educandos era da zona rural (PARANÁ, 2006). Nessa conjuntura, o Mobral avançou muito pouco em seus quase 15 anos de vigência, pois, dos quarenta milhões de pessoas atendidas pelo programa, apenas 10% foram alfabetizadas (PARANÁ, 2006).

Nesse mesmo documento, afirma-se que, em 1971, a lei n.º 5692/71 disponibilizava um capítulo para o ensino supletivo, e o parecer 699/72 do Conselho Nacional de Educação (CNE) regulamentou os cursos supletivos seriados e os exames com certificação. Porém, não havia uma proposta pedagógica para o recém-regulamentado supletivo, haja vista que a proposta curricular era do ensino regular, compactada e não havia nenhum encaminhamento específico para qualquer educando da EJA.

Sob esse aspecto, o supletivo criado em 1971, que deveria ser temporário, tornou-se permanente, devido à crescente demanda que essa modalidade de ensino recebeu. Evidentemente, o supletivo não atendia às demandas educacionais de seus educandos trabalhadores. Em 1980, foram realizados grandes debates, envolvendo questões sociais e, principalmente, sobre a educação pública de qualidade e universal para todos, inclusive para os educandos da EJA (PARANÁ, 2006).

Contudo, esses debates trouxeram à luz da sociedade a situação caótica da educação pública brasileira. Infelizmente, apontaram que 50% das crianças eram excluídas ou reprovadas já na primeira série, atual 1º ano do Ensino Fundamental; 30% da população geral era analfabeta; 23% dos professores não tinham formação alguma; 30% das crianças em idade escolar estavam fora das escolas; 60% das matrículas se concentravam nos três primeiros anos iniciais, sendo responsável por

73% do total de reprovações (PARANÁ, 2006). O resultado disso veio em décadas posteriores, quando os ex-alunos corresponderam à maioria dos jovens e adultos não-alfabetizados.

Assim, somente em 1985, com o advento da nova República, o governo brasileiro rompeu com esse modelo de EJA, oriundo do regime militar, extinguiu o Mobral e criou a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, nomeada Fundação Educar, em uma parceria com as prefeituras municipais e a sociedade civil. Outrossim, em 1986, o Ministério da Educação organizou uma grande comissão para debater e elaborar as Diretrizes Curriculares para a recém-formada “Fundação Educar”.

Destarte, com as proposições da Constituição Federal de 1988, finalmente a EJA passou a ser reconhecida como uma modalidade de Educação Básica, sendo incorporada às políticas públicas educacionais brasileiras, garantindo-se o direito à educação para todos aqueles que não o tiveram na sua idade apropriada. Logo, em 1990, a Fundação Educar deixa de existir.

*A priori*, a promulgação da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9394/96 (LDBEN) é considerada um grande marco para a EJA. A partir desse documento, a EJA passou a ser considerada uma modalidade de Educação Básica, nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, com suas especificidades próprias. No entanto, ainda em 1996, a emenda Constitucional nº 14/1996 suprime a obrigatoriedade dos governantes em oferecer o Ensino Fundamental para todos aqueles que não o tiveram em sua idade apropriada. E ainda, o pior de tudo, na referida emenda, suprime-se o compromisso da Federação de eliminar o analfabetismo no prazo de dez anos (PARANÁ, 2006).

### **2.1.2 EJA no Paraná e seus desdobramentos**

Com a promulgação da LDBEN, n.º 9394/96, o Estado do Paraná criou os Centros de Educação Básica para Jovens e Adultos (Ceebjas). Sob esse enfoque, a referida lei integra a EJA como uma modalidade da Educação Básica, nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, com características próprias (PARANÁ, 2018).

Posteriormente, em 2001, foram criados no Paraná os Postos Avançados de Ceebja (PAC). Dessa maneira, com a implantação desses PACs e uma parceria entre Estado e as redes municipais de Educação, foram supridas as demandas de

matrículas da EJA naquele momento. Na sequência, o advento do Ceebja e do PAC permitiu que houvesse um fortalecimento da Educação Semipresencial (PARANÁ, 2018).

Já em 2004, o Governo do Paraná fez uma parceria com o Governo Federal, que resultou na implantação do programa Paraná Alfabetizado, o qual possibilitou a transferência de recursos do Governo Federal para o Estado do Paraná, com a finalidade de atender a alunos analfabetos com idade igual ou superior a 15 anos (PARANÁ, 2018).

Nesse contexto, até o ano de 2005, a EJA era organizada de duas formas: presencial e semipresencial. O presencial era ofertado exclusivamente no período noturno para os alunos do Ensino Fundamental (EF) fase II e do Ensino Médio (EM). O semipresencial era destinado aos educandos de todo o EF e também do EM. Na proposta do semipresencial, 30% da carga horária total era presencial e 70% não presencial (PARANÁ, 2018).

Imediatamente, no ano de 2006, o estado do Paraná aprovou uma proposta pedagógica curricular para a EJA, nos seguintes termos:

[...] cem por cento da carga horária total na forma presencial (1200h ou 1440h/a), com avaliação no processo. A matrícula do educando é feita por disciplina e pode se dar na organização coletiva ou individual. A organização coletiva se destina, preferencialmente, aos que podem frequentar com regularidade as aulas, a partir de um cronograma pré-estabelecido. A organização individual destina-se, de preferência, aos que não podem frequentar com regularidade as aulas, como por exemplo, um caminhoneiro ou um trabalhador que troca de turno ou um trabalhador rural que precisa, para voltar a estudar, conciliar os ciclos de plantio e de colheita com a escolarização (PARANÁ, 2006, p. 25).

Assim, a EJA passou a ter 100% de sua carga horária presencial e o PAC foi transformado em Ação Pedagógica Descentralizada (APED). Nesses termos, com a implementação dessa nova proposta, a oferta de EJA para os anos iniciais do EF passou a ser de exclusividade dos municípios. Somente em casos específicos o Estado atende a esse público, como é o caso dos educandos privados de liberdade (menores infratores e condenados). Nesse ínterim, a proposta também possibilitou que os gestores e a equipe pedagógica dos Ceebjas tivessem um olhar pedagógico diferenciado, que possibilitasse a valorização dos educandos com perfil da EJA (PARANÁ, 2018).

Por conseguinte, o documento esclarece que o tempo diferenciado do currículo da EJA em relação ao da escola regular não significa de forma alguma a precarização de conteúdo ou ensinar de forma aligeirada; pelo contrário, a diferença está na metodologia e na didática pelas quais esses conteúdos serão ministrados, que deverão sempre levar em consideração os saberes adquiridos pelos educandos adultos, ao longo de sua vida.

Conquanto, os conteúdos estruturantes da EJA são os mesmos da modalidade “regular”, em todos os seus segmentos. Considera-se que o educando adulto traz para os bancos escolares saberes adquiridos em outras esferas sociais, ao longo de sua vida, considerando que a escola não é o único lugar de produção e socialização de conhecimento. Conforme proposições de Skovsmose (2014, p. 14), “[...] ensina-se e aprende-se matemática no trabalho e em muitas atividades diárias: no comércio, nos bancos, no noticiário etc.”. Ao realizar tal apontamento para o ensino de matemática, destaca-se de maneira análoga que a aprendizagem ao longo da vida estende-se a todas as esferas educacionais, ou seja:

O educando da EJA torna-se sujeito na construção do conhecimento mediante a compreensão dos processos de trabalho, de criação, de produção e de cultura. Portanto, passa a se reconhecer como sujeito do processo e a confirmar saberes adquiridos para além da educação escolar, na própria vida. Trata-se de uma consistente comprovação de que esta modalidade de ensino pode permitir a construção e a apropriação de conhecimentos para o mundo do trabalho e o exercício da cidadania, de modo que o educando ressignifique suas experiências socioculturais (PARANÁ, 2006, p. 28).

Por esse viés, a EJA atende a alunos que apresentam diferentes culturas, as quais deverão sempre ser prioridades nas propostas curriculares educacionais. Logo, faz-se importante considerar o educando da EJA como sujeito que tem uma cultura, um contexto histórico-social próprio e conhecimento acumulado ao longo de sua vida.

### **2.1.3 Educadores da EJA**

Os educadores da EJA, ao longo da história, foram construindo um modelo de educação que melhor atendesse a esse público em suas necessidades educacionais. Fizeram isso por meio de fóruns, com a participação maciça de professores e outros seguimentos da sociedade. Entre as conquistas, apresenta-se o enquadramento da EJA como educação regular, passando de programa educacional para educação

regular, o que proporcionou as condições para que também fosse financiada pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) (BRASIL, 2000).

Ademais, o professor da EJA necessita ser um conhecedor da história da EJA e das características desses alunos para adequar as ações didáticas e metodológicas de forma a atender a esse público ímpar, contribuindo para a sua transformação. Nesse propósito, com relação à proposta pedagógica diferenciada para os estudantes da EJA, Fonseca (2020) pontua:

Essas transformações obrigaram a uma reconfiguração das propostas pedagógicas, especialmente para os sistemas públicos de ensino, e, de modo muito particular, definiram a necessidade de um novo equacionamento das iniciativas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quer no âmbito dos grandes esforços institucionais, quer restritas ao planejamento das atividades pedagógicas, essas iniciativas precisam buscar apresentar-se como respostas a demandas e balizarem-se por condições específicas de seu público (FONSECA, 2020, p. 27).

Fonseca (2020) também faz alguns apontamentos para os educadores matemáticos da EJA:

Nesta oportunidade, queremos, pois, alertar educadoras e educadores matemáticos de Jovens e Adultos para a especificidade cultural de seu alunado, ainda que composto por indivíduos com histórias de vida bastante diferenciadas, mas todas elas marcadas pela dinâmica da exclusão. A compreensão desse caráter definidor do público da EJA impele-nos para uma inevitável e salutar transformação na maneira de concebermos e nos posicionarmos em relação à negociação de significados e à construção de sentidos nas situações de ensino-aprendizagem da Matemática, ao considerarmos os alunos da EJA, ainda que proveniente de trajetórias diversas, naquilo que os identifica como grupo sociocultural (FONSECA, 2020, p. 31).

Fonseca (2020) ainda afirma ser necessário e urgente fazer um diálogo com as instituições e os educadores da EJA, de modo especial os educadores de matemática, para se comprometerem com uma política de inclusão e de garantia de espaços para os jovens e adultos na escola, de modo a compreendê-los como sujeitos socioculturais, que apresentam suas demandas, suas expectativas e suas contribuições em relação à educação escolar. Para Silva (2014), a EJA deve sempre ser multicultural, ou seja, uma educação pautada na diversificação do sujeito. A autora afirma ainda que o educador da EJA deva ser um conhecedor da realidade dos seus educandos, pois somente com esse conhecimento será possível desenvolver uma

educação de qualidade a esse público. Não se pode esquecer que esses alunos possuem suas historicidades.

Para a autora, o desejo e a vontade de ensinar e aprender quando se quer aprender e quando se conhece profundamente a realidade dos educandos é um fator preponderante para se estabelecer a qualidade do ensino, em específico o de matemática, objeto de estudo desta pesquisa. A autora afirma que o professor deve estar sempre nesse processo permanente de busca de novos conhecimentos e entendimentos dos seus alunos, os quais vão para a sala de aula com seus conhecimentos, expectativas e hipóteses para construir algum novo conhecimento e relacionar com a matemática, por exemplo, como pontua Silva (2014).

Com base nos apontamentos de Silva (2014), o educador de matemática da EJA no Sistema Prisional, mais do que qualquer outro, deverá também ser um conhecedor profundo das questões sociais das realidades dos alunos apenados, para dar significado aos conteúdos matemáticos e suas representações para os(as) educandos(as) presos(as).

Além de ser um conhecedor das questões sociais e econômicas nas quais o educando privado de liberdade está inserido, o professor de matemática da EJA no Sistema Prisional deve também conhecer as mudanças que vêm ocorrendo no ensino dentro do Sistema Prisional. Somente dessa forma poderão fazer as intervenções necessárias para melhor adequar os conteúdos com a realidade do aluno e às complexidades em que o ensino prisional está inserido.

Em suma, a matemática deve ser ministrada pelos educadores, considerando os conhecimentos prévios, as experiências pessoais e profissionais dos jovens e adultos, possibilitando ainda um reconhecimento de suas habilidades e competências, para que sejam capazes de interpretar melhor os problemas sociais.

#### **2.1.4 Educandos da EJA**

Para conhecer os educandos da EJA, é preciso mergulhar em suas histórias, costumes e culturas. Faz-se necessário compreendê-los em suas experiências de vida, principalmente investigar os motivos que os afastaram da escola e avaliar os fatores políticos, sociais, culturais nos quais estão inseridos.

Sobre o descaso em relação à EJA, o Prof. Sergio Haddad, no encontro Latino-Americano sobre Educação de Jovens e Adultos, realizado em Olinda-PE, em 1993, pontuou:

Falar sobre Educação de Jovens e adultos no Brasil é falar sobre algo pouco conhecido. Além do mais, quando conhecido, sabe-se mais sobre suas mazelas do que sobre suas virtudes.

A Educação de Adultos no Brasil se constitui muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento. É consequência dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida da maioria da população, que acabam por condicionar o aproveitamento da escolaridade na época apropriada.

É este marco condicionante – a miséria social – que acaba por definir as diversas maneiras de se pensar e realizar a Educação de Jovens e Adultos. É uma educação para pobres que são maioria nas sociedades do Terceiro Mundo, para os excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino. Mesmo constatando que aqueles que conseguem ter acesso aos programas de Educação de Jovens e Adultos são os com “melhores condições” entre os mais pobres, isto não retira a validade intencional do seu direcionamento aos excluídos (HADDAD, 1994, p. 86 *apud* FONSECA, 2020, p. 13).

Para Oliveira (1999), muitos docentes ainda acreditam que os sujeitos da EJA estão marcados pela sua trajetória de limitações, em especial relacionada ao aprendizado. Segundo Crusoé (2004), ancorado nos pensamentos de Moscovici (1978), a inserção de um grupo social a qualquer direito que lhe foi negado se dá por intermédio das lentes das verdadeiras teorias do senso comum. Isso tem certa justificativa a partir da dimensão que a linguagem simboliza, por meio da tradição e, principalmente, da comunicação social. As representações partem da construção social dos indivíduos e encontram no senso comum condições para se sustentar, e, nessa realidade comum, existe o saber do senso comum que norteia o cotidiano do indivíduo.

Diante do exposto, o professor de matemática da EJA deve estar aberto para dialogar com novas concepções sobre os seus educandos e, sobretudo, para os educandos da EJA do Sistema Prisional, haja vista que eles carregam, em suas historicidades, concepções que estão alicerçadas na criminalidade. Um dos objetivos da EJA, principalmente da EJA no Sistema Prisional, é dar condições para que os discentes possam modificar suas crenças. Muitos privados de liberdade têm crenças e valores que são apologia à criminalidade. No entanto, é possível transformar essas crenças a partir de práticas educativas que os estimulem à reflexão, a fim de identificarem-se como sujeitos protagonistas da sua trajetória de aprendizagem

(OLIVEIRA, 1999). O que se vislumbra com a EJA é a preparação dos jovens e adultos para seu exercício no mundo do trabalho, fortalecendo a constante busca da sua emancipação humana.

## **2.2 Educação prisional**

### **2.2.1 EJA no Sistema Prisional do Paraná**

Na década de 1950, houve o início da educação no Sistema Prisional brasileiro, conforme dispõe Novo (s/d). Até então, as prisões eram um lugar de contenção de pessoas e não existia proposta que intencionasse requalificar as pessoas presas. Acreditava-se que a privação de liberdade era o suficiente para o detento refletir sobre seus atos e ressocializar-se. Porém, os altos índices de reincidência à criminalidade serviram de motivo para o Sistema Prisional buscar novos rumos para o tratamento do indivíduo privado de liberdade, iniciando-se a educação escolar no Sistema Prisional. O filósofo Foucault (1987, p. 224) afirma: “A educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para com o detento, ela é a grande força de pensar”. Isso significa que a educação deve ser uma das ações previstas no tratamento penal e ela poderá contribuir significativamente para a ressocialização das pessoas privadas de liberdade, proporcionando-lhes possibilidades de ressignificar suas relações e atuações no mundo.

Em relação à população carcerária, o artigo 10 da Lei n.º 7.210/1984, também chamada de Lei de Execuções Penais (LEP), por sua vez, garante a assistência ao preso como um dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade. Desse modo, é na busca da capacitação das pessoas privadas de liberdade para o convívio social que a LEP assegura o tratamento penal para essa população e o carro-chefe dessa capacitação é a educação prisional.

No artigo 11 da LEP, em seu inciso IV, há a previsão da assistência educacional e os artigos de 17 a 21-A dessa legislação tratam da referida assistência, disciplinando que “[...] a assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado”, conforme o Art. 17, e que “[...] o ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa” (BRASIL, 2018, p. 3), amparado pelo Art. 18.

Ainda no plano normativo nacional, a educação prisional integra a modalidade de ensino intitulada Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), n.º 9.394 de 1996, a qual define, em seu artigo 37, essa modalidade como aquela destinada “[...] àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos Fundamental e Médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996, p. 18).

Além disso, o capítulo XII do parecer do Conselho de Políticas Criminais e Penitenciária (CNPCP), de 1994, estabelece as regras mínimas para o tratamento do preso no Brasil:

Art. 38. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso.

Art. 39. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação e de aperfeiçoamento técnico.

Art. 40. A instrução primária será obrigatoriamente ofertada a todos os presos que não a possuam. Parágrafo Único – Cursos de alfabetização serão obrigatórios e compulsórios para os analfabetos.

Art. 41. Os estabelecimentos prisionais contarão com biblioteca organizada com livros de conteúdo informativo, educativo e recreativo, adequado à formação cultural, profissional e espiritual do preso.

Art. 42. Deverá ser permitido ao preso participar de curso por correspondência, rádio ou televisão, sem prejuízo da disciplina e da segurança do estabelecimento (BRASIL, 1994, p. 5-6).

Em outras palavras, a educação é um direito que deve ser garantido a todos e deve ser gratuita, pelo menos nos níveis elementares e fundamentais, orientada para o pleno desenvolvimento da personalidade humana e para o fortalecimento do respeito aos direitos e liberdades fundamentais, nos termos do artigo 26, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada em 1948. Dessa forma, há previsão legal que fundamenta políticas públicas educacionais em favor da educação prisional.

Naturalmente, a pessoa privada de liberdade tem restrição parcial ou total do seu direito de ir e vir, porém, muitos outros direitos são assegurados, principalmente o direito à educação. Efetivamente, a proposta pedagógica curricular para a oferta de EJA nos estabelecimentos penais do Paraná de 2013 afirma que, aos privados de liberdade, são assegurados os demais direitos, como é o caso da integridade física, psicológica, moral e principalmente o direito a uma educação universal. Tal direito, como já mencionado, está referendado pela Lei de Execução Penal Brasileira (LEP),

n.º 7.210 de 1984, na qual se determina que todos os estabelecimentos penais da Federação Brasileira devem ofertar a assistência educacional a todos os apenados.

Consoante a esse contexto, nos estabelecimentos penais do Paraná, a modalidade de ensino ofertada aos privados de liberdade é a EJA. Esses alunos têm as características dos educandos da EJA fora das prisões, como: baixa renda, serem trabalhadores, desempregados, moradores urbanos de periferia, entre outros. No entanto, há também a ficha criminal.

Isso posto, convém destacar que as prisões são lugares totalmente diferentes de um ambiente escolar. A Secretaria de Estado da Educação e do Esporte (SEED) e o Departamento Penitenciário do Paraná (Depen) têm plena consciência dos desafios da educação no Sistema Prisional, pois o plano de 2012, elaborado em conjunto por esses órgãos, aponta:

Diferentemente de outros espaços nos quais a educação de jovens e adultos (EJA) foi implantada com sucesso, a prisão precisa ser ressignificada como espaço potencialmente pedagógico. Como transformar carcereiros em educadores? Como transformar presos em alunos? Como situar a educação como um valor dentro da prisão e como fazer para que as relações entre todos sejam predominantemente pedagógicas? (PARANÁ, 2012, p. 23).

Dessa maneira, criar dentro das penitenciárias um ambiente potencialmente pedagógico é, sem dúvidas, um grande desafio a ser superado. Nas palavras de Mészáros (2008, p. 11): “A escola é condição necessária, mas não suficiente para tirar das sombras do esquecimento social milhões de pessoas, cuja existência só é reconhecida nos quadros estatísticos”.

Para avançar rumo a uma educação prisional de qualidade, é preciso romper com alguns paradigmas presentes nos sistemas prisionais brasileiros, caso contrário, desperdiçaremos tempo e dinheiro.

Os principais problemas enfrentados nas prisões brasileiras como a superlotação, a deterioração da infraestrutura carcerária, a corrupção de agentes/policiais, a abstenção ou abuso sexual, o suicídio, a presença de tóxicos, a falta de apoio de autoridades governamentais, as rebeliões, a má administração carcerária, a falta de apoio de uma legislação digna dos direitos do preso-cidadão, a falta de segurança e pessoal capacitado para realizá-la e o alto índice de reincidência, aponta Magnabosco (1998), demonstram que o Brasil está aniquilando qualquer possibilidade de que as pessoas em privação de liberdade venham a se recuperar e, ao mesmo tempo, desperdiça dinheiro público (PARANÁ, 2012, p. 11).

Em síntese, faz-se fundamental repensar em como desenvolver uma educação de qualidade com as condições apresentadas no Sistema Prisional, haja vista que a educação não está isolada. Para uma boa ação pedagógica, é primordial oferecer condições adequadas para desenvolver, com qualidade, o processo de ensino e aprendizagem, além de união entre os gestores públicos e os educadores do Sistema Prisional.

A EJA é uma modalidade de ensino que vem ao encontro da necessidade e diversidade dos educandos privados de liberdade. Na proposta pedagógica curricular para a oferta de Educação de Jovens e Adultos nos estabelecimentos penais do Paraná, publicada em 2013, afirma-se que essa modalidade de ensino tem um compromisso social, cultural e socioeconômico com a população em privação de liberdade. Ela deve ser capaz de possibilitar a inserção no mercado de trabalho, o desenvolvimento de habilidades e competências para os exercícios de seus direitos e de sua cidadania, de forma a contribuir para a redução da pobreza, rumo à construção de uma sociedade mais justa. A EJA no Sistema Prisional deverá ter as seguintes funções:

- 1) **Reparadora:** permitindo a entrada da pessoa privada de liberdade no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado, o direito a uma escola de qualidade e o reconhecimento da igualdade ontológica entre todo e qualquer ser humano;
- 2) **Equalizadora:** reinserindo os encarcerados no sistema educacional, seja porque tiveram uma interrupção forçada pela repetência, pela evasão, pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas. Esta ação da EJA deve ser vista como reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos em situação de cárcere, novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação, quando em liberdade.
- 3) **Qualificadora:** considerando o caráter incompleto de todo ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares, em espaços de liberdade ou não (PARANÁ, 2013, p. 8).

De acordo com o documento *Ações norteadoras sobre o regimento escolar prisional do Estado do Paraná*, a educação em espaços de privação de liberdade tem o objetivo de promover a reintegração social e a aquisição de conhecimentos que possibilitem aos encarcerados assegurar um futuro digno. Nesse sentido, todas as ações referentes à educação no Sistema Prisional devem estar respaldadas nas legislações educacionais vigentes do país, principalmente na LEP. Essas ações contemplam todas as especificidades das diferentes etapas e modalidades do

planejamento educacional, nos estabelecimentos penais, sejam atividades referentes à educação formal ou não formal, bem como profissional e também a modalidade de **Educação à distância**, com o objetivo claro de possibilitar ao apenado a sua reintegração social. Logo, baseando-se em todos esses aspectos legais, é possível reconhecer que a educação é, sem dúvidas, um requisito para a reinserção social (PARANÁ, 2014).

No documento *Ações norteadoras sobre o regimento escolar prisional do Estado do Paraná*, em seu artigo 66, assegura-se:

Art. 66 - A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (PARANÁ, 2014, p. 36).

De maneira idêntica, a modalidade EJA no Sistema Prisional assegura aos educandos que as ações pedagógicas utilizadas nessa modalidade de ensino devem priorizar os conhecimentos adquiridos nas vivências diárias dos educandos e fazer uma contextualização direta com o seu mundo e seus interesses. Também assegura aos privados de liberdade a matrícula a qualquer tempo:

Art. 90 - Ao educando não vinculado a qualquer instituição de ensino assegura-se a possibilidade de matrícula em qualquer tempo, desde que se submeta a processo de classificação, aproveitamento de estudos, previstos no presente Regimento Escolar, conforme legislação vigente (PARANÁ, 2014, p. 42).

A matrícula a qualquer tempo é algo que contribui significativamente para que os educandos da EJA possam concluir seus estudos. Outro fator muito relevante para o processo de ensino-aprendizagem da EJA, e principalmente da EJA no Sistema Prisional, é a avaliação desses educandos. Nesse sentido, destaca-se:

Art. 148 - A avaliação da aprendizagem dos educandos deverá ser contínua, processual e abrangente, com auto avaliação e avaliação em grupo, sempre presenciais, inclusive para a avaliação da aprendizagem feita em cursos ministrados com a mediação da educação à distância:

- I. Investigativa ou diagnóstica, para possibilitar ao professor obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos;
- II. Contínua, permitindo a observação permanente do processo ensino aprendizagem e possibilitando ao educador repensar sua prática pedagógica;
- III. Sistemática, para acompanhar o processo de aprendizagem do educando, utilizando instrumentos diversos para o registro do processo;

- IV. Abrangente, de forma a contemplar a amplitude das ações pedagógicas no tempo escolar do educando;
- V. Permanente, para que permita um avaliar constante na aquisição dos conteúdos pelo educando no decorrer do seu tempo escolar, bem como do trabalho pedagógico da escola (PARANÁ, 2014, p. 55).

Por meio de uma avaliação justa e comprometida com a proposta curricular, fundamentada nos critérios estabelecidos pelo artigo 148 das *Ações norteadoras sobre o regimento escolar prisional do Estado do Paraná* (PARANÁ, 2014), é possível fazer o diagnóstico da aprendizagem dos educandos.

Esse documento ainda assegura a recuperação da aprendizagem de forma diferenciada para oportunizar àqueles ou àquelas que não tiveram apropriação satisfatória dos conteúdos ministrados. Em seu artigo 169, afirma-se que a recuperação deverá ser individualizada com atividades significativas, por meio de exposição dialógica dos conteúdos, e, ainda que essa intervenção possa ser presencial ou à distância, deverá conter o roteiro de estudos, além de entrevista para melhorar o diagnóstico e o nível de aprendizagem de cada educando.

### **2.2.2 Inclusão: Macroinclusão/Microexclusão**

Quando o educador e pesquisador dinamarquês Ole Skovsmose refere-se à inclusão, levanta questionamentos que buscam descobrir o perfil dos excluídos e intenções e interesses do grupo que exclui: O grupo a ser incluído precisa, quer, deve ser incluso? Com qual objetivo? Tendo sido excluídos, como isso se deu? Em que contexto histórico, social e político? Quais direitos lhes foram negados?

O núcleo da exclusão, a concessão de direitos a alguns e não a outros, está assentado sobre algumas dimensões, tais como: aspectos físicos, psicológicos, étnicos, sociais, orientação sexual ou outras questões de julgamento pela própria sociedade. A sociedade estabelece empiricamente alguns padrões e modelos que julga ser o correto e aceitável socialmente. Qualquer grupo que não se enquadre nesses padrões e modelos sofre várias discriminações. Até mesmo alguns direitos assegurados a esses grupos são questionados e, para muitos, não deveriam existir, como o direito à educação aos privados de liberdade. Uma boa parte da sociedade ainda não o reconhece, e o vê como um privilégio para os apenados.

Os privados de liberdade só foram incluídos no sistema educacional a partir de 1950. Pode-se dizer que, nesse caso, houve a inclusão dos privados de liberdade no

processo educativo. Ao falar em inclusão, deve-se ter atenção, pois, em alguns casos, a inclusão poderá se tornar exclusão. Os mesmos cuidados devem ser observados para que a macroinclusão não se transforme em microexclusão: o indivíduo ter a sensação de estar incluído, no entanto, o que se evidencia é a exclusão desse indivíduo ou de determinado grupo de pessoas, pois essa “inclusão” ocorre de forma que o indivíduo não seja contemplado com todos os direitos a que deveria ter acesso.

De acordo com Faustino *et al.* (2018), a macroinclusão tem por objetivo garantir a certos grupos que foram marginalizados o acesso a determinados serviços ou programas, que até então eles não tinham acesso. Geralmente, a macroinclusão é imposta por leis e decretos. Por exemplo, tem-se a inclusão de estudantes portadores de necessidades especiais no ensino regular, que está amparada por leis e decretos.

Nesse contexto, a educação no Sistema Prisional poderá ser considerada como uma macroinclusão, visto que, a partir de 1950, as unidades prisionais gradativamente foram inserindo a educação para os privados de liberdade por meio de decretos e leis. Tais leis e decretos encontraram e ainda encontram muita resistência para serem implementados. O objetivo da educação prisional é assegurar o direito ao ensino regular a esse público excluído dos bancos escolares.

Já as microexclusões, segundo Faustino *et al.* (2018), ocorrem por meio de práticas sutis e podem ser de forma consciente ou não. Tendem a isolar o indivíduo ou determinado grupo, que foi considerado incluso, sempre evidenciando alguns obstáculos para o seu pleno desenvolvimento. Esses obstáculos podem ser declarados ou velados. Podemos citar como exemplo a inclusão dos portadores de necessidade especial em uma escola que não tem acessibilidade em alguns ambientes.

Os autores, fundamentados em Freire (2002), afirmam que, no caso da microexclusão, o indivíduo ou grupo de pessoas não está à margem ou excluído. Isso significa que os excluídos estão em um processo de uma pseudoinclusão, que o desumaniza, oprime e marginaliza. Quase sempre são aspectos relacionados à raça, religião, orientação sexual etc. Também pode ser acrescentada, nesse grupo, a discriminação que os privados de liberdade sofrem da sociedade de maneira geral. Há a ideia de que estão incluídos, mas a dinâmica que acontece nas unidades prisionais de, por exemplo, não realização de aulas por falta de espaço ou de agente penitenciário para acompanhar, ou porque o módulo de estudos que o apenado cursava não é oferecido na nova unidade para a qual foi transferido, caracterizam uma

pseudoinclusão educacional. Muitas vezes, ela é causada pelo próprio Estado, que deveria prover a inclusão. Para Faustino *et al.* (2018), a microexclusão pode ocorrer de forma bem elaborada, como política de Estado de macroinclusão.

Mas as microexclusões também têm outro lado, o de produzir obstáculos para o processo de ensino e aprendizagem. “No caso educacional, microexclusões também podem mostrar-se como um obstáculo para a aprendizagem dos estudantes que as experienciam” (FAUSTINO *et al.*, 2018, p. 900).

Os educandos da EJA e, principalmente, os do Sistema Prisional são constituídos de pessoas que representam uma grande diversidade, a qual é expressada, fundamentalmente, em sua forma de agir e pensar. Sendo assim, quem são os educandos privados de liberdade? Para Julião (2007), a população de encarcerados é composta em sua maioria de pessoas do sexo masculino, número que gira em torno de 96%. Trata-se de uma população de pobres, não brancos e com pouca escolaridade, cujo perfil é um espelho da sociedade, mas de uma sociedade que não faz parte da vida produtiva e econômica da nação. Ainda de acordo com Julião (2007), os encarcerados são espelho da sociedade, no entanto, os alunos do Sistema Prisional são retratos fiéis da população carcerária brasileira.

Esse perfil da população carcerária brasileira não difere do perfil dos alunos e alunas atendidos no Sistema Prisional do Estado do Paraná. Cerca de 60% têm entre 18 e 30 anos — idade economicamente ativa — e, em sua maioria, estavam desempregados ou envolvidos com tráfico de drogas quando foram presos, e viviam nos bolsões de miséria das cidades. Fazem parte da população dos empobrecidos, produzidos por modelos econômicos excludentes e privados dos seus direitos fundamentais de vida (PARANÁ, 2014, p. 9).

Ainda sobre os educandos da EJA, eles são sujeitos com características específicas, marcados pela sua trajetória de vida. De acordo com o *Plano Estadual de Educação do Sistema Prisional do Paraná* (PARANÁ, 2014), trata-se de

[...] um sujeito sócio-histórico-cultural com diferentes experiências de vida, que se afastou da escola devido a fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais, muitas vezes com ingresso prematuro no mundo do trabalho, evasão ou repetência escolar. Tal educando traz modelos internalizados durante suas vivências escolares ou por outras experiências de vida. Nesses modelos, predomina o de uma escola tradicional, onde o educador exerce o papel de detentor do conhecimento e o educando de receptor desse conhecimento (PARANÁ, 2014, p. 19).

No entanto, as características e o perfil do educando da EJA do Sistema Prisional assemelham-se aos dos alunos da EJA fora do Sistema Prisional. Ambos carregam consigo o perfil de aluno que ainda vê o professor como detentor único e exclusivo do conhecimento. Nesse caso, é papel do professor da EJA romper com esse paradigma, de forma a contextualizar os conteúdos ensinados em sala de aula com a vivência do aluno, bem como seus conhecimentos adquiridos fora dos bancos escolares. Assim, espera-se ter espaço para a verdadeira inclusão dos educandos, de forma a proporcionar o pensamento crítico do mundo no qual estão inseridos.

### **2.2.3 Espaços físicos da educação prisional**

A educação nas unidades prisionais não tem levado em consideração a estrutura física das unidades, o perfil dos educandos apenados, nem privilegiado os agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, como professores, policiais penais e direções de presídios. Parece não ser pensada e planejada. Vale ressaltar que o Brasil, por anos, viveu sob o regime militar; a democracia ainda é muito recente, logo, a concepção do militarismo é muito forte no Sistema Prisional. Sob esse aspecto, implantar dentro desse sistema uma proposta pedagógica copiada da educação fora dos presídios, sem levar em consideração as suas particularidades, pode criar uma grande lacuna entre a proposta implantada e a necessidade dos educandos privados de liberdade.

Esse fato contribuiu para que a maioria das unidades prisionais não contemplasse espaços adequados para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dentro dos presídios, pois “[...] foram espaços internos adaptados para funcionar como sala de aulas” (PARANÁ, 2021, p. 9). E muitas vezes não é por falta de espaços. Há penitenciárias que até têm salas de aulas adequadas, porém, foram inutilizadas, simplesmente por não ter o agente penitenciário para remover o apenado até estas salas. Logo, a solução que o Estado encontrou foi improvisar espaços para funcionar como salas de aulas, dentro das próprias galerias.

Há um déficit muito grande no número de policiais penais no Estado do Paraná. Conforme o Sindicato dos Policiais Penais do Paraná (Sindarspen), para atender à demanda atual, segundo o número do próprio Depen (2021), seria necessária a contratação de no mínimo 4100 novos servidores, além de outros 2300 para trabalhar nas novas unidades que estão sendo inauguradas pelo governo do Estado do Paraná.

Destaca-se que a falta de agente penitenciário no estado do Paraná é um dificultador para o desenvolvimento educacional no Sistema Prisional, haja vista que são os policiais penais que transportam os alunos privados de liberdade até a sala de aula.

A figura a seguir é de um banheiro adaptado como sala de aula para o atendimento educacional dos privados de liberdade.

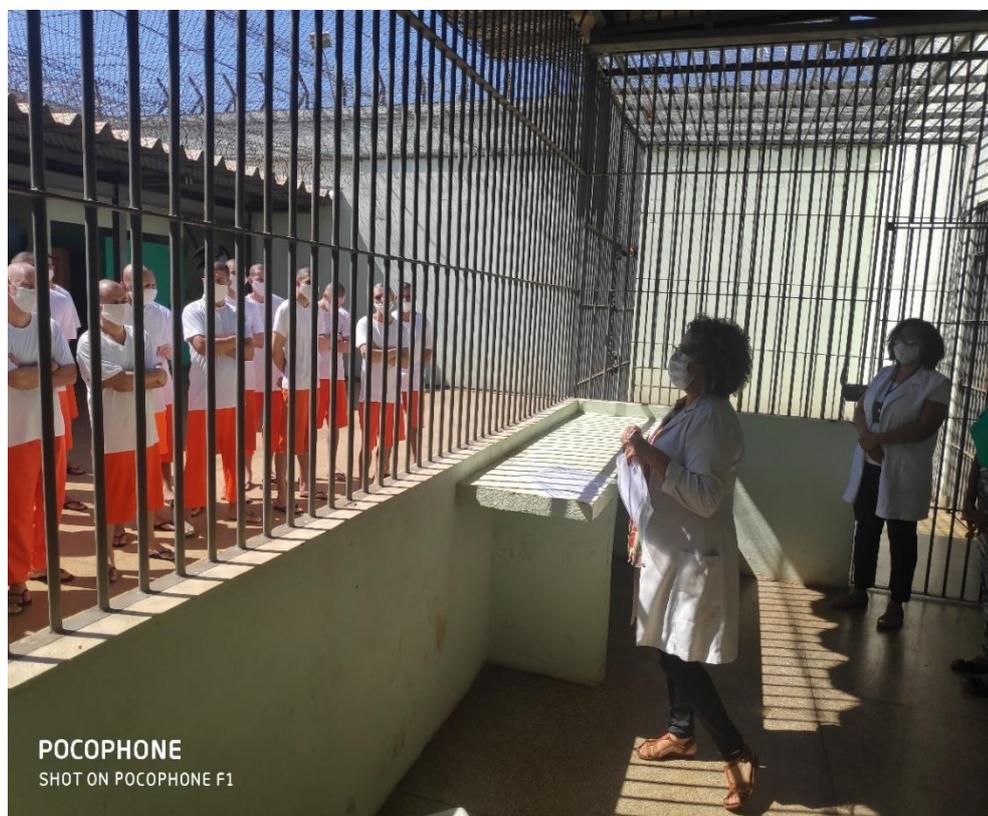


**Figura 4:** Banheiro adaptado como sala de aula na PEF II - Foz do Iguaçu, março de 2022  
**Fonte:** Acervo do autor

Essa unidade prisional tem quatro salas de aulas com capacidade para 25 alunos e mais uma sala para uso de biblioteca. Todas as salas de aula foram desativadas, simplesmente pelo fato de a unidade prisional não dispor de policiais penais para acompanhar os alunos privados de liberdade até as salas de aulas. Vale ressaltar que essa unidade conta somente com um pouco mais de 50% de policiais penais necessários para o seu funcionamento, segundo o Sindarspen. A solução que a direção dessa unidade prisional, juntamente com a direção do Ceebja que a atende, encontrou para possibilitar a oferta de aulas para os alunos presos foi adaptar os banheiros das galerias, que estavam inutilizados, como salas de aulas. Cada uma

dessas salas comporta até 14 alunos, utilizando as cadeiras, como ilustrado na Figura 4.

Já na Figura 5, é possível ver um solário adaptado como sala de aula.



**Figura 5:** Solário adaptado como sala de aula na PEF III, Foz do Iguaçu  
**Fonte:** Acervo do autor

Esse solário improvisado como sala de aula está em uma unidade prisional inaugurada em 2021, pois, em seu projeto arquitetônico original, não foi previsto espaço para o desenvolvimento educacional, apesar de vários órgãos preverem a obrigatoriedade da educação para os privados de liberdade, por exemplo a LEP de 1984, a CF de 1988, o parecer do Conselho de Políticas Criminais e Penitenciária (CNPCCP) de 1994 e a LDBEN n.º 9.394 de 1996.

Observa-se que os espaços físicos destinados ao desenvolvimento educacional dos educandos privados de liberdade diferem dos espaços físicos destinados aos não privados de liberdade. É no espaço desse solário que os apenados dessa unidade prisional estudam e participam do projeto da remição da pena pela leitura<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Remição da pena pela leitura é um projeto implantado em 2012 pela Secretaria de Estado da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos (SEJU). O projeto consiste em remir quatro dias de pena em um mês,

Vale ressaltar que a educação no Sistema Prisional tem um papel fundamental na vida do apenado. Sendo a prisão um lugar de repressão e negação de direitos, cabe à educação prisional ressignificar esse conceito, de modo a tornar o ensino dentro das prisões mais reflexivo, crítico, humanizador e capaz de oferecer sentido aos afazeres dos apenados.

O espaço adequado para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem sempre foi uma das grandes preocupações de professores e pedagogos que desenvolvem atividades educacionais nas unidades prisionais. O espaço escolar dentro de um complexo prisional deverá contribuir para a dignidade da pessoa humana, como pontua o artigo 200 das *Ações norteadoras sobre o Regimento Escolar Prisional* (PARANÁ, 2014):

Art. 200 - O espaço escolar em presídios deve ser o local onde o interno pode se sentir humano, uma vez que eles passam a ser apenas educandos, um (a) educando (a) na incessante busca pelo aprendizado que lhe possibilitará, talvez, sair da condição de miserável para uma condição mais humana (PARANÁ, 2014, p. 67).

A educação no Sistema Prisional tem, como qualquer segmento educacional, o direito a um espaço adequado para o desenvolvimento das suas ações, como determina a legislação. No entanto, muitas escolas que atuam dentro dos sistemas prisionais funcionam em ambientes improvisados, como vimos anteriormente. E essa é a realidade da maioria dos presídios brasileiros. Como elucida Rodrigues (2018):

Entende-se, contudo, que o processo de construção de uma penitenciária, fruto de uma política prisional que, historicamente, vem criando argumentos sobre a intenção na opção da pena de prisão, concorda em seu discurso que esse espaço precisa ter efeitos benéficos. Contraditoriamente, produz obras arquitetônicas que, segundo Cordeiro (2010), reduz qualquer possibilidade de humanização do sujeito, seja pela construção inadequada, pelas condições de manutenção do espaço, seja pela superlotação (RODRIGUES, 2018, p. 54-55).

Infelizmente, as prisões são ambientes que não contribuem para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Além dos espaços físicos, existem muitos outros desafios a serem superados, tais como: a transformação do ambiente carcerário em um ambiente pedagógico; o reconhecimento inquestionável

---

para os apenados que, após a leitura de um livro, seja ele clássico, literário, científico, religioso etc., e a produção de uma resenha de uma lauda, obtenha nota igual ou superior a 60 pontos. A resenha é corrigida pelo professor de língua portuguesa.

do direito à educação aos privados de liberdade; a transformação do preso em estudante; a transformação do carcereiro em participante ativo, juntamente com os educadores no processo de ensino e aprendizagem; e a transformação da educação em um valor, dentro dos presídios.

#### **2.2.4 Direito à educação aos privados de liberdade**

Outro ponto que também é muito controverso é o direito à educação para alunos(as) em privação de liberdade. Apesar de diversos documentos deixarem bem claro o direito à educação para essas pessoas, há resistência com relação ao reconhecimento desse direito. A Constituição Federal estabelece a educação como uma garantia fundamental para o pleno desenvolvimento de todos os cidadãos, como argumenta Bernardi (2015):

No rol dos direitos sociais anunciados pela Constituição Federal, dentro de Direitos e Garantias Fundamentais, a educação é o primeiro direito relacionado, denotando a importância conferida à educação pelo legislador constituinte. O direito à educação abarca não só sua garantia a todos pelo Estado, mas também seu respeito e proteção, visando a dignidade e o pleno desenvolvimento dos cidadãos (BERNARDI, 2015, p. 26).

O não reconhecimento da educação no Sistema Prisional como um direito do apenado dificulta a implementação de uma educação que ressignifique os saberes, os valores éticos, sociais e científicos desses educandos. Muitas vezes, nem mesmo a própria pessoa presa reconhece esse direito como seu. Pode-se perceber isso na fala de um interno do Sistema Prisional de Minas Gerais:

Tive oportunidade aqui, coisa que lá fora eu tinha, mas não tive interesse. Com relação à escola, tô satisfeito. Eu sou até jovem ainda, tenho dois filhos e quero completar os estudos. Tem muito irmão aqui dentro que nem sabia ler e hoje tem terceiro ano. A escola faz muito bem. [...] desde o início estudo. Tem que ter bom comportamento e eu sempre tive pra poder ter oportunidade (E6) (OLIVEIRA, 2013, p. 961).

Conforme a narrativa, o detento deixa evidente que o direito ao estudo está vinculado ao bom comportamento e que a educação no Sistema Prisional é um benefício. Esse talvez seja um dos fatores pelo qual a educação no Sistema Prisional seja tão negligenciada. Os reflexos disso são comprovados em números: 92% da

população carcerária não concluiu o Ensino Médio e somente 12,28% tem acesso à educação nos presídios brasileiros (BRASIL, 2020).

Ainda no que se refere aos direitos assegurados aos educandos privados de liberdade, o artigo 225 das *Ações norteadoras sobre o Regimento Escolar Prisional do Estado do Paraná* (PARANÁ, 2014) assegura que o educando privado de liberdade deve:

- I. Ser reconhecido e valorizado nas diferenças e nas diversidades;
- II. Ter assegurado que a instituição de ensino cumpra a sua função de efetivar o processo de ensino e aprendizagem;
- III. Ser respeitado, sem qualquer forma de discriminação;
- IV. Ter formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, cultural e político;
- V. Participar das aulas e das demais atividades escolares;
- VI. Ter assegurada a prática, facultativa, da Educação Física, nos casos previstos em lei;
- VII. Ter ensino de qualidade ministrado por profissionais habilitados para o exercício de suas funções e atualizados em suas Áreas de Conhecimento;
- VIII. Ter acesso a todos os conteúdos previstos na Proposta Pedagógica Curricular;
- IX. Ser informado sobre o Sistema de Avaliação da instituição de ensino;
- X. Tomar conhecimento do seu aproveitamento escolar e de sua frequência, no decorrer do processo de ensino e aprendizagem;
- XI. Ter assegurado o direito à recuperação de estudos, no decorrer do ano letivo, mediante metodologias diferenciadas que possibilitem sua aprendizagem;
- XII. Ter reposição das aulas e conteúdos quando da ausência do professor responsável pela disciplina;
- XIII. Solicitar os procedimentos didático-pedagógicos previstos na legislação vigente e normatizados pelo Sistema Estadual de Ensino;
- XIV. Realizar as atividades avaliativas, pré-estabelecidas, em caso de falta às aulas, mediante justificativa e/ou atestado médico;
- XV. Ter registro de carga horária cumprida pelo educando, no Histórico Escolar, das atividades pedagógicas complementares e do estágio não obrigatório;
- XVI. Requerer por escrito, a inserção de seu nome social em âmbito escolar e constando somente nos documentos internos da instituição de ensino, tais como espelho do Livro Registro de Classe, Edital de Notas e boletim escolar.
- XVII. Garantir a diversidade religiosa;
- XVIII. Cumprir e fazer cumprir as disposições do Regimento Escolar, no seu âmbito de ação (PARANÁ, 2014, p. 76-77).

Vale mencionar alguns questionamentos propositivos: A educação no Sistema Prisional contempla todas as necessidades pedagógicas dos educandos privados de liberdade? A educação no Sistema Prisional é capaz de promover o senso crítico e a emancipação do indivíduo, como previsto na LDBEN de 1996? A educação no Sistema Prisional atende à demanda dos presídios brasileiros? Os direitos dos apenados ao estudo, como os previstos na legislação, são reconhecidos e ofertados para todos os apenados que desejam participar da escolarização? Os ambientes

escolares dentro dos sistemas prisionais favorecem o processo de ensino-aprendizagem?

É notório que os educandos da EJA e, de modo especial, os inseridos no Sistema Prisional, têm necessidade de um acompanhamento pedagógico diferenciado, por ser tratar de um público com características ímpares:

A população privada de liberdade caracteriza-se como público bastante heterogêneo (com acentuada diversidade etária, étnico-racial, sociocultural, de gênero, de orientação sexual e identidade de gênero). Neste contexto, a oferta de educação no Sistema Prisional deverá contemplar toda essa diversidade de sujeitos, respeitando-os como sujeitos das aprendizagens e entendendo-os como cidadãos com direitos a proteção e participação social. Para tal, dever-se-á viabilizar uma escola democrática e de qualidade para todos e todas, que garanta o acesso à escolarização através da modalidade EJA a todas as pessoas em privação de liberdade em todos os níveis da Educação Básica, Profissional e Técnica (PARANÁ, 2013, p. 20).

Enfim, os professores que atendem a esse público devem ser conhecedores de todas essas particularidades, de modo que sejam capazes de propor ações pedagógicas que atendam a tais especificidades de forma satisfatória, conforme pontuam as Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação de Jovens e Adultos (DCE – EJA) de 2006.

A educação prisional é um direito, como discorrem vários documentos, por exemplo: a Resolução Estadual Conjunta n.º 80 de 1982; Parecer n.º 149/82 do Conselho Estadual de Educação do Paraná; Resolução Conjunta n.º 03/2011 - SEED/SEJU, que atualmente estabelece as competências de cada secretaria parceira; LDBEN/96; Lei de Execução Penal (LEP) n.º 7.210/1984 e Decreto n.º 7.626/2011, que institui o Plano Estratégico de Educação no Âmbito do Sistema Prisional. No entanto, a sociedade, de maneira geral, e muitos funcionários que trabalham no Sistema Prisional, não reconhecem de maneira clara e objetiva esse direito. Em alguns casos, os próprios apenados não reconhecem a educação no Sistema Prisional como um direito fundamental aos privados de liberdade.

O não reconhecimento da educação prisional como direito afeta até mesmo alguns professores. Assim, um dos problemas da educação prisional é a sua não constatação, haja vista que “A educação no interior dos presídios tem a função desafiadora de colaborar para a desconstrução da concepção de que esse é um ambiente de desumanidades e de negação de direitos” (PARANÁ, 2012, p. 26).

Com efeito, para esse modelo de ensino ser prioridade, precisa ser reconhecido como direito do apenado, e não um benefício. Sob essa conjuntura, “[...] torna-se urgente privilegiar as ações educacionais em uma Proposta Político Pedagógica de execução penal como programa de reinserção social para, efetivamente, conseguir mudar a atual cultura da prisão” (PARANÁ, 2012, p. 25).

Inegavelmente, a educação no Sistema Prisional ainda é vista, dentro e fora do sistema, como um benefício para os apenados. Todavia, é preciso romper com esse paradigma para termos, nas unidades, uma educação que seja acolhedora, emancipadora e de qualidade, como estabelecem a LDBEN de 1996 e o Parecer do Conselho Estadual de Educação de 2006.

A educação é um bem valioso. É a mais eficiente ferramenta para alavancar o crescimento pessoal. É tão importante que assume o status de Direito Humano fundamental, pois deve ser vista como parte integrante da dignidade humana e aquilo que contribui para ampliá-la como conhecimento, saber e discernimento (PARANÁ, 2013, p. 12).

Nessa perspectiva, com o objetivo de atender ao Plano Nacional de Educação nas Prisões, os Estados fizeram seus planos estaduais de Educação Prisional, incorporando as particularidades de cada Estado, mas convergindo ao Plano Nacional, que propõe a erradicação do analfabetismo nas prisões brasileiras. Desse modo, o Estado do Paraná aprovou seu plano em setembro de 2012, com ampla participação da comunidade e, fundamentalmente, com a participação efetiva dos educadores e funcionários do Sistema Prisional do Estado. Assim, com a realização de seminários, fóruns de discussões e debates, consolidaram a aprovação do Plano Estadual de Educação do Sistema Prisional do Paraná.

Além disso, a Secretaria de Estado da Educação e a Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos promoveram, nos dias 26 e 27 de julho de 2012, na Diretoria de Tecnologias Educacionais – DITEC, em Curitiba, o Encontro Estadual de Educação nas Prisões. Nesse encontro, estavam presentes representantes de vários segmentos da sociedade, tais como:

[...] diretores, pedagogos e professores de Estabelecimentos de Ensino que atendem às Unidades Penais, coordenadores de Núcleos Regionais de Educação e convidados dos diferentes organismos de gestão pública – Conselho Estadual de Educação (CEE), APP Sindicato, Organização dos Advogados do Brasil (OAB), Fórum EJA, Agenda Territorial, Programa Brasil Alfabetizado/Paraná Alfabetizado (PARANÁ, 2012, p. 16).

Nessa ocasião, SEED e SEJU apresentaram uma proposta pedagógica para ser implementada no Sistema Educacional Prisional do Estado do Paraná, chamada de ensino combinado à distância. A proposta estabelecia que os educandos privados de liberdade tivessem parte dos conteúdos ministrados presencialmente e outra parte seria desenvolvida à distância. Na oportunidade, os argumentos das secretarias para a implantação da nova proposta era a ampliação da oferta educacional no Sistema Prisional, a possibilidade de atendimento educacional aos presos de alta periculosidade, bem como para os presos do *seguro*<sup>5</sup>. O debate foi longo, acalorado e muito proveitoso, pois possibilitou a participação efetiva dos educadores do Sistema Prisional.

Os educadores do Sistema Prisional entenderam que a nova proposta não contribuía para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e nem seria capaz de oportunizar as transformações necessárias para os educandos privados de liberdade vislumbrarem sua ressocialização, já que “[...] a educação no ambiente carcerário deve ser compreendida como um processo que oportuniza o desenvolvimento pessoal, a transformação dos sujeitos e da sociedade” (PARANÁ, 2012, p. 21).

Para os educadores, as diretrizes curriculares da EJA de 2006 contemplavam melhor as necessidades de transformação dos alunos encarcerados, principalmente pelo perfil e as necessidades apresentadas por esses educandos, além da emergência de uma aproximação maior com o seu educador. Entretanto, a nova proposta aumentava esse distanciamento.

Em resumo, no entendimento da maioria dos educadores, a nova proposta teria dificuldade de ser implantada, devido às particularidades do Sistema Prisional, porque muitas unidades prisionais não permitem que os internos tenham, em suas celas, livros, apostilas, lápis e outros materiais para desenvolver à distância a parte combinada, apresentada na nova proposição. No entendimento dos educadores, a nova orientação não contribuía para o melhoramento das ações pedagógicas para a transmissão de conhecimentos e dos valores sociais e éticos, que são essenciais para a emancipação de todo e qualquer aluno aprisionado.

---

<sup>5</sup> Seguro - são celas separadas dos demais detentos. Geralmente, vão para o seguro os presos que cometeram crimes que não são tolerados pela maioria dos presos, a exemplo de crimes sexuais, violência contra crianças, feminicídio, presos que cobiçam mulheres ou filhas de outro preso, internos que se enquadram na lei Maria da Penha, X9 (delatores), ex-policiais ou presos de facções rivais.

Assim, o papel desafiador das Instituições Educacionais que atuam no interior dos presídios é a construção de uma proposta curricular que busque o desenvolvimento pessoal e profissional do sujeito, que o auxilie na relação dos saberes adquiridos no espaço escolar com a vida cotidiana (PARANÁ, 2012, p. 26).

No entendimento dos educadores do Sistema Prisional, naquele momento, a proposta apresentada não contribuía e nem auxiliava nas relações dos saberes adquiridos pelos educandos da EJA no Sistema Prisional.

Observa-se que o ensino no Sistema Prisional não serve só para remir a pena<sup>6</sup> do educando; ele é o fator principal para a ressocialização do estudante privado de liberdade, pois “[...] a educação no ambiente carcerário deve ser compreendida como um processo que oportuniza o desenvolvimento pessoal, a transformação dos sujeitos e da sociedade” (PARANÁ, 2012, p. 26).

Outra preocupação dos educadores no debate em 2012 era que o novo experimento servisse de laboratório para a implementação da Educação à Distância (EAD) na EJA, dentro e fora das prisões, sendo a EAD a regra e não a exceção, para atender somente aos casos especiais, como os casos dos presos de alta periculosidade e os presos do seguro. Temia-se que o experimento levasse à implementação de EAD para o Ensino Fundamental e Médio, também fora das unidades prisionais.

Em decorrência dos argumentos apresentados, a proposta combinada de educação presencial e à distância ficou de fora do Plano Estadual de Educação do Sistema Prisional do Paraná de 2012. Mas, infelizmente, em 2013, o governo do Paraná lançou novamente a proposta de educação presencial combinada com educação à distância, para a aprovação do Conselho Estadual de Educação. Já pelo PARECER CEE/CEIF/CEMEP nº 08/14, foi aprovada a referida proposta em 04 de junho de 2014, ou seja, o experimento que combina educação presencial e à distância foi aprovado por dois anos. Excetuou-se do experimento o Ensino Fundamental – anos iniciais, que continuou com 100% de sua carga horária presencial.

A nova redação do CEE de 2014 estabelece que o Ensino Fundamental – anos finais e o Ensino Médio poderão funcionar englobando uma das possibilidades:

---

<sup>6</sup> Remição de pena pelo estudo - Em 2011, foi aprovada a lei 12.433/11. De acordo com essa lei, o apenado que cumpre pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir um dia de sua pena a cada 12 horas de estudo, em qualquer nível de escolaridade, desde que essas horas sejam espaçadas em no mínimo três dias.

- a) 100% presencial;
- b) 75% presencial e 25% à distância;
- c) 50% presencial e 50% à distância;
- d) 20% presencial e 80% à distância.

De acordo com o parecer do CEE de 2014, cada Ceebja prisional pode ofertar qualquer um dos percentuais em seu estabelecimento de ensino, de acordo com sua realidade.

O experimento, que era para dois anos, está em vigência até a presente data, ou seja, está vigorando após oito anos de “experimento”. A proposta original aprovada era que essa modalidade seria implementada, principalmente, para atender aos presos de alta periculosidade e aos presos do seguro. Porém, o atendimento a esses públicos pouco mudou. A educação ainda não chegou aos presos de alta periculosidade e muitos privados de liberdade que se encontram nos seguros ainda não foram contemplados de maneira significativa com os estudos.

Por outro lado, a modalidade proposta com parte de sua carga horária à distância, chamada de proposta combinada à distância, é a regra de atendimento nos estabelecimentos penais do Paraná nos dias atuais. A prerrogativa de que cada Ceebja Prisional escolhesse o percentual da carga horária presencial também não se aplica, isto é, a cada ano, o setor educacional do Sistema Prisional recomenda qual é a modalidade a ser implementada e quase sempre é a modalidade de 20% presencial e 80% à distância.

Em 2020, com a pandemia e os decretos que proibiram o atendimento presencial nos estabelecimentos penais do Estado, foi adotado o uso de atividades impressas para o atendimento educacional no Sistema Prisional, ou seja, passou a ser 100% à distância, com registro na modalidade de 20% presencial e 80% à distância, aumentando ainda mais o distanciamento entre educador e educando.

No próximo capítulo, serão apresentadas algumas considerações sobre Educação Matemática Crítica, bem como as três narrativas de matemática descritas em Skovsmose (2019), fazendo um paralelo com o ensino no Sistema Prisional.

## CAPÍTULO 3

### EDUCAÇÃO, ENSINO, MATEMÁTICA E CRITICIDADE

*“A Educação Matemática não tem uma essência. Isso não quer dizer, contudo, que ela seja neutra”.*  
(Ole Skovsmose)

#### 3.1 Educação Matemática Crítica - EMC

Para Skovsmose (2014), a matemática tem conceito aberto, capaz de abranger vários sentidos, como no campo de pesquisa e no campo da educação. Para esse autor, a matemática comporta conhecimentos e compreensões, que, não raras vezes, não se enquadram nas estruturas institucionalizadas, como é o caso dos currículos escolares e dos programas de pesquisa. Assim, a educação matemática pode apresentar-se em diversos contextos, conforme enuncia Skovsmose (2014):

[...] o termo educação matemática tem muitos empregos, designando atividades distintas. Pensemos sobre o ensino e a aprendizagem e os diversos contextos em que eles acontecem. Há a educação matemática das escolas, em que o ensino fica a cargo dos professores e a aprendizagem fica a cargo dos alunos. E há a educação matemática fora da escola. Ensina-se e aprende-se matemática no trabalho e em muitas atividades diárias: no comércio, nos bancos, no noticiário etc. (SKOVSMOSE, 2014, p. 14).

Considerando os vários contextos em que a educação matemática<sup>7</sup>, conforme Skovsmose (2014), se manifesta, é possível fazer o direcionamento para uma educação matemática crítica, de modo a contribuir para que os educandos formem um pensamento crítico. No entanto, a realização desse direcionamento cabe aos educadores que estão envolvidos no processo de educar matematicamente. Isso significa contextualizar os saberes matemáticos com a vida do educando em todos os seus aspectos, sejam políticos, sociais ou econômicos, e ainda proporcionar aos educandos o desenvolvimento de pensamento crítico com relação à sociedade na qual ele está inserido.

Efetivamente, a matemática e o seu aprendizado sempre foram estigmatizados, criando a impressão de que somente as pessoas com um grau elevado de inteligência

---

<sup>7</sup> O termo “educação matemática”, empregado por Skovsmose, pode ser associado a “ensino de matemática” em outros contextos.

teriam êxito em aprendê-la, e que saber matemática tornaria as pessoas mais inteligentes. Nas palavras de Skovsmose (2014, p. 19): “Esta noção de que estudar matemática torna o indivíduo mais inteligente é bem antiga”. Ainda, “Platão sustentava que o conhecimento e a certeza estavam ao alcance do ser humano, e a matemática era o exemplo mais notável disso” (SKOVSMOSE, 2014, p. 19).

Evidentemente, com a revolução científica, os poderes da matemática adquiriram novos formatos. Tornou-se senso comum aceitar que as leis da natureza têm aspectos matemáticos. Ademais, o sucesso do indivíduo estava relacionado à habilidade nessa disciplina, principalmente no setor industrial.

Para Skovsmose (2019), a discussão sociopolítica da educação matemática é de suma importância, pois traz uma questão de justiça social em todas as suas diversidades. O autor apresenta como centro dessa discussão o desejo de que a educação matemática poderá causar um grande impacto social e político, contribuindo para uma visão diferenciada de mundo, vislumbrando a emancipação do indivíduo rumo a uma cidadania crítica. A EMC deve ter uma dimensão política para a prática da libertação do sujeito. Considerando a reflexão de Skovsmose (2014), entende-se que o ensino de matemática no Sistema Prisional deveria estar fundamentado nos mesmos pilares da EMC para causar grande impacto social e político na vida dos educandos privados de liberdade e ser capaz de direcioná-los rumo à sua emancipação.

Segundo Paiva e Sá (2011), para sermos críticos, devemos encontrar alternativas para solucionar problemas, crises e conflitos encontrados em nosso dia a dia. Os autores afirmam, ainda, que o cidadão desenvolve competência crítica quando sabe onde buscar a solução para os conflitos. De modo similar, os autores pontuam que o ensino de matemática que valorize a EMC deve fornecer aos educandos os instrumentos que permitam a eles fazerem uma análise crítica de uma situação, bem como das condições, na busca de alternativas para resolver os problemas.

Consoante a esse discurso, faz-se fundamental que mudanças aconteçam nos discursos e na prática. “Só com discurso, não se aquece uma escola. Mudanças de discursos levam a modificações, mas nem todas as modificações são obtidas apenas com mudança de discurso” (SKOVSMOSE, 2014, p. 120).

Para Paiva e Sá (2011), a matemática deve ter significado claro para o educando. Os problemas matemáticos precisam estar fundamentados nas práticas sociais e culturais, de modo a permitir uma articulação entre a cultura individual e

social do sujeito. Esse pensamento é corroborado por Frankenstein (2005), ao afirmar que a educação precisa de práticas pedagógicas críticas. Entende-se, por esse tipo de experiência, toda prática que lança olhar com a mesma magnitude, tanto para os conteúdos quanto para a metodologia. Conforme Skovsmose (2014), o professor exerce um importante papel, capaz de criar ambientes que tornam a aprendizagem mais sedutora e atraente, desvinculada da matemática tradicional. Por isso, elucida:

De acordo com a educação matemática moderna, os professores devem atuar como embaixadores da matemática. Eles devem se ocupar com a criação de ambientes de aprendizagem atraentes, seja livros-textos ou projetos curriculares, que abram caminho direto para os alunos chegarem ao âmago da matéria e garantir que eles gostem dela (SKOVSMOSE, 2014, p. 75).

Transferindo o que pontua Skovsmose (2014) para o professor de matemática do Sistema Prisional, este precisa, mais do que nunca, criar esse ambiente dentro desse espaço de ensino, intencionando que a matemática seja mais atraente e contextualizada para os educandos.

Paiva e Sá (2011) questionam o modelo de ensino de matemática tradicional e afirmam que o modelo tradicional poderá ter sentido contrário ao modelo da EMC, pois o modelo tradicional leva os alunos a perder a sua capacidade criativa e, em alguns casos, pode levar à alienação. Esse pensamento corrobora o de Freire (2005), quando afirma que o desenvolvimento da curiosidade nos leva a um processo educativo progressivo. O autor destaca, ainda, que é inconcebível a ideia de que apenas o professor tenha o papel decisório no processo de ensino e aprendizagem.

Para Skovsmose (2014), o processo educacional é multidimensional e deve ser entendido como um processo de amplo diálogo entre professores e alunos, de modo a permitir que o educador identifique assuntos que sejam relevantes para o educando desenvolver a competência crítica. Portanto, esses assuntos não devem ser impostos, mas construídos coletivamente.

A matemática talvez seja a área do conhecimento humano que mais contextualiza a realidade do indivíduo com o aprendizado escolar, pois traz à tona conhecimentos que envolvem o estudo da Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Estatística e Cálculo, em busca da sistematização de quantidades, medidas, espaços, estruturas e variações. Nesse sentido, D'Ambrosio (1986) afirma:

Talvez mais do que qualquer outra manifestação do conhecimento humano, a Matemática seja universal. Assim sendo, permite uma análise crítica sobre o seu papel na melhoria da qualidade de vida, com inúmeras interpretações sobre o que representa a ciência para o bem-estar do homem (D'AMBROSIO, 1986, p. 16).

Nessa perspectiva, a necessidade de reconhecer a educação matemática como um suporte de sobrevivência e de inserção do indivíduo na sociedade tornou-se uma emergência para suas reais práticas interativas. Assim, cabe ao professor de matemática do Sistema Prisional contextualizar e adaptar os conteúdos a serem ensinados aos alunos privados de liberdade com as práticas matemáticas que já desenvolveram.

### **3.2 Três narrativas de inclusão da Educação Matemática Crítica no contexto da educação no Sistema Prisional**

Esta subseção abordará os pilares da educação matemática inclusiva, ancorada nas três narrativas descritas do educador dinamarquês Ole Skovsmose.

Skovsmose (2019) afirma que, ao nos referirmos à educação matemática inclusiva, é importante considerar no que os estudantes estão incluídos e, para isso, o autor estabelece três narrativas sobre o possível funcionamento social da educação matemática. Adotaremos essas narrativas para tratar de educação matemática inclusiva no Sistema Prisional.

No contexto apresentado na primeira narrativa, a matemática é tida como uma ciência exata, com muitas qualidades atrativas e representativas da racionalidade humana, e, por isso, deve ser amplamente celebrada. A atual sociedade exige que, para o cidadão estar inserido nela, deverá ter se apropriado de competência matemática. Essas competências, segundo Skovsmose (2019), são de suma importância para várias atividades do cidadão em seus afazeres, como comprar, vender, investir e para entender as propagandas e algumas reportagens dos noticiários, que, em sua maioria, utilizam gráficos e tabelas. Assim, a matemática se torna útil. De acordo com essa narrativa, a matemática se torna uma construção louvável para garantir o sucesso desses indivíduos.

A matemática, vista dessa forma, traz aos seus professores o papel de levar os estudantes a dominar essa disciplina. No viés da primeira narrativa, aprender matemática é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. “A educação

matemática funciona, assim, para muitas pessoas, como garantia de boa posição no mercado de trabalho. Isso também é potencialização pessoal” (SKOVSMOSE, 2014, p. 20). Considerando os aspectos da primeira narrativa, ficam os seguintes questionamentos: a educação matemática dentro dos presídios brasileiros oferece condição aos alunos privados de liberdade de se desenvolverem como pessoa, em busca de seu sucesso pessoal? Há condições para que os apenados aprendam matemática para o pleno desenvolvimento de seus afazeres diários? A educação matemática no Sistema Prisional tem se preocupado com os conteúdos ministrados em sala de aula, de modo a vislumbrar o sucesso individual dos apenados?

Skovsmose (2019) descreve a segunda narrativa inspirado nas ideias de Michel Foucault (1987), considerando a comparação que este realizou entre escolas e prisões. Essa comparação pode fornecer um quadro sombrio do que pode significar a escolarização. A educação, em vez de abrir um cenário para o conhecimento, torna-se uma forma eficiente para ajustar os educandos na ordem social dada. Assim, essa narrativa se confronta à primeira.

O ajustamento à ordem social dada é um fato muito evidenciado dentro do Sistema Prisional. A cultura do militarismo, comum aos policiais e carcereiros, é imposta para educadores e educandos do Sistema Prisional. Com a ideia de que o apenado está recebendo um benefício, que pode ser retirado se ele não estiver ajustado ao sistema, mantém-se a ordem social. Os educadores também se submetem e se ajustam, quando não podem dar atenção às reclamações dos alunos sobre o sistema ou por não ter à disposição materiais pedagógicos, como uma régua ou um compasso.

O ensino de matemática no Brasil tem servido aos interesses do poder dominante da sociedade; apesar de ser apresentado como um serviço de metas atraentes, segue repetindo o que viveu por séculos com a colonização.

Skovsmose (2019), fundamentado em Fanon (2008), afirma que a inclusão pode ser um fator de dominação, em que “[...] a inclusão social do colonizado só é possível se o colonizado imitar o colonizador” (SKOVSMOSE, 2019, p. 19). O autor afirma que, na análise de Fanon, essa é a lógica que é aplicada à educação colonial. “É uma lógica que tende a eliminar a identidade da criança colonizada e a fornecer ‘máscaras brancas’. É um programa brutal de inclusão através da educação” (SKOVSMOSE, 2019, p. 19). De modo similar, a educação dentro dos presídios brasileiros tem essa mesma lógica.

Inquestionavelmente, não podemos perder de vista que a inclusão tem vários aspectos e pode servir como forma de dominação, a exemplo do que ocorreu em vários países da América do Sul, como o Brasil, onde tivemos, ao longo dos anos, uma educação eurocêntrica, que desqualificava o costume e a religiosidade de vários povos, principalmente dos africanos, trazidos de seus países como escravos. Esses povos eram proibidos de cultuar suas danças, costumes e sua religiosidade, a tal ponto que, se um negro fosse flagrado, por exemplo, dançando capoeira, ele era condenado ao crime de vagabundagem, durante os anos de 1890 a 1937, de acordo com o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1890.

A notoriedade desse fato culminou com o próprio reconhecimento do Estado brasileiro de sua falha educacional ao não contemplar a historicidade desses povos em seus livros didáticos. O reconhecimento claro dessa falha veio com a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, que obriga todas as escolas brasileiras públicas ou particulares a implementar de forma transversal a história da cultura afro-brasileira, ou seja, um reconhecimento claro de que a história desse povo não foi contemplada nas matrizes curriculares da Federação. Vale ressaltar que esse reconhecimento ocorreu após a organização dos movimentos negros em todo o Brasil.

E, ainda, os povos indígenas também tiveram suas crenças, costumes, línguas e religiosidade condenados pelo colonizador, que, por séculos, tentou impor sua religiosidade e seus costumes aos indígenas por meio da catequização. A historicidade dos povos indígenas também não foi contemplada de maneira adequada nos livros didáticos e o reconhecimento dessa falha pelo estado brasileiro só ocorreu tardiamente, e veio, a exemplo do que aconteceu com os povos afrodescendentes, com a promulgação da Lei n.º 11.645/2008, que, de modo similar à Lei n.º 10.639/2003, obriga, também, todas as escolas da federação brasileira a contemplarem em seus currículos, de forma transversal, a história dos povos indígenas. Vale ressaltar que, com a aprovação do novo Ensino Médio pelo Governo Federal, implementado a partir de 2022, as escolas não terão mais a obrigatoriedade de contemplar de forma transversal a história da cultura afro-brasileira e nem dos povos indígenas, como previam as Leis n.º 10.639/2003 e 11.645/2008.

A terceira narrativa é bem distinta da segunda, no entanto, também se confronta diretamente, em alguns aspectos, com a primeira narrativa. Ela é inspirada em Paulo Freire, e, de acordo com essa narrativa, a educação deve fornecer aos educandos condições de ler e escrever o mundo. “Por ‘leitura’ Freire refere-se a uma

interpretação política crítica do mundo e, por ‘escrever’, ele se refere a um envolvimento político” (SKOVSMOSE, 2019, p. 22.). A educação matemática na concepção da terceira narrativa permite fazer uma discussão profunda das injustiças sociais, tais como na distribuição de renda, compreendendo os motivos políticos, econômicos e sociais que levaram à desigualdade na distribuição de renda. E, aos apenados, pode servir para mostrar-lhes possibilidades de atuação, de uso dos seus direitos etc.

Na primeira narrativa, a matemática é tomada como um domínio do conhecimento humano amplamente requisitado e celebrado. A segunda narrativa aborda a submissão social provocada pela educação matemática, enquanto a terceira destaca que a educação matemática pode ser uma possibilidade de empoderamento social, pois possibilita ao estudante fazer uma leitura e uma escrita do mundo por meio da matemática.

A idealização da educação matemática dentro dos presídios brasileiros seria fundamentada na EMC e ancorada na terceira narrativa de Skovsmose (2019). Trata-se de uma educação matemática capaz de proporcionar aos educandos privados de liberdade um pensamento crítico da sociedade na qual estão inseridos, uma educação matemática que ofereça condições para esses cidadãos lerem e escreverem o mundo criticamente.

No entanto, evidencia-se que o ensino de matemática desenvolvido nos presídios brasileiros está em um cenário totalmente diferente. Não há, no Sistema Prisional, espaço adequado para ensinar e aprender matemática como pontua a LDB. A educação matemática no Sistema Prisional não tem um currículo voltado para a educação dos apenados, que leve em consideração seus aprendizados prévios e suas condições sociais. No atual cenário, com o distanciamento entre educador e educando promovido pelo parecer do CEE em 2014, que possibilitou a EAD para os educandos privados de liberdade, e, também, com o advento da pandemia, que aumentou ainda mais o distanciamento entre o educador e o educando, a atual conjuntura dos presídios brasileiros não favorece o desenvolvimento de reflexões críticas, políticas, econômicas e sociais aos moldes da EMC.

No capítulo seguinte, descrevem-se os aspectos metodológicos que ampararam a pesquisa, os desafios e dificuldades, bem como alguns dados apresentados pela pesquisa.

## CAPÍTULO 4

### ASPECTOS METODOLÓGICOS E AS PRIMEIRAS COMPREENSÕES SOBRE OS SUJEITOS DA PESQUISA

*“A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas sejam certas”.*

(Mário Quintana)

#### 4.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de buscar compreender a relação que as educandas privadas de liberdade da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu - Unidade de Progressão (PFF-UP) estabelecem com a matemática e os motivos que as levaram a buscar a escolarização no cárcere, além de investigar as condições em que acontece o processo de ensino e de aprendizagem de matemática.

O Estado do Paraná está autorizado, desde 2014, a ofertar em seus presídios a educação semipresencial. Esse fato se tornou possível após o parecer do CEE de 04 de junho de 2014, que estabeleceu que a educação semipresencial seria um experimento educacional a ser testado por dois anos, no entanto, está em vigor até a presente data. O percentual de educação à distância varia de acordo com as unidades prisionais.

O distanciamento entre educador e educando no Sistema Prisional do Paraná aumentou com o advento da pandemia da Covid-19. Isso significa que, de março de 2020 a dezembro de 2021, as atividades educacionais foram desenvolvidas totalmente à distância, com a utilização de material impresso. Somente em 2022, as atividades educacionais no Sistema Prisional do Paraná voltaram a ocorrer com momentos presenciais, com 20% de sua carga horária presencialmente, sendo a maior parte (80%) à distância, por meio da utilização de material impresso.

Para a realização da coleta de dados desta pesquisa, havia uma previsão de que, em 2021, a pandemia já não existiria e haveria condições de realização deste trabalho presencialmente, todavia, a pandemia se estendeu para 2021. A orientação do setor educacional do Depen foi de que, em 2021, o atendimento educacional continuaria por meio dos materiais impressos, ou seja, durante os anos de 2020 e 2021, não houve contato direto entre professor e aluno para o desenvolvimento das

ações de ensino e aprendizagem dentro do Sistema Prisional. Sob esse aspecto, lançamos os seguintes questionamentos: Como realizar uma pesquisa de campo neste contexto? Qual método a ser utilizado? Essas dúvidas fizeram com que os rumos da pesquisa mudassem, bem como a metodologia utilizada.

## **4.2 A narrativa e as cartas**

Considerando a então conjuntura para a pesquisa de campo na PFF-UP, escolhemos como instrumento de pesquisa as narrativas escritas, por entender que este instrumento fosse adequado para atingir os objetivos da pesquisa e, principalmente, em meio à pandemia da Covid-19, pois ainda não era possível o atendimento presencial com as educandas privadas de liberdade da PFF-UP.

Em 2012, o Estado do Paraná aprovou a lei n.º 17.329/12, a qual instituiu o programa da remição da pena pela leitura nos estabelecimentos penais do Estado do Paraná, com o objetivo de estimular a leitura e a escrita dos apenados do Sistema Prisional. A referida lei possibilita que cada interno leia um livro por mês e, após a leitura, escreva uma resenha de no mínimo uma lauda. Se tiver aproveitamento igual ou superior a 60 pontos, o apenado terá quatro dias remidos de sua pena. Por causa dessa lei, muitos internos já têm a prática da leitura e da escrita.

Tradicionalmente, os apenados do Sistema Prisional de Foz do Iguaçu-PR se comunicam por meio de cartas com seus familiares, companheiras/companheiros e mesmo entre os internos da instituição. A conjuntura causada pela pandemia e a familiaridade das presas com a escrita das cartas contribuíram para a decisão de utilizar esse instrumento de comunicação, isto é, as narrativas escritas, nomeadas “cartas”, para o desenvolvimento da pesquisa na PFF-UP.

Também se entende que as narrativas são um importante instrumento de pesquisa, as quais abrangem vários aspectos, principalmente os socioculturais. Ademais, as narrativas, sejam elas escritas, desenhadas ou faladas, possibilitam obter conhecimentos e informações de diversos pontos de vistas, pois são influenciadas pelos aspectos culturais, sociais, econômicos, éticos, entre outros. Como a pesquisa busca compreensões sobre as relações que as educandas privadas de liberdade estabelecem com a matemática, entendeu-se que o método das narrativas escritas por meio de cartas seria apropriado para se obter com precisão as informações da pesquisa.

Para Souza e Cabral (2015), as narrativas convergem com a história da humanidade. Nestas, devem ser observadas sempre os contextos históricos, sociais, econômicos, educativos e políticos em que os grupos estão inseridos, pois o narrador narra de acordo com a sua experiência vivida.

Convém ressaltar que a tipologia narrativa pode ser abordada em diversos gêneros discursivos, como: diários, memoriais, entrevistas, bilhetes, cartas, entre outros, isto é, “As narrativas, nesse aspecto, levam nossa compreensão da historicidade do sujeito, do voltar para si num processo de reflexão” (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 3).

As autoras afirmam que as narrativas escritas, especialmente as que estão no formato de “carta”, são um importante instrumento de pesquisa e estas têm um aspecto histórico muito importante, por exemplo: a carta de Pero Vaz de Caminha (1500), redigida em Porto Seguro no Sul da Bahia, para informar ao rei de Portugal sobre a descoberta do “Novo Mundo”; o Manifesto Comunista (1848), com a intencionalidade de conscientizar os trabalhadores de suas condições históricas e sociais; a Carta da Terra (2000), considerada um importante documento redigido durante o Rio-92, que propunha uma sociedade mais justa, pacífica e sustentável; a Carta da Liberdade (1955), escrita com a participação do Nobel da Paz, Nelson Mandela, a qual defendia direito igual a todos os cidadãos sul-africanos, independentemente de sua cor, cujo documento foi um marco da luta contra o Apartheid; a Carta do Chefe Indígena de (1854), que se tornou para muitas pessoas um dos mais belos pronunciamentos já realizados em defesa do meio ambiente em todos os tempos; e a Carta dos Sem-Terra, dentre tantas outras.

A carta é um instrumento de comunicação que estabelece uma relação direta entre o escritor e o leitor. No entanto, as cartas servem para informar, fazer retrospectiva, fazer descobertas, expressar sentimentos, entre outros aspectos. E, sem dúvidas, é um importantíssimo instrumento de pesquisa narrativa.

De acordo com Souza e Cabral (2015),

A carta é também um instrumento pedagógico de uso fácil. A linguagem da carta é determinada pela intenção comunicativa e pela relação existente entre os pares. Dependendo da intenção, pode ser descritiva, persuasivo-argumentativa e narrativa (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 7).

As autoras afirmam que o educador Paulo Freire utilizou muito o método das narrativas de cartas para se comunicar, principalmente as cartas pedagógicas, como *Reflexões sobre minha vida e minhas práxis*, de 1994. Nelas, o educador Freire deixava transbordar sua profunda humanidade e discutia vários problemas contemporâneos. E, ainda, fazia reflexões sobre a vida, o mundo e a escola. Para Souza e Cabral (2015), as narrativas por meio desse gênero discursivo promovem aprendizado, libertam tensões, trazem à tona o passado e, principalmente, questionam o presente.

Muylaert *et al.* (2014) afirmam que a narrativa é um tipo de pesquisa em que o entrevistado é estimulado a narrar suas histórias de vida do seu ponto de vista ou a contar algo sobre algum acontecimento de sua existência, sempre no contexto em que o indivíduo está inserido, levando em consideração o seu contexto social. Nesse sentido, entende-se que as narrativas escritas se tornam mais fidedignas quando o entrevistado usa sua própria linguagem, ou seja, a linguagem do seu cotidiano. A influência do pesquisador, nesse tipo de investigação, deve ser a mínima possível. Conforme as palavras dos autores,

As narrativas, dessa forma, são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas à comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sóciohistórico. Não se tem acesso direto às experiências dos outros, lida-se com representações dessas experiências ao interpretá-las a partir da interação estabelecida (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 195).

Os autores afirmam que, nesse tipo de pesquisa, o importante é o que está acontecendo no tempo presente, de modo que o passado pode ser ressignificado no momento da narração, seja escrita ou falada, sendo as narrativas mais adequadas para expressar as histórias detalhadas de experiências de vida dos sujeitos entrevistados.

Assim, entende-se que essa tipologia “narrativa” é um instrumento adequado para identificar e compreender as relações que as educandas privadas de liberdade da PFF-UP estabelecem com a matemática. Apesar de certa familiaridade com a educação prisional, é preciso ouvir o outro, compreender o conhecimento do outro de acordo com suas experiências e valores. Muylaert *et al.* (2014) apontam que

As narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos, ao mesmo tempo em que as narrativas revelam experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmo, são também constitutivas de fenômenos sócios históricos específicos nos quais as biografias se enraízam. As narrações são mais propensas a reproduzir estruturas que orientam as ações dos indivíduos que outros métodos que utilizam entrevistas. Dessa maneira, o objetivo das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do informante, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes (MUYLEAERT *et al.*, 2014, p. 5).

Por isso, os sujeitos da pesquisa são as internas matriculadas na disciplina de matemática do Sistema Prisional Feminino de Foz do Iguaçu-PR, no ano de 2020, que concordaram em participar da pesquisa. A escrita das cartas pelas educandas ocorreu durante os meses de maio e junho de 2021.

#### **4.3 O desafio de realizar uma pesquisa de campo em meio à pandemia**

Após eleito o instrumento de coleta de informações, deu-se início ao processo de pesquisa propriamente dito.

Para submeter o projeto ao Comitê de Ética, foi necessária a aprovação do chefe da 9ª Regional do Depen, a concordância da diretora da PFF-UP, a aprovação do diretor do Ceebja que atende às unidades prisionais da 9ª Regional, nesse caso o próprio pesquisador, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido para as participantes da pesquisa.

Após o projeto ser aprovado pelo Comitê de Ética, conseguimos uma autorização especial com a Diretora da PFF-UP para falar com as internas no solário da unidade, respeitando as regras do devido distanciamento, para explicar o objetivo da pesquisa e colher as assinaturas do termo de consentimento. Foi um encontro muito especial, pois, após um ano e meio sem encontrar as alunas, revê-las foi muito emocionante. Também foi especial para elas, que estavam há muito tempo sem contato também entre si, pois, durante a pandemia, todos os atendimentos foram suspensos, ficaram sem visitas de familiares e sem banho de sol. Foi um reencontro emocionante, pois elas queriam se abraçar. Momentos como esse mostram o quanto as relações humanas e o contato com o semelhante são importantes. Era possível ver a alegria estampada em seus olhares. O confinamento deprime o ser humano.

Foi feito um novo pedido para que fosse possível mais um encontro com as educandas, com a intenção de realizar os encaminhamentos propostos pela pesquisa.

Conseguimos uma autorização para uma nova reunião no solário com a duração de 45 minutos. De posse dessa autorização, refletimos sobre qual seria a melhor forma de realizar o encaminhamento, usando o tempo disponível. A decisão foi por escrever um pequeno texto para inspirá-las e passar as instruções para a escrita das cartas. Dessa forma, planejou-se a proposta da redação.

## **CARTA EXPLICATIVA**

*Cara aluna, você foi escolhida para participar de uma pesquisa de mestrado em Educação Matemática, do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e Educação Matemática o (PPGECEM), na linha de pesquisa de Educação Matemática, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel.*

*O objetivo desta pesquisa é compreender a relação que as educandas privadas de liberdade da PFF-UP estabelecem com a matemática e compreender como se desenvolve o ensino de Matemática na PFF-UP/Foz do Iguaçu. Estas informações virão através de uma carta redigida por você. Portanto, você irá redigir um texto que:*

- Contemple sua história de vida, relacionando com a Matemática;*
- A forma como você teve os primeiros contatos com o pensamento matemático e com os números;*
- Algum relato de sua vida que envolva algum aprendizado de Matemática, alguma inspiração de alguma pessoa ou professor, principalmente dessa disciplina;*
- Quais conteúdos que lembra de ter estudado e qual conteúdo de Matemática você mais gostou de aprender;*
- Por que você considera importante aprender Matemática, qual a importância desse aprendizado para sua vida.*

*Lembre-se: nesta história não poderá faltar o seu relato na prisão, por isso é fundamental conter:*

- Quanto tempo está presa;*
- Há quanto tempo você estuda no Sistema Prisional, os motivos que levaram você a procurar o estudo dentro da prisão, se considera o estudo importante e o porquê, quando você começou o estudo de Matemática na prisão, quais conteúdos você lembra de ter estudado neste espaço privado de liberdade, a importância de aprender estes conhecimentos para a sua vida.*

*Neste relato também deverá conter como é o ensino dentro da prisão e como ocorre o ensino de Matemática no Sistema Prisional na sua visão, se os espaços físicos na PFF-UP são adequados para se aprender Matemática, de que modo este ensino possa ter um aspecto mais voltado para o social e a ressocialização, o que poderia ser feito para melhorar a*

*educação e o ensino de Matemática na referida unidade prisional, e o que mudou no ensino nas unidades prisionais com a pandemia da Covid-19.*

Juntamente com o texto, foram disponibilizadas quatro folhas de papel A4 com trinta linhas cada folha. Foi realizada uma reunião com as internas no solário da PFF-UP; a princípio, seriam 27 alunas, destas, cinco já tinham conseguido o alvará de soltura e duas estavam em isolamento por causa da Covid-19.

Foi explicado o objetivo da pesquisa e estipulou-se um prazo de 15 dias para que as alunas devolvessem o texto escrito. Na oportunidade, elas fizeram algumas perguntas que chamaram bastante a atenção, entre elas: Posso escrever tudo? Inclusive tudo o que penso? Não serei penalizada? As guardas terão acesso aos meus textos? Pois, se tiverem, não dá para escrever tudo. Afirmamos que a direção da penitenciária não teria acesso aos textos e que todas as cartas seriam entregues por elas diretamente ao responsável pela pesquisa. Somente após o compromisso de que nenhuma policial penal teria acesso aos textos, todas as educandas presentes concordaram em participar da pesquisa.

Após os 15 dias combinados, não obtivemos autorização para nos reunir com as educandas no solário. A chefe de segurança nos disse: “me passem a listagem que vou recolher os textos”. Isso nos assustou, pois havia o comprometimento de que nenhuma policial teria acesso aos textos. Então, fizemos um pedido especial para a Chefe de Segurança da Unidade, a quem solicitamos autorização para entrar no presídio acompanhado de uma de suas policiais para recolher os textos. Felizmente, conseguimos a autorização e nos dirigimos, acompanhados de uma policial, ao interior da PFF-UP. Como resultado, recolhemos os textos das mãos de cada interna.

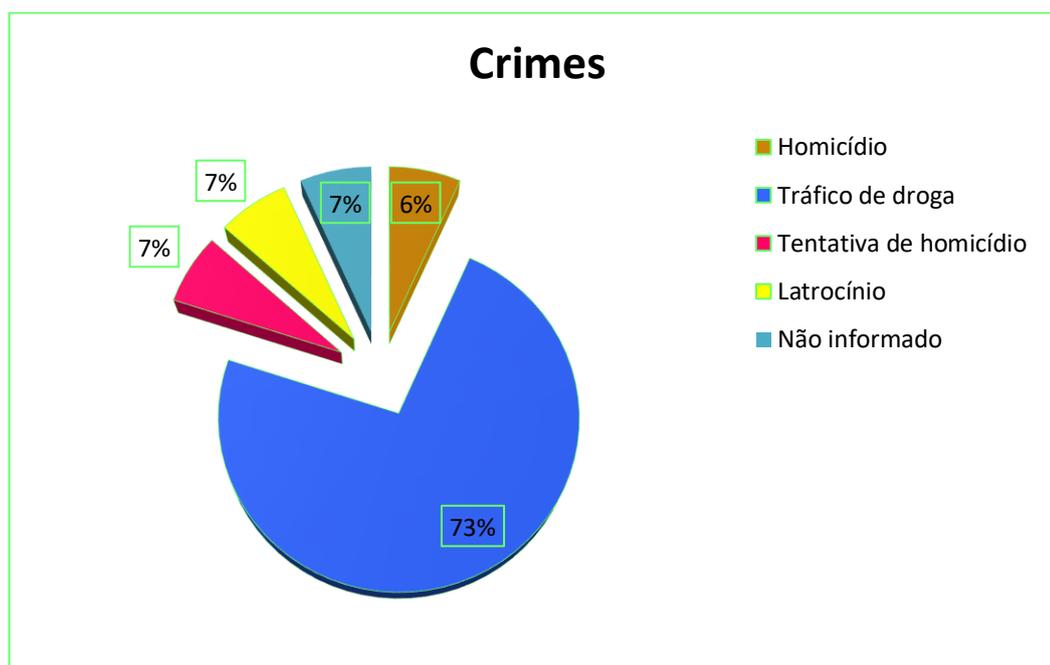
Das 20 participantes daquele primeiro encontro no solário, obtivemos somente dezesseis cartas; duas internas estavam em isolamento por falta disciplinar e outras duas estavam em isolamento por causa da Covid-19. De posse das cartas, o primeiro passo foi transcrevê-las, assim, começamos a entender o conteúdo do material.

#### **4.4 Primeiras análises: compreendendo quem são os sujeitos da pesquisa**

A pesquisa aconteceu por meio das narrativas escritas, englobando o gênero “cartas”, as quais são compostas por descrições que contam as histórias das educandas privadas de liberdade da PFF-UP, seu passado, seu presente no cárcere

e, principalmente, a projeção do seu futuro, sempre relacionando estas conversações com a matemática. A análise que segue considera as 16 cartas devolvidas e foi realizada para que pudéssemos ter uma ideia geral sobre a idade, se são mães, o tipo de crime cometido e a quantos anos foram condenadas à privação de liberdade as educandas.

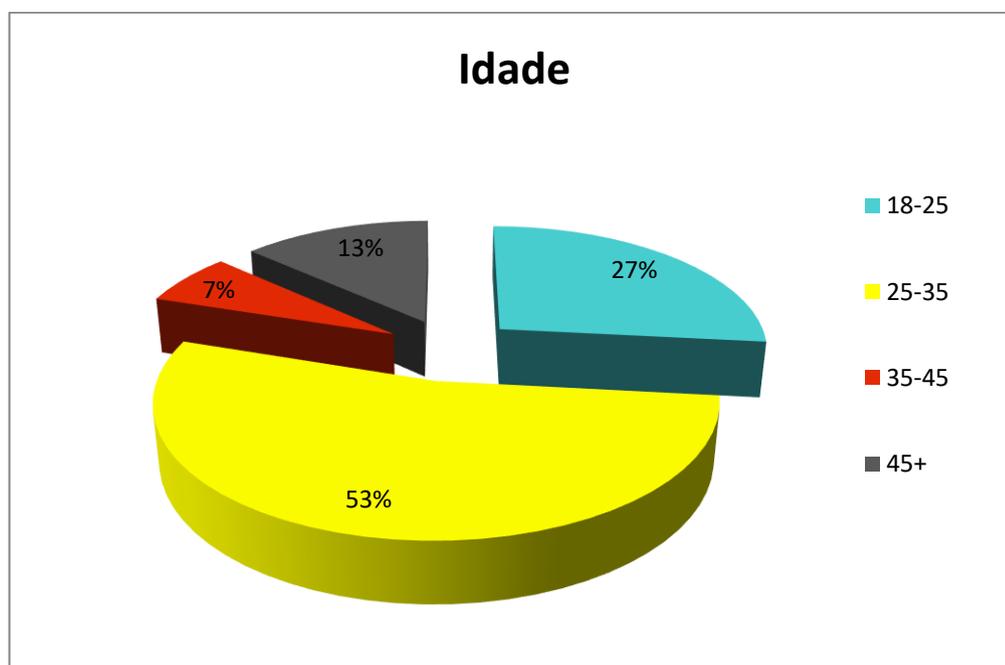
O gráfico a seguir representa o tipo de crime cometido pelas educandas participantes da pesquisa.



**Gráfico 1:** Tipo de crime que as educandas da PFF-UP praticaram e pelos quais foram condenadas  
**Fonte:** Elaborado pelo autor

A maioria das educandas estão condenadas pelo crime de tráfico de drogas. Esse tipo de crime representa 73% das condenações das participantes da pesquisa, mantidas na unidade prisional de Foz do Iguaçu-PR. O número está acima da média nacional, segundo o Infopen, já que, em 2017, 62% das condenações de mulheres eram por crimes envolvendo tráfico de drogas. Muitas das participantes da pesquisa afirmam que só estão sentenciadas por causa dos maridos, que as obrigaram a se envolver em ato ilícito. Há ainda casos de algumas que afirmam ser inocentes e que o único crime cometido foi ter um marido traficante. Essas informações corroboram os dados oficiais do Infopen de 2017, que apontam que a maioria das mulheres se envolve com o tráfico de drogas influenciadas pelos próprios companheiros.

No que tange à idade das educandas privadas de liberdade da PFF-UP, os índices são bem semelhantes aos dados nacionais. O gráfico a seguir representa as idades das participantes da pesquisa.



**Gráfico 2:** Idade das educandas privadas de liberdade de Foz do Iguaçu-PR  
**Fonte:** Elaborado pelo autor

O gráfico pontua que a maioria das participantes do estudo é relativamente jovem, considerando que 53% delas têm idade entre 25 e 35 anos e 27% têm idade entre 18 e 25 anos. Considerando as que têm idade entre 25 e 35 anos, o número está um pouco acima da média nacional, medido em 2017 pelo Infopen, o qual afirma que, em 2017, em torno de 43% das apenadas do Brasil tinham idade de 25 e 35 anos. A pesquisa apontou que a média de idade das participantes deste estudo é de 34 anos.

Outro ponto que chamou bastante a atenção nesta pesquisa foi a sentencição das mulheres presas, com uma condenação, que representa uma média 17,7 anos de privação de liberdade; em alguns casos, há registros de até 31 anos e a menor condenação ilustrada foi de 8 anos de detenção. De acordo com o fundador do Centro de Direitos Humanos de Foz do Iguaçu-PR e atualmente Conselheiro Fiscal do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular de Foz do Iguaçu, o médico psiquiatra José

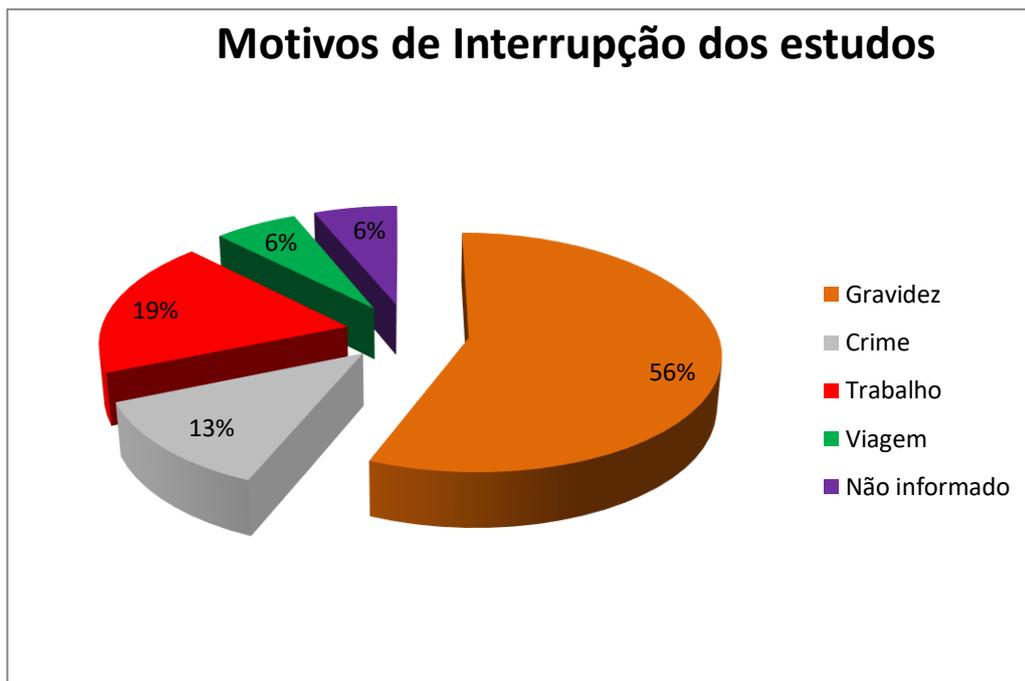
Elias Aiex Neto<sup>8</sup>, o que estamos vivenciando hoje no Brasil é uma política de encarceramento cruel das mulheres. Segundo Aiex, muitas dessas mulheres sofreram violência na infância em seus seios familiares; para se libertar dessa violência, saíram de casa, e, em uma condição de vulnerabilidade, acabaram se tornando presas fáceis para traficantes, sendo agenciadas como “mulas” do tráfico de drogas. Para Aiex, o sistema judiciário pesa na mão ao condenar essas mulheres em penas tão altas, e não ataca de forma direta os verdadeiros traficantes.

Outra característica bastante comum entre as entrevistadas é a maternidade; em média, cada apenas tem três filhos. Várias delas se tornaram mães pela primeira vez ainda na adolescência; há casos de gravidez ainda na infância. Esses relatos corroboram o descrito por Aiex, em uma descrição clara da vulnerabilidade e degradação social, que muitas das internas passaram antes de adentrar no sistema carcerário.

Mediante outras observações, a investigação também mostrou que a maioria das mulheres presas hoje, ainda muito jovens, interromperam seus estudos, por gravidez e/ou casamento precoce. Nesse sentido, o gráfico a seguir apresenta os motivos pelos quais as educandas privadas de liberdade da PFF-UP interromperam os estudos antes de serem presas e condenadas pelo sistema carcerário.

---

<sup>8</sup> O Médico psiquiatra José Elias Aiex é membro permanente do Conselho da Comunidade de Foz do Iguaçu-PR. Aiex apresentou esses dados na reunião do Conselho da Comunidade realizada em Foz do Iguaçu, em 27 abril de 2022. As reuniões do conselho da comunidade ocorrem mensalmente todas as últimas quartas-feiras do mês. O Conselho da Comunidade tem representantes de várias entidades: polícia militar; LEP; OAB; conselho municipal de saúde; conselho das mulheres advogadas; conselho da mulher encarcerada; diretores das unidades prisionais; comissão de direitos humanos; Ceebja, entre outros.



**Gráfico 3:** Motivos de Interrupção dos estudos das apenadas fora do cárcere  
**Fonte:** Próprio Autor

A partir dessa representação, observa-se que 56% das mulheres presas hoje e condenadas no Sistema Prisional de Foz do Iguaçu-PR interromperam seus estudos por uma gravidez precoce.

Além disso, é possível constatar um grave problema social, que poderá ter contribuído para uma vida de criminalidade. Muitas mulheres entraram no mundo do crime porque simplesmente tinham um marido que era traficante. São mulheres que, tendo interrompido seus sonhos e projetos, vislumbram uma melhora de vida por intermédio dos estudos e desejam retomar seus sonhos e ter uma vida digna.

No capítulo seguinte, será observada a relação que as educandas privadas de liberdade estabelecem com a matemática e com o ensino na prisão, bem como o significado da matemática em suas vidas, na perspectiva das próprias educandas.

## CAPÍTULO 5

### A MATEMÁTICA E O ENSINO NA PRISÃO

*“Na medida em que as leis da matemática se referem à realidade, elas não são certas, e, na medida em que são certas, elas não se referem à realidade”.*

(Albert Einstein)

A seguir, serão apresentados outros dados da pesquisa que são relevantes para entendermos as relações que as educandas privadas de liberdade da PFF-UP estabelecem com a matemática e com o estudo na prisão, de acordo com os seus próprios pontos de vistas. Os dados descritos nesta seção serão divididos em dois aspectos: 1 - A matemática na vida das educandas privadas de liberdade e 2 - Prisão e estudo. No aspecto 1, serão abordados os primeiros contatos que as educandas tiveram com a matemática, como se deu essa relação e se os conteúdos matemáticos apresentam ou apresentaram alguns reflexos em suas vidas. No aspecto 2, serão observados os motivos pelos quais as educandas procuraram a escolarização dentro do cárcere, tempo de estudo dentro da prisão, as condições em que se desenvolvem as atividades de ensino e aprendizagem na unidade pesquisada, sobre os olhares das próprias apenadas e, principalmente, os significados que elas dão para o ensino dentro do sistema carcerário. Outro fator relevante, que será observado no aspecto 2, são as mudanças e adequações que ocorreram no ensino dentro das unidades prisionais com a pandemia da Covid-19.

Os trechos tomados como representativos em cada seção foram escolhidos ou porque mantinham uma similaridade entre si, como os trechos 1, 2, 5, 9 e 13, da seção *Primeiro contato com a matemática*, ou porque eram totalmente discrepantes dos demais relatos, como um trecho da educanda 13, no item 5.2.3. Assim, nem todos os relatos estão ilustrados em todas as seções formadas. Optamos por trazer no corpo do texto os trechos considerados significativos e compor um contínuo, intercalando com a discussão da literatura pertinente.

O quadro a seguir mostra as seções que compõem cada aspecto:

**Quadro 1:** Seções que compõem os aspectos

<b>Aspecto</b>	<b>Seção</b>
Aspecto 1 - A matemática na vida das educandas privadas de liberdade	O primeiro contato com a matemática;
	A importância da contextualização da matemática para o aprendizado.
Aspecto 2 - Prisão e estudo	Os crimes pelos quais as educandas da PFF-UP foram condenadas e suas vulnerabilidades;
	Motivação para estudar no cárcere;
	Condições em que ocorre o ensino e aprendizagem na PFF-UP;
	Condições estruturais oferecidas pela PFF-UP para o ensino das apenadas.

Fonte: Elaborado pelo autor

## 5.1 A Matemática na vida das educandas privadas de liberdade

Nesta subseção, serão destacados e observados, nas narrativas das educandas da PFF-UP, os primeiros contatos que elas tiveram com a matemática, a relação das histórias de vida com a disciplina de matemática, representações e inspirações, conteúdos matemáticos que recordam ter estudado, bem como os conteúdos que mais gostavam de estudar, e a importância destes em suas vidas.

### 5.1.1 O primeiro contato com a Matemática

Os relatos seguintes ilustram como as educandas viam a matemática na infância.

“Posso dizer particularmente que a Matemática não foi tão importante assim para mim, pois nunca foi uma de minhas matérias prediletas” (Educanda 1 - 08/06/2021) (Sic).

“Quando estava na segunda série eu reprovei de ano não passei em Matemática, como eu chorei, minha mãe me deixou de castigo e me fez estudar a tabuada nas minhas férias inteiras. Mas depois nunca mais reprovei em Matemática [...]” (Educanda 2 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] me lembro que minha professora do primário que se chamava Maria Aparecida, ela sempre tomava a tabuada da gente, e eu sempre acertava tudo, o meu nome sempre estava no mural como a melhor da sala em Matemática” (Educanda 2 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] estudei lá até a 4ª série, mas vou confessar uma coisa nunca gostei de Matemática” (Educanda 5 - 08/06/2021) (Sic).

“Me lembro muito de uma professora da segunda série de nome Sirlei, por ela eu conheci um pouco da Matemática, mas tenho que confessar que não gostava muito de números” (Educanda 9 - 08/06/2021) (Sic).

“Quando eu estudava, eu odiava a Matemática, o nome do meu professor era Marcos, ele era muito rígido, eu não conseguia entender nada o que ele falava, me dava dor de cabeça ver aqueles montes de números, às vezes tentava fazer os exercícios e ia mostrar para o professor e dava para contar nos dedos os exercícios que estavam certos” (Educanda 13 - 08/06/2021) (Sic).

Nos trechos destacados dos relatos das educandas 1, 5, 9 e 13, evidencia-se que a matemática não era uma disciplina que elas gostavam na escola. E, em dois desses relatos, a relação com os professores é destacada. Apesar de, no primeiro trecho do relato da educanda 2, não ficar claro que ela não gostasse de matemática, fica evidenciado que o aprendizado da matemática inicialmente não foi fácil, tendo sido responsável pela sua reprovação. Porém, no segundo trecho destacado da educanda 2, é possível perceber que o aprendizado de matemática trouxe satisfação e ela sentiu prazer por suas realizações. É possível observar a satisfação que a educanda tinha quando a professora “tomava” a tabuada e ela acertava tudo, a valorização de ver seu nome estampado no mural da escola era um triunfo enorme. O sucesso e a concretização do aprendizado foi algo muito motivador.

A reprovação pode deixar marcas profundas na vida de um educando, inclusive, pode interferir de forma direta no modo como esse aluno lidará com certos conteúdos e disciplinas dali para a frente. Como a reprovação foi em decorrência do desempenho na disciplina de matemática, a mãe agiu, fazendo com que a filha estudasse a tabuada durante as férias.

O estudo da tabuada também fez parte do relato da educanda 12.

[...] a tabuada mas eu não sabia, na verdade eu odiava a tabuada, então fiquei com nota baixa em Matemática, então meus pais faziam eu estudar a tabuada a força (risos), eles colocaram eu no quarto e eu só saíria de lá quando eu estivesse aprendido, por exemplo! Hoje eu teria que aprender a tabuada do número 7, o meu pai ia lá e perguntava da tabuada do 7, se eu errasse uma resposta eu teria que continuar estudando, até eu responder todas certas, concluindo nunca aprendi, hoje em dia eu só sei a do 5 e a do 2 (risos), e eu peguei uma raiva de tabuada” (Educanda 12 - 08/06/2021) (Sic).

A forma como o estudo da tabuada era realizado na escola não ficou evidenciada no relato, todavia, o fato de não ter sucesso nesse aprendizado a levou a tirar nota baixa e à interferência da família. Essa experiência deve ter sido tão forte, que a educanda descreve em detalhes como era esse momento de estudo da tabuada

em casa. A forma como se dava esse estudo, com base na decoreba, não levou ao aprendizado e fez com que a aluna passasse a ter raiva da tabuada.

O modo como o pai levou a filha a estudar a tabuada não é muito diferente do que acontece nas escolas. Muitas vezes, por falta de conhecimento, o professor repete com seus alunos a forma como lhe ensinaram matemática, sem conseguir produzir significado aos conteúdos, o que seria bem possível para o caso da tabuada. A não produção de significado leva à rejeição de alguns conteúdos por muitos estudantes, em alguns casos, chegando à aversão total pela matemática. O professor de matemática tem um papel fundamental na vida do aprendiz de matemática, e poderá influenciá-lo, diretamente. Para Fonseca (2020), o ensino de matemática tem sido foco de resistência em relação às estruturas e às práticas tradicionais de ensino, evidenciada na forma de agir do referido professor Marcos.

No trecho a seguir, indiretamente, a metodologia utilizada no ensino da matemática também aparece, quando é ressaltada a forma como a educanda vê a matemática: “muito número, muita conta”.

“[...] mas quando eu estudava não gostava de matemática eu prestava atenção na aula mas não conseguia aprender, muito número, contas, meu deus ficava louca com tantos números, sempre achei a matemática muito difícil, e usamos matemática em quase tudo no dia a dia. Queria aprender matemática, não consigo fazer eu presto atenção, mas não entra na minha cabeça, pois eu não conseguir entender a minha cabeça dói e fico muito nervosa e acabo desistindo de fazer ou aprender, mas eu quero muito aprender Matemática” (Educanda 15 - 08/06/2021) (Sic).

Uma matemática com muitos números e muitas contas, que parece não se associar a nada da vida da educanda, não lhe faz nenhum sentido. É possível salientar que “[...] a busca do sentido do ensinar e aprender matemática remete às questões de significação da matemática que é ensinada e aprendida” (D’AMBROSIO, 1986, p. 75). A contextualização pode ser a chave para a busca desse sentido, como se verá na subseção seguinte.

Neste relato, a educanda ressaltava a importância da matemática, porém, nas entrelinhas, ela se culpa pelo seu fracasso, o que também está no relato seguinte:

“Então professor, quero falar um pouco sobre a matemática eu tenho dificuldade em matemática, minhas companheiras que explicam para mim sou realista esta matéria não tenho muita inteligência, mas procuro me esforçar em aprender, tipo de contas já me embaralho um pouco como o professor explicou sobre pegar uma lista e ir ao mercado comprar as coisas

né, já é matemática fazer contas o que vai dar o que não vai, pra mim é meio defeituoso” (Educanda 16 - 08/06/2021) (Sic).

No relato, verifica-se que há uma relação bastante difícil com a matemática. A educanda afirma que a matemática é para pessoas inteligentes, o que está em consonância com as palavras de Skovsmose (2014, p. 19): “A matemática está entre os poucos gênios de conhecimento, cuja importância não tem sido questionada ao longo da história”. O autor afirma que, para Platão, a certeza e o conhecimento, o homem poderia alcançar, desde que isso pudesse ser comprovado por meio da matemática. Todavia, esses conceitos antigos sobre a matemática e a sua aprendizagem ainda ecoam diariamente.

O fracasso em matemática, como evidenciado em alguns relatos anteriores, tem sido associado à evasão escolar, conforme elucida Fonseca (2020, p. 32): “Não é raro tomar-se o fracasso em matemática como causa da evasão escolar”. Mas, para a autora, por mais difícil que tenha sido a experiência do aluno com o aprendizado de matemática, dificilmente essa afirmação é verdadeira. Os alunos abandonam os estudos, geralmente, por outros motivos, principalmente os de ordem social e econômica.

Ademais, vários outros fatores também contribuem para a evasão escolar, entre eles estão: falta de vagas, falta de professor e, o pior de todos, por considerar que a formação escolar não seja tão relevante para sua vida, capaz de justificar o enfrentamento de tantos obstáculos. Como consequência, tal constatação nos remete a uma profunda reflexão, sobre o papel da escola e, principalmente, sobre a estratégia de ensino adotada para ensinar matemática. Contudo, na maioria das vezes, os educandos se responsabilizam diretamente pelo seu abandono escolar; pouquíssimas vezes, culpabilizam a escola, como aponta Fonseca (2020, p. 33): “No mais das vezes, no entanto, o sujeito formulará a narrativa do processo de exclusão colocando-se a si mesmo como responsável por esse desfecho que redundou na saída da escola”.

Nos trechos destacados, não saber matemática não foi associado pelas participantes ao motivo de terem abandonado a escola, mas a culpa de não saber matemática é sempre associada ao sujeito, nunca a um processo. Segundo Pontes *et al.* (2016), o saber matemático se inicia com as primeiras experiências da criança na escola, ainda na educação infantil, que tem um papel fundamental em motivar os educandos para que eles compreendam intuitivamente as primeiras noções de matemática. Após essa compreensão, que poderá ser da intuição do indivíduo ou do

conhecimento matemático adquirido na escola, este saber se torna uma consequência imediata, pois permite ao indivíduo fazer correlações entre a vida prática e a matemática, a exemplo de quantificar e trabalhar com medidas.

### 5.1.2 A importância da contextualização da Matemática para o aprendizado

A educadora matemática da EJA, Maria Conceição da Fonseca, faz uma reflexão sobre o modo de ensino e aprendizagem da matemática para a EJA: “[...] a busca do sentido do ensinar-aprender Matemática será, pois, uma busca de acessar, reconstruir, tornar robustos, mas também flexíveis, os significados da matemática que é ensinada-e-aprendida” (FONSECA, 2020, p. 75). Para a autora, é preciso estabelecer uma relação da matemática com o real, ou seja, tornar a matemática um modelo possível. Nessa perspectiva, a matemática deixa de configurar um mundo de símbolos e se torna algo real e acessível. Nesse caso, o trabalho pedagógico seria a ponte capaz de fazer a ligação entre a expressão matemática e o fenômeno ou objeto por ele expresso. Pontes *et al.* (2016) afirmam que o saber matemático anda de mãos dadas com o fazer matemático, de modo que a aprendizagem se torna muito mais eficiente quando se reduz a distância entre o abstrato e o que se aplica como modelo concreto, logo, fundem-se em um dueto indissociável entre a teoria e a prática.

Observar-se-á, nesta seção, a importância da contextualização da matemática para o aprendizado, bem como a satisfação das educandas privadas de liberdade participantes da pesquisa em aprender.

“[...] porem mexo com tantos números, tantas contas que não me acho eu uma boa pessoa para matéria, mas como meu pai sempre ensinou que em nossa vida a Matemática é sempre presente tanto para vir do certo ou vir do errado e hoje aqui na penitenciária vejo o quanto é importante, pois trabalho no setor da fralda e para mim a Matemática é bastante presente no meu dia a dia” (Educanda 1 - 08/06/2021) (Sic).

O empirismo da educanda 1, de que a matemática está sempre presente em nossas vidas e poderá ser utilizada para fazer as coisas certas ou erradas, corrobora os apontamentos de Skovsmose (2014, p. 15): “[...] a educação matemática – em sentido abrangente – pode ser praticada nas mais variadas modalidades, o que pode fazer a diferença, para o bem ou para o mal”. Também pode ser observado, nesse relato, o significado prático da matemática na vida de um educando da EJA privado

de liberdade. O desejo da aplicabilidade dos conteúdos aprendidos em sala de aula fica mais evidenciado na EJA, pois a maioria dos educandos da EJA buscam a escolarização por uma necessidade imediata. Por exemplo, uma melhor colocação no mercado de trabalho ou até mesmo a busca de um novo emprego, com a qualificação adquirida nos bancos escolares. Nesse sentido, a aplicabilidade dos conteúdos aprendidos em sala de aula tem relevância, pois satisfaz uma necessidade imediata. “Naturalmente, alunos e alunas da EJA percebem-se pressionados pelas demandas do mercado de trabalho e pelos critérios de uma sociedade onde o saber letrado é altamente valorizado” (FONSECA, 2020, p. 49).

[...] na pré-escola minha primeira professora se chamava Marilise que por coincidência era prima da minha mãe ela era uma boa professora ela foi minha professora até a 3ª série ela passava várias matérias, mas a que eu mais gostava era de continhas de verdade” (Educanda 3 - 08/06/2021) (Sic).

No relato da educanda 3, quando menciona “continhas de verdade”, deixa clara a importância da contextualização e do significado prático da matemática na vida do educando. Conforme aponta D’ambrosio (2019, p. 24), “Obviamente, esse saber/fazer matemático é contextualizado e responde a fatores naturais e sociais. O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura”.

A educanda 4 relata as dificuldades que enfrentou na infância e na adolescência e a relação com a matemática:

[...] foi muito difícil minha infância também minha adolescência, foi aí que entrou a Matemática em meu dia a dia, pois arrancava feijão por quarta, ou alqueire e assim tinha a soma de quantos em valor havia feito no trabalho, quanto mais extenso era o pedaço de que colhia mais ganhava, em valor. Lembro-me também que juntamos nó de pinha que vem do tronco do pinheiro, precisava fazer 8 metros quadrado por 2 pra receber 16,00 reais, mesmo tendo dificuldade com a Matemática nos tempos de escola, mais ali na prática do trabalho precisava se esforçar mais para não ser lograda, pois ainda era muito nova e tinha que ter muita responsabilidade em todos os aspectos. E assim adquiri algum conhecimento em Matemática inspirando-me com meus irmãos que me ensinavam a fazer as contas para não perder em valor e isso esforçava a aprender onde acabava gostando, pois só assim tinha certeza que ia receber a quantia justa do meu trabalho, e por esses motivos eu considero importante e necessário ter conhecimento em Matemática [...]” (Educanda 4 - 08/06/2021) (Sic).

Nesse relato, fica explicitado como a matemática foi incorporada à vida e às necessidades da educanda, que contextualiza o aprendizado escolar com a sua prática diária e vê, no aprendizado de matemática, uma possibilidade de não ser

enganada em seus afazeres. Para D'Ambrosio (1986), o objetivo da ciência é aliviar a dureza humana, ou seja, a ciência tem como premissa melhorar a vida das pessoas e a matemática se destaca nesse papel. Neste relato, observa-se que, desde cedo, o significado prático da matemática está presente na vida da educanda, numa relação do que é aprendido na escola com o mundo do trabalho da estudante. Nesse sentido, Skovsmose (2014, p. 14) afirma: "Ensina-se e aprende-se matemática no trabalho e em muitas atividades diárias".

Para Skovsmose (2014), a repetição de exercícios, sem fazer contextualização com a vida e com os afazeres do educando, não desperta a criatividade e nem o interesse em aprender:

Exercícios desempenham um papel crucial no ensino de Matemática tradicional. Ao longo de todo o período que frequentam a escola, as crianças, em sua maioria, respondem a mais de 10 mil exercícios. Contudo, essa prática não ajuda necessariamente a desenvolver a criatividade Matemática (SKOVSMOSE, 2014, p. 16).

Em conformidade com esses relatos, compreende-se que o aluno se sente mais motivado em aprender quando vê o sentido prático daquilo que lhe é ensinado nos bancos escolares, ou seja, em seu cotidiano.

"[...] com 14 anos comecei a trabalhar num lavacar, mas aí que eu aprendi muito matemática, pois mexia com dinheiro toda hora, aos 15 anos sai do lavacar e comecei a trabalhar numa lanchonete, e era troco daqui e troco dali, aprendi muito a adição e subtração e multiplicação só não é muito boa na raiz quadrada e na divisão [...]" (Educanda 6 - 08/06/2021) (Sic).

A educanda 6 nos oferece mais um relato do quão importante é a contextualização da matemática na vida de um estudante da EJA. Esse sentido poderá fazer a diferença no aprendizado de qualquer discente, como elenca Fonseca (2020):

Até por isso, a aprendizagem da Matemática deve justificar-se ainda como uma oportunidade de fazer emergir uma emoção que é presente, que comove os sujeitos, enquanto resgata (e atualiza) vivências sentimentos, cultura e, num processo de confronto e reorganização, acrescenta mais um elo à história da construção do conhecimento matemático – história tipicamente humana de perscrutar o mundo à nossa volta e tentar imprimir-lhe uma ordem que reforce a ilusão de que seja possível compreendê-lo (FONSECA, 2020, p. 54).

Ainda de acordo com Fonseca (2020), este é mais um desafio para a EJA, desenvolver experiências significativas para este público. Para tanto, faz-se necessário formar educadores matemáticos da EJA que tenham intimidade com a matemática, mas também generosidade e sensibilidade, que permitam compartilhar com seus educandos anseios e sonhos, oriundos da vida adulta, que desenvolvam consciência crítica da dimensão política do mundo em que vivemos e que promovam uma educação matemática pautada na honestidade, compromisso e entusiasmo que essa ciência exige. De maneira idêntica, observe-se mais um fragmento de outra estudante:

“[...] não permaneci muito tempo, pois ao chegar ao ginásio no 5º ano desisti do estudo pois havia reprovado 2 anos seguidos. Fui me familiarizando com a Matemática depois dos meus 20 anos de idade... Mas tive que desistir porque fui contratada pra trabalhar em um shopping da cidade como auxiliar de cozinha, neste trabalho comecei a usar a Matemática para a pesagem dos alimentos, fazia-se porção e nelas tinha que pesar em gramas, meu turno era noturno eu deixava tudo pesado e arrumado pro dia seguinte, a partir daí eu entendi que a Matemática não somente era aprendida na escola, mais sim na vida em tudo que fazemos existe Matemática, pois cálculos são feitos de várias maneiras por isso comecei me aperfeiçoar na matéria, só voltei a mexer com Matemática em 2019 quando participei do ENCEJA na unidade, e fiquei por 1 ponto em Matemática para concluir o ensino fundamenta [...]. Tinha um exercício chamado Bhaskára que até hoje eu não sei o que significa” (Educanda 7 - 08/06/2021) (Sic).

Os educandos da EJA carregam consigo uma grande bagagem de vida, haja vista que grande parte desse público tem enormes experiências no mundo do trabalho, e, por isso, chamam-lhes a atenção conteúdos que tenham um significado prático em sua vida. Nesse sentido, o professor da EJA deve ter a sensibilidade para tal. Segundo Fonseca (2020), o educador matemático da EJA deve ser possuidor de três valores fundamentais para o pleno exercício de ensinar matematicamente este público, assim denominados: 1 – intimidade com a matemática; 2 – sensibilidade para especificidade da vida adulta; 3 – consciência política.

O relato seguinte é mais um dos que mostram que a matemática está presente na vida das educandas:

“[...] desde que fui para escola, a matemática faz parte da minha vida do dia a dia, bem de uns anos para cá eu uso a matemática [...]. Pois meu pai veio para Foz do Iguaçu, e aqui eu me casei, tive que fazer as compras de alimentação, água, luz, aluguel, foi onde comecei a fazer parte da matemática em tudo, para não dar nada de errado. E hoje uso ainda mais a matemática, pois eu faço as contas dos dias que faço remição aqui, os anos que já estou e os anos que tenho que tirar ainda. Eu agora sou encarcerada da costura,

onde eu uso muito a matemática por que cuida do setor onde nós produzimos os uniformes, temos que marcar toda a produção. Aqui na unidade eu uso muito mais a matemática” (Educanda 8 - 08/06/2021) (Sic).

A educanda trabalha em um canteiro na prisão e pontua a importância do saber matemático na função que exerce, na costura. Além disso, já tinha percebido o quanto a matemática já fazia parte da sua vida. Independentemente do contexto, corrobora-se Skovsmose (2014, p. 30), quando pondera: “[...] contudo, é igualmente necessário falar sobre ensino e aprendizagem em diferentes contextos socioeconômicos”. Para Chevallard (2001), o saber matemático não se reduz a conhecer e aplicar fórmulas, definições e teoremas. Para este autor, o saber matemático vai além dessas aplicações; o saber matemático tem que ter aplicabilidade prática, capaz de contribuir para a melhoria de vida dos educandos em seu dia a dia. Esse pensamento é corroborado por Skovsmose (2014, p. 14): “[...] ensina-se e aprende-se matemática no trabalho e em muitas atividades diárias: no comércio, nos bancos, no noticiário, etc.”. Indubitavelmente, os relatos exemplificam ainda mais a importância da matemática nas diversas interações sociais, como pode ser verificado no relato da educanda 9:

“Já na 5ª série tive uma professora por nome Ivanilde e ela me mostrou um lado diferente da matemática e como ela poderia me ajudar no dia a dia, eu cuidava de um bebê e por isso comecei a me interessar mais por números e pela matemática, precisava saber o que fazer com o dinheiro que ganhava me lembro de quando eu aprendi a fazer contas de divisão e quando fiquei feliz por isso. Deixei os estudos com 13 anos, pois engravidei e me casei, mas mesmo assim a matemática continua muito presente em minha vida, pra contar os meses, semanas de gestação” (Educanda 9 - 08/06/2021) (Sic).

Neste caso, há indícios de que o primeiro contato da educanda com a matemática não despertou o seu interesse. Porém, a partir da quinta série, quando a nova professora contribuiu para compreender que a matemática está presente em seu dia a dia, a sua concepção mudou. Até mesmo quando desiste de estudar, os conceitos matemáticos ecoam em sua vida, dando um sentido prático às suas ações. Pontes *et al.* (2016) afirmam que o saber e o fazer matemáticos são indissociáveis. O saber matemático tem o compromisso de criar uma linguagem que possibilita a compreensão dos modelos naturais e tecnológicos em conformidade; e, ainda, permite que o aprendiz se torne uma peça de fundamental importância na utilização prática dos conhecimentos adquiridos. Consoante a isso, destacam-se mais dois depoimentos:

“Meu primeiro contato com a matemática foi na escola Adolival Pian em Cascavel, eu era uma criança que gostava demais da matéria matemática, muito cedo minha mãe me ensinou ver as horas em um relógio bem grande que ela tinha na sala da casa dela, pois ela trabalhava, só ficava nós, tínhamos que saber a hora pra ir pra escola a tarde, assim foi meu primeiro contato com os números. Eu gostava muito de aprender tudo sobre a matemática, mas as matérias que mais me chamavam a atenção foi dividir, mais, menos porcentagem, mas hoje em dia já não lembro mais quase nada, eu parei de estudar na 8ª série” (Educanda 10 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] quando eu estudava gostava de matemática, pois esta matéria é primordial para a vida de todo mundo por isso ninguém vive sem usar a matemática, a matemática está no dia a dia de todo mundo, até mesmo na vida daqueles que não tem estudo, mas sabe um pouco de matemática porque tudo o que fazemos gira em torno da matemática. A matemática é uma matéria principal em tudo que vamos fazer, por isso que a matemática tem e deve ser mais explicada pelos professores, a matemática deveria ser mais dada pelo os professores, porque muitas pessoas aprendem o básico da matemática e dependendo do caso e da situação ela tem que pedir ajuda pra pessoas que sabem mais ou que estudou mais matemática. A época em que estudei matemática era uma matemática mais puxada, mas o que eu aprendi sempre serve até hoje, apesar de eu sempre estar usando a matemática diariamente na minha vida [...]” (Educanda 11 - 08/06/2021) (Sic).

Na verdade, são dois relatos que a princípio se assemelham, ambas gostaram de seu primeiro contato com o mundo da matemática, no entanto, a educanda 10 afirma já não recordar praticamente de mais nada do que aprendeu em sala de aula, apesar de ter listado assuntos tratados em matemática. Em contrapartida, a educanda 11 afirma que faz uso até o dia de hoje dos conhecimentos matemáticos adquiridos nos bancos escolares. A matemática é aprendida em vários lugares, como pontua Skovsmose (2014), e é possível afirmar que esse aprendizado ocorre, inclusive, nas cadeias. A forma e o sentido que damos ao aprendizado da matemática fará a diferença na assimilação e na relação desses conteúdos aprendidos, com os fazeres diários de cada cidadão, capazes de contribuir para a sua formação social e crítica. Contudo, cada estudante insere-se nessa disciplina com suas especificidades. Isso pode ser verificado nos próximos relatos:

“Lembro-me que a primeira vez que tive contato com a matemática, números foram quando a minha mãe me ensinava a mostrar nos dedos quantos anos eu tinha, quando alguém perguntava, e assim que eu aprendi os números a contar quando eu tinha 9 anos me mudei para Cascavel e eu estudava numa escola chamada John Kennedy, e toda semana nós tínhamos um tipo de teste. Ao passar dos anos, fui estudando e sempre passando de raspão na matéria de matemática mais em meio a tanta dificuldade que a Matemática foi para mim, o que eu mais gostava era fazer a raiz quadrada, e o CDU (centena, dezena e unidade). Procurei os estudos aqui na unidade, pois eu tenho um grande sonho que é fazer minha faculdade de gastronomia, e por

coincidência, e usado a Matemática, (risos), porcentagem, quantidade, divisão, sobre a quantidade de ml ou quilograma e muito mais [...]” (Educanda 12 - 08/06/2021) (Sic).

“O meu primeiro contato com a matemática que eu me lembro foi quando eu fiz 2 aninhos, aí quase todos os dias eu perguntava para a minha mãe quantos anos eu tinha, e ela me mostrava com os dedos e falava 2, quando minha mãe me ensinou a contar e a fazer a tabuada. mas no meio de tudo isso havia uma coisa boa que até hoje de matemática que eu gosto e sempre gostei, são as contas de regra de três. É muito importante a matemática para a minha vida e acho também que para a vida de muitas pessoas, pois para a gente fazer qualquer compra, sejam lojas, mercados, padarias, farmácias, para fazer até mesmo um bolo nós precisamos pelo ao menos saber o básico da matemática, saber contas simples” (Educanda 13 - 08/06/2021) (Sic).

Nos dois casos, nota-se que os primeiros contatos com os números foram ainda em casa. A tranquilidade em lidar com os números, inicialmente, não se manteve no decorrer dos anos escolares. Mas os estudos futuros ou lidar com as situações da vida, as impulsionam a aprender matemática.

A didática, a metodologia, enfim, a forma como se ensina a matemática, faz diferença no modo como o aluno irá se relacionar com essa matéria futuramente, e isso desde os anos iniciais.

Fonseca (2020) pontua que o ensino de matemática para pessoas adultas precisa ter um caráter dialético, de modo que essa aprendizagem contribua para a solução de problemas de sua vida diária. A autora afirma, ainda, que as situações do processo de ensino-aprendizagem devem dar possibilidade para o aluno construir significados conscientes.

Um contato inicial com a matemática de forma muito leve também está exposto no relato seguinte:

“[...] desde muito cedo eu gostava de matemática e artes, me apaixonei quando aprendi a primeira conta que eu chamava de menos e mais e amava as aulas de artes, pois adorava a pintar. A minha primeira professora de matemática era a Lurdes, não era muito simpática, meio brava e estressada, mas eu não ligava, pois gostava muito de fazer contas e aprender cada vez mais, e a matemática usei em minha vida nas primeiras vezes quando ganhava uma pequena quantia de dinheiro de minha mãe para eu comprar o que queria e sempre eu comprava doce e fazia as contas de quantos doces dariam com aquele dinheiro e quanto me sobraria. Quando eu era pequena eu admirava muito os professores com aquela facilidade de ensinar, com a inteligência com aqueles montes de papéis e os jalecos brancos com o nome dos professores, eu era encantada e sempre me perguntava, o que eu queria ser quando eu crescer e eu sem pensar duas vezes falava que eu queria ser professora de matemática e de artes” (Educanda 14 - 08/06/2021) (Sic).

Nessa inusitada situação, a educanda estabeleceu uma relação de amor pela matemática e pela arte. O sentido que a matemática fez em sua vida, capaz de contextualizar os conteúdos aprendidos na sala de aula com a sua prática diária, desde muito cedo estimulou o aprendizado. Esse conhecimento permitiu fazer planejamento do uso da pequena quantidade de dinheiro que recebia, possibilitou traçar estratégias do uso desse recurso. Como vimos, esse sentido prático foi tão significativo que, mesmo não considerando a professora simpática e de boa didática, tais fatores não interferiram no seu gosto em aprender matemática. A educanda ficava admirada e impressionada com a facilidade que a professora de matemática tinha em lidar com os números. Isso ilustra a frase já dita nesse texto por Skovsmose (2014, p. 19): “A noção de que estudar matemática torna os indivíduos mais inteligentes é bem antiga”.

Em relatos anteriores, foram aparecendo conteúdos matemáticos que as educandas mencionam ter gostado de aprender, como “contas e tabuadas”, ou que sabem que estão relacionadas à vida prática ou às suas profissões, como porcentagem, divisão, unidades de medida etc. O relato seguinte ilustra um pouco mais esse aspecto.

[...] as frações que foi o que mais gostei na matemática e nunca mais esqueci, a matemática na minha vida é muito importante, pois eu gosto de verdade e me dedico a cada vez de aprender mais e no meu ponto de vista ela é essencial para o nosso dia a dia, pois utilizamos a matemática, os números, as contas, em tudo no mercado, na gravidez, contando as semanas, os dias, as horas, cálculo para pagar contas e dentro da cozinha também” (Educanda 14 - 08/06/2021) (Sic).

Essa educanda afirma que gosta muito de frações. Contraditoriamente, frações é um dos conteúdos matemáticos que os professores percebem muita falta de interesse por parte dos alunos, fora da prisão, em aprendê-lo. Esse fato não ocorre no Sistema Prisional, haja vista que os privados de liberdade, geralmente, estabelecem uma relação de contextualização com as frações, pois as usam muito para calcular sua pena.

E, ainda, consoante aos apontamentos da educanda 14, observa-se que, na sentença de condenação de uma pessoa privada de liberdade, vem escrito algo como: “condenação de 5 anos e três meses no regime de  $2/5$ ”. Isso significa que, após o cumprimento de  $2/5$  de sua pena, a pessoa adquire o direito de progressão de regime da pena, ou seja, após  $2/5$  do cumprimento de sua pena, o apenado poderá ir para o

regime semiaberto ou até mesmo cumprir o restante da pena em liberdade. Esse é um fato muito comum entre as estudantes do Sistema Prisional.

Verifica-se, nos relatos, a ligação concreta da matemática com o exercício das diversas profissões; no caso do relato seguinte, inclusive com o mundo do crime:

“Na panificação tudo é matemática na hora de fazer as receitas, na pesagem dos ingredientes, na soma, na divisão da massa, na porcentagem dos lucros e dos gastos. [...] a matemática continuou em minha vida para calcular a minha gestação e depois entrou para as coisas erradas, para pegar e picar drogas para contabilizar o dinheiro para a divisões e pagamento de contas e hoje eu me encontro presa há 3 anos e 9 meses, e hoje a matemática serve para fazer conta da minha pena, para calcular as minhas remições e somar os dias para eu ir embora” (Educanda 14 - 08/06/2021) (Sic).

Com base nessas ponderações, a matemática está presente em todas as ações do sujeito, o que muda é o sentido que o indivíduo coloca ao aprendizado de matemática, conforme aponta D'Ambrosio (2019, p. 24): “O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura”. Com efeito, a educanda levou os conhecimentos matemáticos para essa nova etapa de sua vida, ou seja, a *criminalidade*. Portanto, a aprendizagem estabelece uma relação de dialética entre os conteúdos aprendidos e a prática de vida do sujeito: “Verificamos então que a aprendizagem é uma relação dialética, reflexão-ação, cujo resultado é um permanente modificar da realidade” (D'AMBROSIO, 1986, p. 49). Nesse sentido, a educanda 15 aponta:

“[...] ela está presente em quase tudo, bom eu acho muito importante aprender matemática por que, usamos para tudo até para fazer um simples bolo algumas coisas eu sei de matemática” (Educanda 15 - 08/06/2021) (Sic).

A identificação de que a matemática está presente em todos os aspectos da sua vida, “até para fazer um bolo”, dá sentido ao seu aprendizado. Esse sentido, identificado na contextualização dos conteúdos de matemática, não é evidenciado somente para educandos da EJA, dentro ou fora do Sistema Prisional. Há evidência de maior interesse no aprendizado de matemática quando ela é contextualizada, isso para alunos de todas as idades e em qualquer modalidade de ensino.

A contextualização dá sentido ao aprendizado, pois possibilita exercitar o que se aprende em sala de aula em sua vivência diária, fora e mesmo dentro no cárcere. Isso mostra que os percursos dos alunos são parecidos quando consideramos os que

têm a privação da liberdade e os que não têm. Faz-nos ver que os primeiros são alunos, não presos!

## **5.2 Prisão e estudo**

Os aspectos das narrativas contemplados nesta seção serão: tempo de prisão, relação das educandas com o ensino prisional, motivos pelos quais cada educanda procurou o estudo dentro do Sistema Prisional, há quanto tempo estudam dentro do sistema, o significado do aprendizado para uma educanda privada de liberdade, espaços físicos da unidade pesquisada, condições do ensino dentro dessa instituição, especialmente, o ensino de matemática no Sistema Prisional no contexto da pandemia.

### **5.2.1 Os crimes pelos quais as educandas da PFF-UP foram condenadas e suas vulnerabilidades**

Os dados da pesquisa vêm apontando o que temos vivenciado na prática docente em nosso dia a dia na PFF-UP. As internas, em sua maioria, estão cumprindo pena por tráfico de drogas, associação ao tráfico e coparticipação. Salieta-se que crimes contra a vida são mais raros entre as internas. Outro fato muito semelhante entre as entrevistadas é a baixa escolaridade de seus pais. A maternidade também é ponto preponderante comum a todas as participantes da pesquisa, pois a maioria das internas são mães de mais de um filho.

“[...] estou detida na Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu há 3 anos pelo crime de tráfico de drogas, tenho 2 filhos os quais se encontram na rua com minha irmã” (Educanda 1 - 08/06/2021) (Sic).

“Faz 2 anos e 7 meses que estou presa, sou condenada por tráfico, associação ao tráfico e um assalto, no total tenho uma condenação de 19 anos, só que tenho que tirar 6 anos, mas com as remissões vou embora antes” (Educanda 2 - 08/06/2021) (Sic).

“Bom, hoje eu me encontro presa na PFF-UP de Foz do Iguaçu há 1 ano e 9 meses, estou condenada há 17 anos e 9 meses e 25 dias, meu semiaberto será dia 26/08/28, mas na conta da psicóloga, com a remição que eu faço irei no ano de 2025” (Educanda 3 - 08/06/2021) (Sic).

“Então, como eu estava falando já estou 2 anos presa, fui condenada 10 e 2 no 2/5, tenho que ficar 4 anos fechada, 4 anos para poder chegar na minha

liberdade, eu entrego nas mãos de Deus e espero sair antes desse lugar” (Educanda 6 - 08/06/2021) (Sic).

“Hoje estou presa há 3 anos e 5 meses e aqui na PFF estou há 2 anos e 7 meses, estou estudando a 1 ano e 2”<sup>9</sup> (Educanda 9 - 08/06/2021) (Sic).

A vulnerabilidade social de muitas mulheres as torna presas fáceis para serem aliciadas por traficantes. Muitas dessas mulheres afirmaram que foram aliciadas pelos próprios companheiros. Das 16 educandas participantes da pesquisa, apenas cinco relataram os crimes pelos quais foram condenadas – educandas 1, 2, 6, 15 e 16 – e essas educandas foram condenadas por envolvimento com o tráfico de drogas.

A educanda 2 foi condenada por tráfico de drogas, associação ao tráfico e assalto, o que soma 19 anos. Trata-se de uma pena considerada alta. Para Rocha (2018), o tráfico de drogas é o crime que mais condena mulheres no Brasil, seguido de contrabando e descaminho de mercadorias. Esses tipos de crimes evidenciam que muitas mulheres buscaram no tráfico de drogas uma fonte de renda para sustentar sua família. Estima-se que, se essas mulheres tivessem oportunidade de ter um trabalho digno, haveria uma redução significativa no número de mulheres encarceradas atualmente no Brasil.

O maior sonho de um condenado à prisão é a liberdade; eles contam dias e horas para que o tão sonhado momento chegue. A educanda 3 menciona a data exata em que poderá entrar no regime semiaberto e conta com a remição que faz, ligada aos vários projetos dos quais participa. O poder público tem responsabilidade legal de proporcionar aos apenados o tratamento penal que possibilite que o condenado se ressocialize, que não volte a cometer crimes quando posto em liberdade. A escolarização formal, o projeto da remição da pena pela leitura, o projeto roda de leitura<sup>10</sup> desenvolvido em parceria com a Universidade Latino Americana – Unila e muitos outros projetos desenvolvidos na PFF-UP têm o objetivo de contribuir para esse processo de ressocialização. Então, mais do que reduzir o tempo na prisão, a remição tem também o papel de possibilitar a ressocialização.

---

<sup>9</sup> 1 ano e 2 – este é um termo muito usado entre os(as) detentos(as), e significa que o(a) interno(a) foi condenado a 1 (um) ano e 2 (dois) meses de prisão. É mais comum usarem somente a expressão “1 e 2”.

<sup>10</sup> O projeto roda de leitura é um projeto de extensão da Unila, que atende a duas turmas de 15 educandos cada, uma da PFF-UP e outra da PEF III. Todas as sextas-feiras, essas turmas participam de uma roda de leitura, orientada pelo professor coordenador do projeto na Unila e três acadêmicos. No final de 2022, está prevista a publicação de um livro com o material escrito pelos educandos participantes.

Como o período de condenação da maioria delas é considerado elevado, é fundamental que, nesse período de custódia, as educandas possam aprender algo que contribua positivamente com a vida pós-cárcere. O objetivo do tratamento penal<sup>11</sup> é devolver para a sociedade pessoas ressocializadas, e o trabalho e a escolarização são maneiras de alcançar esse objetivo. Muitas das apenadas passaram a ter contato com a escolarização somente no cárcere.

Os professores que atuam na escolarização têm uma grande responsabilidade nesse processo. “Ninguém poderá ser um bom professor sem a dedicação, sem preocupação com o próximo, sem amor num sentido amplo” (D’AMBROSIO, 2012, p. 77). O autor afirma que o professor passa o conhecimento adiante por meio de uma doação, não em troca de um salário, mas porque quer ensinar o que sabe. Percebe-se que a doação dos professores é fator de motivação e inspiração, no entanto, a profissão de professor precisa ser valorizada pelas instituições de ensino, sejam públicas ou privadas. No entanto, infelizmente, vivemos em uma época de crescente desvalorização do papel do professor.

A PFF-UP é uma unidade de progressão. Assim, logo que as apenadas chegam, e após passado o período de triagem, elas já são inseridas na escolarização e nos demais projetos, algo que não ocorre em outras unidades prisionais que não têm essa característica de progressão de regime. É o que está destacado no relato seguinte:

“Fui presa dia 10 de dezembro de 2014, quando eu fui presa eu fiquei na comarca de Colorado – Paraná, fiquei lá 1 ano e lá não tinha nenhum tipo de remição e não tinha estudo também, depois de 1 ano eu vim de transferência para Foz do Iguaçu – Paraná e somente aqui eu tive a oportunidade de voltar a estudar e me encontro aqui na penitenciária de Foz do Iguaçu há 7 anos” (Educanda 13 - 08/06/2021) (Sic).

De acordo com dados do Infopen, a maioria das presas femininas estão em carceragem improvisadas, que não apresentam condições de ofertarem o completo tratamento penal, principalmente a escolarização. Tal fato se evidencia no relato da Educanda 13, que estava custodiada em uma comarca que não é o local de cumprimento de pena e, por isso, não tinha escolarização. Comarcas são carceragens

---

<sup>11</sup> Tratamento penal – São todas as ações que visam à ressocialização dos(as) apenados(as), como trabalho, assistência psicológica, médica, jurídica e, principalmente, qualificação e formação por meio da escolarização.

provisórias, mas, infelizmente, no Brasil, muitas mulheres cumprem pena em comarcas, o que dificulta o tratamento penal a que todas têm direito.

“Eu estou presa há 4 anos pelo artigo 33, na verdade eu não era envolvida com nada, mas meu irmão era, por ele estar na minha casa vim presa junto com ele agora, eu sei que existe pessoas presas inocentes, com a remição tenho que ficar mais 2 anos nesse lugar mas eu sou de boa, não dou trabalho nunca peguei falta, minha meta é ir embora logo, cuidar dos meus filhos que já estão com 16 anos e 8 anos eu estou estudando aqui desde 2019” (Educanda 15 - 08/06/2021) (Sic).

O artigo 33 mencionado pela educanda se refere ao tráfico de drogas. O seu relato evidencia uma possível falha na sua condenação pelo poder judiciário. Todo o seu relato é emocionante e, infelizmente, corrobora os estudos descritos pelo conselheiro e coordenador dos direitos humanos de Foz do Iguaçu, o médico psiquiatra Aiex, já mencionado nesse texto.

“Sobre a cadeia aqui a gente tem que seguir os procedimentos, não xingar as guardas, tratar certo, com respeito andar de cabeça baixa o tempo todo levantar pela manhã e à noite existe contagem. Não podemos fazer nada de errado se não somos punidos eu já estou presa 6 anos nesta unidade estou presa por homicídio 121, é a primeira vez que caio na cadeia, mas só aconteceu porque meu ex marido me perseguia muito eu já estava separada dele, mas ele não deixava eu livre minha vida foi onde tomei esta decisão, mas eu nunca pratiquei crimes, nunca fiz coisas erradas, mas agora graças a Deus final do ano estou saindo para liberdade, tenho remição de crochê da escola e tudo que estou passando aqui pra mim é um aprendizado, porque este lugar é muito sofrimento comecei a estudar aqui nesta unidade em 2019” (Educanda 16 - 08/06/2021) (Sic).

Esse é mais um desses relatos comoventes, nesse caso, de alguém que aparentemente foi vítima de abuso pelo próprio marido. São essas mulheres que estão inseridas no ensino prisional, mulheres traumatizadas, que se sentem excluídas do processo de escolarização e, na maioria das vezes, não visualizam a educação como um direito seu, mesmo compreendendo a importância que o ensino tem para a sua ressocialização.

É, para alunas como a educanda 16, que a educação matemática deve possibilitar significados em suas vidas, sejam social, político ou econômico. Ela deveria contribuir para reconectar as apenas com a sociedade na qual estão inseridas, pois, cotidianamente, as internas expressam sua intencionalidade e perspectiva de vida pós-cárcere.

### 5.2.2 Motivação para estudar no cárcere

A ressocialização é o pilar central do tratamento penal. O seu propósito é oferecer dignidade à pessoa por meio do tratamento humanizado, conservando a honra e a autoestima do apenado. A educação é parte fundamental nesse processo; nesse sentido, faz-se necessário compreender os motivos que levam um condenado a buscar os estudos dentro de uma unidade penal e como veem o papel da educação nesse processo.

“Aqui na unidade penal resolvi voltar o estudo, pois como tenho uns dias para tirar tenho em mente terminar meus estudos aqui para futuramente fazer uma faculdade” (Educanda 1 - 08/06/2021) (Sic).

“Eu acho muito importante estudar na prisão porque nos ajuda, não só pela remissão, mas sim pelo conhecimento que vamos ter, se eu tivesse na minha liberdade eu não iria terminar os estudos e aqui mesmo com o ensinamento e as condições, que não são muito boas, vou ter oportunidade de terminar meu ensino médio e quando eu tiver minha liberdade novamente, posso fazer um curso ou até uma faculdade” (Educanda 2 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] agarrei com todas as forças a oportunidade em voltar a estudar, oportunidade que não tive lá no passado e apesar de ser em um sistema, mas me encontro muito feliz e grata a Deus por poder retornar meus estudos, pois na rua nos últimos anos estava trabalhando em frigoríficos, abatedouros de aves e devido aos horários de trabalho não conseguia conciliar estudo e trabalho e aqui na primeira oportunidade, mesmo sem ser condenada implorei para a direção pra eu me encaixar nos estudos, pois vi uma chance de concluir pelo menos de 5ª a 8ª série. [...] mas enfim sou grata a Deus e a vocês que nos proporcionaram essa oportunidade de voltar a estudar e concluir o que havíamos perdido lá atrás” (Educanda 4 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] estudo para poder terminar, sair lá fora e ter mais chance de emprego, pois o importante ter estudado principalmente hoje em dia até p/ você varrer rua estão pedindo o 2º grau completo e como é tudo computadorizado precisa-se principalmente saber matemática. E volta para sociedade já e um bom começo para arrumar um emprego melhor” (Educanda 5 - 08/06/2021) (Sic).

Pelos relatos, fica claro que a motivação inicial de buscarem o estudo no sistema penitenciário foi para remir a pena. Depois, vem o reconhecimento de que, por meio do estudo na prisão, será possível concluir os estudos ou pelo menos fazer uma boa parte dele, e aprender. Esses aspectos estão presentes em quase todas as cartas escritas pelas participantes da pesquisa. Elas destacaram também a necessidade de recuperar o tempo em que ficaram fora dos bancos escolares.

É muito comum os apenados associarem a conclusão do Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio a uma oportunidade melhor para o mercado de trabalho,

característica comum entre alunos da EJA. O educando adulto tem uma necessidade econômica imediata e vislumbra, nos estudos, uma melhora nas suas condições de trabalho. Para Fonseca (2020), o educando adulto tem necessidade diferente dos educandos crianças e o educador da EJA deverá conhecer essas demandas para propor metodologias que atendam a esses educandos, com sentidos práticos com o que lhe é ensinado.

O “aprender” não foi o aspecto primário levantado pelas educandas com a possibilidade de estudar na prisão. No entanto, aprender algo as fez mudar inclusive sua forma de discurso e passar a acreditar que podem fazer mais do que estão vivendo no momento. “Verificamos então que aprendizagem é uma relação dialética reflexão-ação, cujo resultado é um permanente modificar da realidade” (D’AMBROSIO, 1986, p. 49).

A modificação do comportamento e das atitudes do indivíduo vem com o aprendizado, e é evidente que as educandas privadas de liberdade precisam modificar suas vidas, construir uma nova realidade. A educação é o caminho para que essa mudança seja instrumentalizada e de fato possa promover as modificações necessárias para que ocorra a ressocialização, por meio da ação e reflexão, como pontua D’Ambrosio (1986).

Muitas internas tomam um choque de realidade ao estarem presas e se apegam ao trabalho e aos estudos como oportunidade de reverter o quadro em que se encontram.

“[...] estou estudando há 1 ano e 2 meses por aqui pela remição a princípio, mas hoje quero uma vida diferente pra mim, portanto quero sim terminar meus estudos pra poder fazer um curso e conseguir um trabalho bom, estou perto de ir para casa e pretendo terminar meus estudos na rua. Mas eu acho muito importante o estudo na prisão, temos com que ocupar a mente e aprendermos ao mesmo tempo também, na verdade todo mundo deveria se interessar mais pelos estudos e muitas vezes só damos valor a isso em uma situação ruim como a prisão, mas pra mim tem um valor grande em estar estudando e aprendendo” (Educanda 9 - 08/06/2021) (Sic).

Para a educanda 9, as prisões deveriam oportunizar mais os estudos, pois, além de vislumbrar nos estudos uma melhora de vida, para a educanda, é uma forma de ocupação saudável da cabeça das internas.

“Eu estudo desde quando eu cheguei aqui, estou no Ensino Médio e o estudo é muito importante para mim, pois o meu sonho é terminar meus estudos e sair daqui e ter a oportunidade de fazer a minha faculdade que eu sempre

sonhei, que é de odontologia, os motivos que me levaram a procurar os estudos na prisão é pelo fato de eu poder adquirir conhecimentos, aprender mais e para quando eu sair eu pelo menos ter a oportunidade de arrumar um serviço e mudar de vida, pois pelo fato da gente ser expresidiária muitas pessoas tem receio de nos dar a oportunidade de trabalhar e sem estudo fica ainda mais difícil e a Matemática faz parte do nosso dia-a-dia, para podermos saber administrar o dinheiro e até mesmo para podermos cuidar da nossa casa [...] Ser alguém lá na frente, ter um bom serviço, fazer uma faculdade, ter uma especialidade, sabermos administrar o nosso dinheiro, saber cuidar da nossa casa e nos ressocializar com as pessoas lá fora” (Educanda 13 - 08/06/2021) (Sic).

De acordo com a educanda 13, a sociedade tem preconceito com as expresidiárias e, na sua visão, o estudo é uma forma de mostrar, para a sociedade, que é capaz e que merece oportunidade na vida. Para mudar o curso de sua vida, vê essa oportunidade no ensino prisional, colocando, como condição primeira, a busca do ensino dentro da prisão. Característica comum entre os educandos da EJA, compreendida como uma necessidade imediata.

Nos trechos dos relatos das educandas 5, 9 e 13, fica explicitado que, com o estudo que estão fazendo na prisão, elas almejam melhores oportunidades na vida, que proporcione um desenvolvimento pleno, para, com isso, obter o respeito e a dignidade perante a sociedade. “Desenvolvimento pleno significa atingirmos melhor qualidade de vida e maior dignidade do ser humano, o que depende essencialmente do encontro do respeito de um indivíduo com outros indivíduos” (D’AMBROSIO, 2012, p. 10). O respeito de outros indivíduos é o empoderamento que um ex-privado de liberdade precisa para motivar sua mudança de vida.

“Primeiramente foi a remições, mas depois que comecei os primeiros dias peguei gosto pelas aulas e hoje meu maior sonho é terminar meus estudos para ter uma profissão melhor lá fora, e incentivar os meus filhos a estudar e nunca desistir, pois os estudos sempre vão fazer falta em nossa vida. Hoje eu já consegui terminar o ensino fundamental e estou no médio na matéria de história. [...] Aqui mesmo na cadeia tive um curso de panificação que me apaixonei e é meu objetivo quando sair daqui ter uma padaria e se engana quem acha que a padaria, é somente amassar pão tem muita Matemática a todo momento, em tudo que você faz na padaria tem Matemática por isso que gostei mais ainda, duas coisas que eu gosto em uma só” (Educanda 14 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] os motivos que me levaram a procurar o estudo aqui foi pela remição, mas depois porque eu queria terminar meus estudos e quando eu sair daqui eu quero fazer um curso de técnica de enfermagem, e para mim hoje, eu vejo o quanto o estudo é importante” (Educanda 15 - 08/06/2021) (Sic).

É notório que o maior desejo de qualquer apenado é a liberdade, por isso, é de se esperar que a motivação inicial da busca pelo ensino na prisão foi a remição da

pena. Para as educandas 14 e 15, isso não foi diferente, mas, após participarem das aulas, perceberam que o estudo poderia lhes trazer outros benefícios. A prisão é um lugar pouco motivador; o incentivo educacional por parte do professor poderá fazer toda a diferença no desejo de aprender e no processo de ensino e aprendizagem, e isso se constata no relato da educanda 14. Segundo Fonseca (2020), para que os educadores tornem os educandos sujeitos de conhecimento, deverão observar a necessidade, desejo e o direito desses sujeitos.

Diante de nós, educadores da EJA, e conosco, estarão, pois, mulheres e homens que precisam, que querem e que reivindicam a Escola. Cumpre-nos, assim, considerar esse tripé – necessidade, desejo e direito – ao acolher nossas alunas e nossos alunos e torná-los como sujeitos de conhecimento e aprendizagem, para pautar nossas ações educativas (FONSECA, 2020, p. 49).

Para a autora, muitos educandos da EJA buscam os bancos escolares com o anseio de dominar alguns conceitos da matemática, para melhorar suas tomadas de decisões da vida pessoal que envolva conceitos quantitativos. Podemos dizer que isso também foi observado no relato das estudantes que participaram da pesquisa, mas que também externaram seus desejos de prosseguirem os estudos, em uma faculdade, em um curso de odontologia, no técnico de enfermagem ou mesmo no trabalho em uma padaria. É por isso que o professor precisa estar ciente do seu papel. D'Ambrosio (2019) considera a educação como um ato político, e, caso um professor se considere neutro nesse processo, é porque não entendeu o real significado de sua profissão.

Será que os apenados buscam a educação com o intuito único de remir sua pena? Mesmo que fosse só com esse intuito, já é um reconhecimento do papel da educação dentro dos presídios, considerando que a remição possibilitará um retorno antecipado para as suas famílias, o que definitivamente não é pouca coisa. Talvez esse seja o primeiro passo para uma transformação.

### **5.2.3 Condições em que ocorre o ensino e a aprendizagem na PFF-UP**

Nesta subseção, observaremos alguns aspectos referentes ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, de acordo com os olhares das apenadas participantes da pesquisa. A educação no Sistema Prisional vem, ao

longo dos últimos anos, passando por muitas transformações. Essas transformações impactam de forma direta na metodologia adotada pelo professor e, principalmente, na aprendizagem dos educandos. A mudança mais significativa foi a proposta aprovada pelo CEE em 2014, que possibilita que a educação dentro do Sistema Prisional possa ser ofertada parte presencialmente e parte à distância, o que chamamos de proposta combinada em EAD. Atualmente, a realidade da oferta educacional nos presídios no Estado do Paraná é 20% de sua carga horária presencialmente e 80% da carga horária à distância.

Outro fator que impactou bastante na educação dentro das prisões foi a pandemia da Covid-19. Por causa da pandemia, a educação dentro dos presídios paranaenses foi ofertada em 2020 e 2021 totalmente à distância, com a utilização apenas de material impresso, sem contato nenhum entre educador e educando. Os relatos seguintes ilustram essa situação e apresentam detalhes de como isso se deu, destacando a forma como o material utilizado chegou até as educandas e como lidaram com a falta de um professor para explicar as matérias.

“Aqui o estudo também ficou difícil, pois sem a pandemia podíamos ir para sala de aula ter mais atenção de professores e livros e hoje com aulas remotas ganhamos matéria em apostila para fazermos na cela, muitas vezes não conseguimos fazer tudo por falta de explicações. E com a pandemia da covid – 19 ficou tudo mais difícil, tanto para o pessoal da rua, tanto para os presidiários, porém o mesmo vem nos dificultando a cada” (Educanda 1 – 08/06/2021) (Sic).

“Faz um ano que estudo no Sistema Prisional, quando comecei a estudar, já não tinha mais aulas presenciais por causa da Covid-19 está bem difícil estudar, porque a gente só ganha as apostilas, se pelo menos tivesse o livro didático da matéria ajudaria, porque geralmente as perguntas não tem na apostila. O ensino na prisão não é muito bom, pois não aprendemos, nada quase, não temos uma sala adequada para aula, nem materiais didáticos, se precisamos de um livro para acompanhar a matéria não tem, e com a Covid-19, piorou ainda mais, porque antes tínhamos o professor para tirar nossas dúvidas e mesmo assim ainda tínhamos dúvidas e agora que não temos ninguém para nos ajudar, fica cada vez mais difícil aprender, a Matemática na prisão, o estado tinha que dar prioridade para o ensino nos presídios, pois é um direito nosso” (Educanda 2 – 08/06/2021) (Sic).

“O estudo no sistema hoje, acredito que está fraco, porque só mandam as atividades para nós nos cubículos<sup>12</sup> sem uma boa explicação e se fazemos o que conseguimos e deixamos os que não, pois mandam de volta para fazermos, mas se nós não tínhamos feito é porque não sabia fazer, então

---

<sup>12</sup> Cubículos, na linguagem dos presidiários, é sinônimo de X e de celas. Trata-se dos lugares em que os internos estão alojados, ou seja, são suas “casas” dentro do Sistema Prisional.

hoje com a pandemia atrapalhou em relação à aprendizagem no sistema<sup>13</sup>, já estudo no sistema desde março de 2020” (Educanda 3 – 08/06/2021) (Sic).

“[...] já estou concluindo a 3ª matéria no sistema, Matemática foi a 2ª matéria, agora estou na fase final de geografia, mesmo sendo muito difícil estar detida e longe da família por mais que me sinto bem perdida e muitas vezes preciso até pedir ajuda pra alguma colega de cela me dar algumas explicações porque é muito difícil lembrar os conteúdos que estudei pois faz anos que não tenho uma aula prática” (Educanda 4 – 08/06/2021) (Sic).

“Bom, vim terminando meus estudos aqui na PEF. [...] Já estou há 2 anos e 7 meses novamente presa, O ensino aqui dentro do Sistema Prisional, bom está um pouco complicado, pois estamos no meio de uma pandemia, mas eu acho bem interessante quando é em sala de aula, pois só as apostilas e um pouco complicado por não ter muita explicação isso quem realmente quer aprender. Em questão do espaço melhorou muito, visto do que era para quem realmente quer aprender. Em questão de melhorar o ensino no sistema, seria bom se tivesse algum incentivo, estímulo para os detentos, que realmente querem. Com a pandemia sabemos que mudou muito as coisas, pois ficou mais fraco por não ter professor presente para tirar as dúvidas e dar as explicações, dúvidas” (Educanda 5 – 08/06/2021) (Sic).

“[...] já fiz 4 matérias, história, ciências, artes e Física, e no momento faço geografia, eu mesma nunca tive aula presencial, sempre recebi as minhas tarefas na cela, eu recebo até hoje e eu acho ruim porque eu sempre tive dificuldade em geografia e em português e não tem pra quem perguntar e tirar as dúvidas, e assim com esse Covid-19 tudo ficou mais difícil, até mesmo de ver nossos familiares” (Educanda 6 – 08/06/2021) (Sic).

“Como já relatei anteriormente a matéria mais difícil foi o Baskara me deixou bem nervosa sem entender, a porcentagem também tive dificuldade, mas a matéria que me agradou foi a fração, consegui entender melhor. Com a Covid-19, ficou mais complicado, sem professor presente para nos explicar quaisquer dúvidas e também a troca com as colegas que é muito importante, agora está tudo transformado, muito distante do aprendizado, mas mesmo assim não deixa de ser importante para incentivarmos o aprendizado e não desistirmos de aprender cada vez mais” (Educanda 7 – 08/06/2021) (Sic).

“Agora vou falar sobre meus estudos aqui na unidade, sobre nossas tarefas, pois não sei fazer nada, tenho bastante dificuldade para entender, boa se voltasse a ter um professor para explicar. Bem aqui eu termino esta carta, falando sobre usarmos o raciocínio sempre da importância da Matemática na minha vida, tudo que faço sempre uso muito números. Desde o dia que nasci a minha vida inteira está relacionada com a Matemática” (Educanda 8 – 08/06/2021) (Sic).

“Os estudos dentro da prisão antes da pandemia eram excelentes, nós tínhamos estudos presenciais junto com o professor, e isso é muito bom, principalmente em Matemática, pois ai quando a gente tinha dúvidas, o professor ia e nos explicava e agente entendia, agora com essa pandemia tudo ficou mais difícil e complicado, pois não temos mais aulas presenciais e mesmo os professores deixando alguns espaços para nós tirarmos as nossas dúvidas, muitas vezes continuamos com dúvidas e sem entender os exercícios, e precisamos estudar para adquirir muito conhecimento” (Educanda 13 – 08/06/2021) (Sic).

---

<sup>13</sup> Sistema – quando um presidiário se refere ao termo “Sistema”, ele está se referindo ao sistema carcerário, Sistema Prisional ou sistema penal, que, para eles, têm o mesmo significado.

“[...] e o meu primeiro professor foi o Djalma na disciplinas de ciências e até hoje aula presencial só tive com ele nas disciplinas de ciências e Matemática e o que me levou a estudar aqui na cadeia, Hoje com a pandemia tudo é muito dificultoso não temos aulas presenciais, somente apostila que vem para fazermos dentro da cela e é que entra a minha maior dificuldade é a falta de um professor, pois tenho muitas dúvidas e até mesmo não sei fazer algumas questões e não temos professor para nos explicar nos ensinar e tirar dúvidas o que nos prejudica muito em aprender” (Educanda 14 – 08/06/2021) (Sic).

“O ensino dentro da prisão é bom, mais a meu ver tem muitas coisas que devem melhorar por que com a pandemia às vezes manda tarefas para nos fazer no X<sup>14</sup> e as tarefas vem sem explicação ai, eu me perco toda e no meu ponto de vista. Deveria sim a tarefa para nos fazer e outra folha, com as explicações para que possamos entender o que é para fazer, por que muitas coisas eu não, consigo me lembrar. O que mudou agora com a covid-19 é que as tarefas vêm em apostilas e fico de quarentena, para depois ser passada para nós fazer e depois são entregues para os professores corrigir, eu sinto muita falta da aula presencial por que é melhor para aprender as tarefas passadas. Podemos fazer perguntas sobre o tema que não entendemos e o professores pode nos explicar ali no exato momento” (Educanda 15 – 08/06/2021) (Sic).

As educandas escreveram as cartas em junho de 2021, em um momento em que estávamos em plena pandemia e o ensino no Sistema Prisional do Paraná se dava apenas de modo remoto, por meio de entrega às alunas de materiais impressos que eram chamados de apostilas. Então, em relação ao então ensino no Sistema Prisional, houve unanimidade ao afirmarem que, sem a presença do professor, sentiam-se perdidas e com dificuldades para desenvolverem as atividades propostas remotamente pelo professor. A falta da presença do professor para sanar-lhe as dúvidas, para explicar as matérias e lhes ensinar, as prejudicou muito em aprender, como explanou a educanda 14.

A prisão é um lugar pouco motivador; sem a presença do professor, as educandas se sentiram desamparadas. O incentivo educacional por parte do professor pode fazer toda a diferença, pois o contato com os professores é um dos momentos que as educandas se sentem verdadeiramente como alunas.

Como foi possível constatar, a dificuldade do ensino remoto foi uma constante entre as educandas pesquisadas. O ensino remoto desenvolvido durante a pandemia apresentou alguns pontos distintos do que nas escolas fora do Sistema Prisional. O educando preso não tem acesso a bancos de dados, como a internet, jornal, revista e até mesmo livros. As consultas e/ou pesquisas que estes educandos(as) fazem se

---

<sup>14</sup> X – É o termo que os(as) apenados(as) usam para se referirem às celas onde estão alojados; para os(as) apenados(as), “X” é o mesmo que cela. Na PFF-UP, em cada cela (X), estão alojadas de 6 a 8 internas, em um espaço de aproximadamente 10 metros quadrados. Nesses espaços, há um banheiro com um vaso sanitário que elas chamam de “boi”. As camas são de concreto armado, estilo beliche.

restringem aos materiais disponibilizados pelos professores, o que delimita muito o campo pesquisado e/ou consultado. E, como várias educandas relataram, o material vinha apenas com as tarefas a serem realizadas; elas não dispunham de explicações de como fazer, ou, quando tinham, eram consideradas escassas e não suficientes.

Todas as participantes da pesquisa afirmaram que o ensino remoto por meio de material impresso, como ocorreu em tempos de pandemia, não contemplam aprendizado satisfatório. Ressaltaram que o ensino remoto é mais dificultoso e que há necessidade de ter o professor para sanar as dúvidas, quando elas surgem. A modalidade de ensino remoto não permite a contextualização e nem o debate dos conteúdos ministrados.

Contrariamente a essa constatação, o Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressos do Sistema Prisional do Paraná de 2021 prevê ainda a ampliação da oferta da educação formal, não formal e cursos de capacitação por meio da modalidade à distância, contrariando os apontamentos para melhorar a educação dentro dos presídios brasileiros.

No relato da educanda 2, além de destacar a dinâmica do ensino durante a pandemia, também foi pontuado sobre a falta de espaços apropriados para ensinar e aprender dentro do Sistema Prisional, ou seja, a adaptação de espaços (banheiros, corredores, solários) para ambiente escolar, o que é uma prática comum no ensino prisional do Paraná. E isso não é novidade, nem para quem formula as políticas públicas, como destaca o documento paranaense mais recente sobre a educação prisional: “Assim, o número de alunos por salas de aula também é estabelecido de acordo com as normas de segurança e considerando a metragem destes ambientes, pois muitas foram espaços internos adaptados para funcionar como sala de aulas” (PARANÁ, 2021, p. 9). No entanto, nada tem sido feito para melhorar isso.

A questão do espaço físico também apareceu no relato da educanda 4. No entanto, ela aborda sobre como se sentem tratadas nesse espaço. Apesar de não ficar claro no trecho, ela se refere à relação que é estabelecida entre as educandas e os carcereiros e a administração da unidade.

[...] não há espaço físico na unidade que sejam adequados, também as vezes sentimos lesados e oprimidos no sistema, pois o que deveria ser ressocialização acaba sendo opressão, na minha opinião já que é uma unidade de progressão não deveríamos ser tão oprimidas e as vezes até por reivindicar um direito que é nosso por lei que consta na constituição, somos ameaçadas e até levamos comunicado que nos impede de fazer remição ou

ter algum outro tipo de direito. [...] e com toda essa opressão que vivemos aqui, muitas pessoas melhoram devido ao muito sofrimento, outras pioram e saem mais revoltados, com psicológico perturbado, totalmente desestruturado por viver em constante pressão psicológica e devido a muita pressão até dificulta o aprendizado dentro do sistema” (Educanda 4 - 08/06/2021) (Sic).

“No momento agora eu não estou estudando, pois infelizmente estou com uma falta, mais vou falar o que eu penso, eu acho em minha opinião que mesmo a gente estando com falta deveríamos pelo ao menos poder continuar estudando, pois, os estudos são muito importantes para a nossa vida, principalmente a Matemática” (Educanda 13 - 08/06/2021) (Sic).

No trecho destacado do relato da educanda 13, fica evidente também como a possibilidade de estudar está relacionada ao bom comportamento. Infelizmente, se o(a) educando(a) comete uma falta disciplinar dentro do Sistema Prisional, fica suspenso de todas as atividades, inclusive das atividades escolares; dependendo do caso, só poderá retornar aos estudos após seis meses. As atividades escolares para os apenados são vistas pelos agentes do Sistema Prisional com um “benefício ou privilégio”, logo, se o preso cometeu uma falta disciplinar, ele perde o “benefício”. A educação para os privados de liberdade ainda não é vista como um direito.

O plano Estadual de Educação nas Prisões de 2012 ponderava que o grande desafio da educação nesses locais, na época, era transformar o ambiente carcerário em um ambiente escolar; era transformar criminosos em alunos, carcereiros em educadores. Quase 10 anos depois, podemos observar, no plano de 2021, que não avançamos neste contexto. O plano de 2021, que não foi discutido com os educadores, prevê a ampliação da educação à distância para os educandos encarcerados. Está bem clara a previsão de ampliação do atendimento EAD para a educação em 140% no próximo quadriênio. A ampliação do atendimento presencial é de apenas 45,5% no mesmo período. Mas não há previsão de reestruturação física, para proporcionar um ambiente escolar dentro das prisões, muito menos descrição de ações que possibilitem que carcereiros se vejam como educadores. Infelizmente, as decisões governamentais vêm na contramão das necessidades apontadas pelas educandas da EJA no Sistema Prisional.

O se sentir acolhido, que é reclamado pelas detentas, poderá fazer toda a diferença no aprendizado do educando da EJA. Infelizmente, muitos alunos do Sistema Prisional não se sentem detentores desse direito básico, expresso na constituição de 1988, a qual permeia o direito à educação e, em alguns depoimentos, os alunos se sentem até envergonhados por estarem em um ambiente escolar.

Portanto, temos o desafio de receber e criar espaço acolhedor para esse público. É preciso romper com o paradigma do não direito aos bancos escolares para os educandos do Sistema Prisional.

Nos relatos seguintes, além de tratar do ensino remoto durante a pandemia, também é mencionado como era antes, destacando-se que tinham aulas presenciais, porém, que elas só aconteciam em alguns dias da semana:

“Quando comecei a estudar aqui já estávamos na pandemia e só tenho estudado por apostilas que é entregue no X, eu acho que poderia ser melhor o estudo aqui, porque eu tenho uma certa dificuldade e não tenho pra quem perguntar e tirar as minhas dúvidas, Eu acredito que poderia ter um plano novo para estudar aqui, principalmente por causa da pandemia, algo deveria que ser feito, pois só as apostilas ainda são pouco para aprendermos principalmente Matemática que é uma matéria um pouco mais difícil. Eu gostaria de aprender muito mais do que venho aprendendo, eu gosto muito de ler e me interessei pelo aprendizado, me esforço muito para fazer as atividades que vem pra mim e leio 2 ou 3 livros por mês. Eu acho que agora os professores já foram vacinados poderia voltar as aulas presenciais aqui na unidade, porém pelo que sei antes as aulas eram só 3 vezes por semana e eu creio que se fosse todos os dias conseguiríamos tirar as presas todos os dias pra sala de aula assim ocuparíamos melhor o tempo que passamos aqui pagando pelo nossos erros, seria útil aprender a refletir, sem contar que fica na X (cela) sem nada pra fazer é horrível, muitas acabam se atrasando por conta da ansiedade e da mente vazia. Quando saímos pra fora seja para trabalhar ou estudar se chega na X só tem ânimo para comer, tomar uma ducha e dormir a cadeia passa mais rápido e estamos aprendendo, também se junta o útil ao agradável” (Educanda 9 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] e estudo na unidade até hoje, adoro estudar, antes nós tínhamos aula presencial, mas agora com a pandemia não é possível, mas nós continuamos a estudar, vem toda semana as apostilas de uma matéria pra nos fazer na cela, na minha opinião deveria dar pelo menos 2 matérias para fazermos na cela, porque você recebe a matéria por exemplo na segunda da outra semana eles recolhem e descem outra<sup>15</sup> apostila, mas da mesma matéria. Deixa-me relatar, então voltando a falar nestes 5 anos que estou presa a minha mente não está evoluída como antes, pois não tenho a mente ativa nas atividades, aqui eu leio muitos livros, mas não é como você tá colocando a mente em prática todos os dias, a minha mente ficou sedentária como eu também estou sedentária [...]” (Educanda 10 - 08/06/2021) (Sic).

“Eu acho que aqui no sistema deveria haver mais aulas de Matemática, como já falei nas outras folhas, a Matemática é primordial na vida de todo mundo e aqui no sistema, em minha opinião deveria ter aula de Matemática e o sistema carcerário aqui tem que dar mais oportunidade para os estudos, apoiar e incentivar os professores a ensinar, no sistema, no sistema a aula está devagar, não sei se é por causa da pandemia, tem semana que dão as apostilas pra nós fazer aqui, tem semana que não vem, eu acho que os professores deveriam dar mais uma atenção nesta parte pra nós, eu pelo ao menos gosto de estudar, passa o tempo e a mente tá trabalhando, a aula

---

<sup>15</sup> No período de pandemia, durante os anos de 2020 e 2021, todas as atividades escolares dentro do Sistema Prisional do Paraná foram executadas por meio de material impresso. Os professores produziam as atividades e levavam até a biblioteca da Unidade e as(os) presas(os) da biblioteca faziam a entrega e a recolha das atividades enviadas pelos professores. É por isso que a educanda 10 disse: “na segunda da outra semana eles recolhem e descem outra apostila”.

presencial é importante, [...] mesmo assim gostaria que os professores desse mais de uma matéria pra gente fazer na cela [...]” (Educanda 11 - 08/06/2021) (Sic).

A educanda 9 faz uma crítica ao ensino remoto, sente-se desamparada sem a presença do professor e indica a necessidade de “ter um plano novo para estudar aqui”. Destaca que deveria ter mais momentos de aulas presenciais, com aulas todos os dias da semana. A necessidade de mais atividades também foi destacada pela educanda 10, para que se possa manter uma mente ativa; embora faça muitas leituras, considera pouco. Já a educanda 11 afirma que deveria ser dada mais atenção aos estudos no Sistema Prisional e destaca a importância da aula presencial, seja para manter a mente ativa e trabalhando ou ocupar melhor o tempo e não ter uma mente vazia. Para evitar inclusive a ansiedade e o sedentarismo, as educandas anseiam por mais atividades que possam ser realizadas no sistema educacional prisional. Elas sentem a necessidade de uma proposta educacional que contemple suas necessidades de estudantes privadas de liberdade. Infelizmente, não há previsão para que isso ocorra, muito pelo contrário, a nova proposta pretende aumentar ainda mais esse abismo entre o educador e o educando dentro do Sistema Prisional.

Evidencia-se a necessidade de uma educação que vá ao encontro das expectativas das educandas, que ofereça significado real para sua vida, na atual condição em que se encontram. Como elucida Fonseca (2020, p. 18), no caso da EJA, “[...] as condições de não criança de seus alunos não estão relacionadas somente aos entraves provenientes das limitações impostas pela estrutura e pelos propósitos escolares”. Para a autora, a dificuldade de implantação de uma proposta pedagógica que contemple os anseios do público da EJA acontece por falta de pesquisa ou por investigação ainda muito frágil no campo do ensino e aprendizagem dessa modalidade. Ainda, nos pressupostos da autora, o campo de pesquisa envolvendo a EJA e suas diversidades, bem como a importância destas para o ensino e aprendizagem desse público, é praticamente inexistente. Constata-se que há muito a ser explorado nesse campo, principalmente com relação ao aspecto voltado à psicologia, o qual poderia contribuir para subsidiar reflexões e compreensões do processo cognitivo do ensino e aprendizagem das pessoas adultas.

No relato da educanda 11, também é ressaltada a irregularidade da oferta do ensino no Sistema Prisional, bem como a dificuldade de aprender e dar sequência nos

estudos na modalidade remota. A irregularidade na oferta também foi destacada no relato da educanda 12, ao indicar que, em outros locais em que esteve presa, não havia qualquer atividade de remição. Isso traz à tona um problema bastante presente nas unidades prisionais, isto é, a falta de estrutura física para o desenvolvimento de atividades escolares, bem como a falta do tratamento penal adequado, conforme prevê a LEP.

“[...] aos 18 anos tive que largar de novo, pois eu engravidei, e logo em seguida eu acabei indo presa, mais fiquei pouco tempo e depois de 4 meses eu sai, mais não tive como estudar, pois eu estava pra ganhar minha segunda filha, fiquei 10 meses na rua, e acabei vindo presa de novo fiquei 2 anos e 10 meses, mais não tive oportunidade de estudar, pois aonde eu estava presa não havia nenhuma remição, nenhum tipo de benefício, e não tinha estrutura adequada para estudarmos, depois desses 2 anos e 5 meses presa, eu sai e a primeira coisa que eu fiz foi ir atrás de me matricular... mas não deu muito tempo de começar a estudar, vim presa de novo agora já faz 3 anos que estou presa e 2 anos que estou estudando, quando eu vim de transferência de Maringá para cá a primeira coisa que eu fiz fui atrás, foi de estudar, pois eu sempre me arrependi de ter abandonado meus estudos, por não ter muito interesse, e hoje em dia eu sei que o estudo é o principal na nossa vida, pois para tudo precisa de ter completo os estudos” (Educanda 12 - 08/06/2021) (Sic).

“[...] me arrependo por ter parado os estudos, hoje em dia vejo o quanto isso me prejudicou, pois queria subir na firma, não pude porque não tinha estudos, eu já tinha voltado a estudar na rua no CEEBJA lá em Cascavel, mas não deu tempo de terminar, já vim logo em seguida presa. Aqui na unidade comecei ano passado em 2020 na cela, pois já tinha a epidemia, vai fazer 2 anos que estou na unidade, usamos a Matemática aqui para ver quantos dias faltam para eu ir embora, nós fazemos bastante sobre as remições” (Educanda 10 - 08/06/2021) (Sic).

A experiência em trabalhar na EJA desde 1997, quando iniciei a carreira profissional como educador, faz-me constatar que os relatos são muito parecidos, como quando os educandos narram arrependimentos por terem interrompido os estudos, caso dos dois trechos anteriores. A maioria das educandas que participaram da pesquisa não tiveram condições de prosseguir com os estudos, devido às demandas de atendimento às necessidades básicas, suas e dos filhos, o que reforça as lamentações. Não se deve esquecer que a educação é parte fundamental no processo de ressocialização das PPL. As condições econômicas e sociais são parte importante para o processo de escolarização de qualquer pessoa. Após sair pela primeira vez da prisão, a educanda 12, por exemplo, reconhece a importância da escolarização em sua vida e, mesmo tendo vontade de recuperar o tempo perdido, infelizmente, a interna não reuniu condições econômicas e sociais para dar

continuidade aos seus estudos. Logo, a dificuldade de retorno aos bancos escolares dessa estudante, infelizmente, não é um ponto fora da curva, como enuncia Fonseca (2020):

A interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar não lhe ocorre, porém, apenas como um episódio isolado de não acesso a um serviço, mas num contexto mais amplo de exclusão social e cultura, e que, em grande medida, condicionará também as possibilidades de reinclusão que se forjarão nessa nova (ou primeira) oportunidade de escolarização (FONSECA, 2020, p. 14).

Nas considerações da autora, a exclusão social e econômica é a marca registrada do público da EJA. Pontua também que se faz necessário que os educadores da EJA sejam conhecedores de três campos, os quais norteiam os contemplados por essa modalidade de ensino, assim identificados: a condição de não criança desses discentes; a condição de excluídos da escola; e, principalmente, a condição de um sujeito pertencente a determinados grupos sociais. Nas ponderações de Fonseca (2020), essas são condições importantes para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da EJA, condições que, na maioria das vezes, não se fazem presentes na organização de seus currículos.

“Quero que esta pandemia passe, para podermos voltar aos estudos presencial, sinto muita saudade, de ter os livros, dos professores ao nosso redor, mais com fé tudo isso irá passar. Uma dica para todos, não larguem os estudos, e se você tem 20, 40, até 80 anos e está pensando em voltar a estudar, mas acha que é tarde, não pense nisto, não desiste, estude independentemente da idade, aproveite. A educação abre caminhos” (Educanda 12 - 08/06/2021) (Sic).

Finalizando sua carta, a educanda 12 deixa clara a necessidade da presença do professor para dar suporte pedagógico. Constata-se que o público inserido na EJA, historicamente, foi excluído da escola; muitos são alunos que reprovaram por várias vezes no “ensino regular”, assim, é notório que esses alunos, devido aos seus históricos de exclusão, sintam-se acolhidos e seguros, com a presença do professor em sala de aula. A necessidade desses educandos está na contramão do ensino à distância. A presença do professor oferece segurança e contribui para a disponibilização de conforto aos educandos da EJA, dentro do Sistema Prisional, e isso ficou evidenciado nos relatos. No contexto prisional, as internas não sofrerão uma punição na presença do professor. Conseqüentemente, as educandas se sentirão

seguras e protegidas, condições básicas para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, conforme as constatações apontadas na maioria das cartas.

As especificidades destacadas sobre o ensino remoto talvez estejam relacionadas à dificuldade de acesso às fontes de pesquisas e/ou consultas. Diferentemente dos educandos fora do Sistema Prisional, os alunos apenados não têm fonte de pesquisa ou consulta. Em sua maioria, limitam-se a pesquisar os materiais enviados pelo professor, isso quando autorizado pela chefia de segurança. Devido a essa restrição, o ensino remoto no Sistema Prisional ficou bastante limitado durante a pandemia e não atendeu satisfatoriamente às necessidades dos aprendizes.

#### **5.2.4 Condições estruturais oferecidas pela PFF-UP para o ensino**

Esta pesquisa foi realizada em uma Unidade de Progressão de Pena, o que não reflete a realidade estrutural das penitenciárias do Estado do Paraná. Mesmo assim, a estrutura improvisada para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem aparece em alguns relatos. Por ser uma unidade de progressão, as estruturas físicas são melhores do que as unidades que não são de progressão de regime. Mesmo sendo uma penitenciária de progressão, a PFF-UP não dispõe de ambiente adequado para a escolarização, como pontuam os trechos dos relatos seguintes:

“Quando comecei a estudar não tinha sala de aula, era no barracão cheio de cadeiras e carteiras sem divisão de uma com a outras turmas era tudo aberto” (Educanda 14 - 08/06/2021) (Sic).

“O ensino na prisão não é muito bom, pois não aprendemos nada quase, não temos uma sala adequada para aula nem materiais didáticos, se precisamos de um livro para acompanhar a matéria não tem [...] se eu tivesse na minha liberdade eu não iria terminar os estudos e aqui mesmo com o ensinamento e as condições, que não são muito boas, vou ter oportunidade de terminar meu ensino médio [...]” (Educanda 2 - 08/06/2021) (Sic).

“Em questão do espaço melhorou muito visto do que era para quem realmente quer aprender” (Educanda 2 - 08/06/2021) (Sic)

A educanda 14 aponta como eram as condições da PFF-UP antes da reforma, quando as aulas ocorriam em um barracão sem divisórias. Após a reforma, as condições físicas melhoraram bastante; hoje, existe divisória, porém, a parte de cima é aberta, sem forro, e, por esse motivo, a poluição sonora é muito grande. Já o relato

da educanda 2 é referente à atual situação da PFF-UP, após a reforma do barracão e da mudança do antigo Centro de Ressocialização Feminina de Foz para PFF-UP, que ocorreu em 2018. Mesmo assim, ela pontua que a sala de aula não é adequada, o que se confirma no relato da educanda 5, quando afirma que houve melhorias nas condições físicas nos espaços escolares, porém, que não é o ideal. No trecho do relato da educanda 2, ainda aparece que não há material didático disponível, nem ao menos livros.

As condições inadequadas dos espaços físicos para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no Sistema Prisional do Paraná é um fato reconhecido pelo próprio Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional do Paraná de 2021, ao mencionar a falta de estrutura física para o desenvolvimento educacional nos presídios.

A ausência de espaços adequados para o desenvolvimento das ações de ensino e aprendizagem desmotiva os professores e educandos, e reduz a possibilidade de ressocialização dos detentos. Diante dessa constatação, é necessário fomentar políticas públicas para que sejam implementadas condições favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem dentro do Sistema Prisional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.*

(Nelson Mandela)

Este trabalho não teve a intenção de exaurir o tema, mas sim de compreender as relações que as educandas privadas de liberdade estabelecem com a matemática e com o ensino no Sistema Prisional. Para isso, fez-se necessário compreender quem são essas mulheres privadas de liberdade da PFF-UP, os motivos que as levaram para o cárcere e o contexto social em que essas educandas estão inseridas. Foi necessário compreender também como essas educandas se relacionavam com a educação e, de modo especial, com o ensino de matemática antes do encarceramento.

Esta pesquisa teve o objetivo, também, de provocar o debate sobre educação no Sistema Prisional e sobre o ensino de matemática para educandas privadas de liberdade, com o intuito de que novas pesquisas sobre a educação matemática no Sistema Prisional sejam realizadas, de modo especial, com mulheres encarceradas.

Convém salientar que a educação matemática presente hoje no Sistema Prisional ocorre por meio da EJA, modalidade de ensino historicamente negligenciada pelos governantes. Nesse sentido, observa-se que as educandas de matemática da EJA no Sistema Prisional, como qualquer outra educanda da EJA, carregam consigo o estigma da exclusão social, pois são pessoas de baixa renda, algumas repetentes do ensino regular. O que as diferencia é que a maioria delas carrega no seu currículo uma longa ficha criminal. Infelizmente, essas alunas apenas estão inseridas em ambientes, reconhecidamente opressores, em lugares desfavoráveis para ensinar e aprender qualquer disciplina do currículo, principalmente a matemática, tudo isso conjugado com ambientes improvisados, desconfortáveis e até insalubres como sala de aula.

O Sistema Prisional não tem um currículo que leve em consideração as condições físicas dos presídios brasileiros, ou ainda as condições sociais dos apenados inseridos neste contexto. É importante ponderar que, com a aprovação da modalidade de ensino EAD ou semipresencial nos presídios paranaenses, aumentou significativamente a distância entre o educador e o educando privado de liberdade, dificultando ainda mais a possibilidade de fazer contextualização dos conteúdos

ensinados com sua prática diária, e, principalmente, os debates e as reflexões críticas e sociais, como estabelece a EMC.

Em decorrência das investigações aqui abordadas, entende-se a educação como uma das poucas formas de resgatar as pessoas que cometeram algum delito e se encontram reclusas e de promover a transformação desses educandos e educandas, ampliando sua visão de mundo, suas possibilidades profissionais e a melhora da autoestima, aspectos importantes para viabilizar a ressocialização dessas pessoas.

Os presídios, historicamente, foram lugares de negação de direitos, de muita censura, e quase exclusivamente de punições. É somente por força de lei que a educação está presente nos presídios brasileiros. Todavia, na atual conjuntura da educação prisional, não há uma preocupação com a qualidade do ensino ofertado nas prisões, pois apenas o número de pessoas atendidas é o que realmente importa para o Estado, para assim demonstrar, perante organizações internacionais de Direitos Humanos e para outros países, que o Brasil está cumprindo seu papel de oferecer educação para os apenados.

É nesse cenário totalmente desfavorável que está inserido o ensino de matemática no Sistema Prisional, haja vista que não há, neste local, espaço e materiais adequados para ensinar e aprender matemática. E, ainda, não há, no Sistema Prisional, um currículo voltado para essa disciplina, que leve em consideração seus aprendizados prévios, as condições sociais dos apenados e as condições institucionais praticadas com o estudante preso. Não há, por exemplo, algo tão elementar, básico e necessário, que é o acesso a livros e outros meios de pesquisa.

Em suma, a educação é uma das ações previstas no tratamento penal, pois ela poderá contribuir significativamente para a ressocialização das pessoas privadas de liberdade, proporcionando-lhes possibilidades de ressignificar suas relações e atuações no mundo; todavia, isso acontece de forma muito precarizada, quando acontece. Nesse contexto, a educação matemática, em seu viés mais crítico, poderia contribuir para essa transformação dos educandos privados de liberdade, uma vez que influi na vida prática.

As ações norteadoras, de 2014, sobre o regimento escolar prisional do Estado do Paraná, garantem a matrícula a qualquer tempo e a avaliação contínua dos educandos privados de liberdade. O artigo 148 do referido regimento, em seus incisos

I, II, III, IV e V, pontua que a avaliação deverá ser diagnóstica, contínua, sistemática, abrangente e permanente. E o artigo 169, que a recuperação da aprendizagem é um direito e deve ser individualizada, organizada com atividades significativas e entrevistas para melhor diagnosticar o nível de aprendizagem de cada educando. Como contemplar uma avaliação nos moldes solicitados em uma modalidade à distância ou com a maior parte da carga horária à distância? Como fazer uma boa recuperação individualizada, com atividades significativas e entrevistas com cada educando no ensino à distância e sem qualquer outro meio de comunicação individual com as educandas? Nota-se uma disparidade entre o que estabelece o regimento e as condições para efetuar tais ações.

Outra questão bastante controversa são os espaços físicos. O artigo 200 do Regimento Escolar Prisional do Estado do Paraná afirma que os espaços físicos para o ensino e aprendizagem nos estabelecimentos penais deve ser um espaço em que o educando privado de liberdade se sinta humanizado. Esses espaços devem contribuir para que o privado de liberdade se sinta somente aluno e não prisioneiro.

Não é possível se sentir apenas aluno em uma sala de aula improvisada, em um banheiro coletivo, na própria cela, ou ainda no solário, onde não há banheiro disponível para os alunos, água e muito menos biblioteca. Vale ressaltar que esses ambientes estão no interior dos presídios, com ruídos em excesso e, muitas vezes, são malcheirosos. A arquitetura da maioria dos presídios brasileiros não contempla em sua planta espaços adequados para o desenvolvimento de atividades de ensino, como pontuam Cordeiro (2010) e Rodrigues (2018). É notória a falta de cumprimento da legislação no que se refere ao desenvolvimento educacional nos presídios brasileiros.

Não é possível ter uma educação de qualidade, capaz de contribuir significativamente para a transformação do apenado, se esta não é reconhecida como um direito inquestionável por todos os envolvidos diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos presídios, a exemplo de professores, pedagogos, diretores de unidades prisionais, policiais penais, governantes, sociedade e, principalmente, pelo próprio privado de liberdade. Somente com o reconhecimento por parte de todos os envolvidos nesse processo é que se terão contemplados os incisos de a I a XVII do artigo 225 do Regimento Escolar Prisional do Estado do Paraná. O referido artigo, entre outras questões, estabelece que os educandos devem ser reconhecidos e valorizados, principalmente em suas diferenças, que as instituições de ensino

cumpram a sua função de efetivar o processo de ensino e aprendizagem; ter formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente nos níveis cognitivo, social, cultural e político; ter ensino de qualidade ministrado por profissionais habilitados para o exercício de suas funções e atualizados em suas áreas de conhecimento; ter acesso a todos os conteúdos previstos na proposta curricular. Enfim, esses são alguns direitos assegurados pelo artigo 225 do Regimento Escolar Prisional do Estado do Paraná.

Talvez a falta de reconhecimento da educação como um direito dentro dos presídios possa ter contribuído para que o ensino no Sistema Prisional sofresse algumas adaptações, por exemplo, as adaptações nos espaços físicos e na proposta pedagógica.

O combinado de aulas presenciais com EAD, apesar de ter sido uma proposta rejeitada pelos educadores do próprio Sistema Prisional em 2012, foi implantado nas unidades prisionais paranaenses em 2014, por um ato monocrático da Secretaria de Estado de Educação, com parecer do Conselho Estadual de Educação, e é um exemplo desse não reconhecimento da educação como direito. Algo que seria um experimento bienal, ainda está em vigor até a presente data, 2022. Uma proposta em EAD ou semipresencial deveria levar em consideração todas as particularidades internas do Sistema Prisional. Um exemplo são as condições que os internos têm dentro do Sistema, como a não disponibilidade de materiais de consulta e/ou pesquisa. Para a boa qualidade de EAD para os educandos, é preciso ter condições mínimas de execução. Essa proposta, a princípio, teria como objetivo levar o atendimento educacional aos presos de alta periculosidade, presos faccionados e aos presos do seguro, no entanto, após oito anos, não se evidencia uma mudança de atendimento a esses públicos. Convém ressaltar que o descaso com a educação é muito grande dentro do Sistema Prisional, mas também fora dele.

Um ensino de matemática de forma crítica, se desenvolvido nas unidades prisionais, poderia contribuir com o processo de ressocialização dos apenados. Para Skovsmose (2014), a EMC é capaz de causar um grande impacto social e político na vida do cidadão, tendo uma dimensão política para a prática da libertação do sujeito. Os pilares da EMC poderiam contribuir para o processo de ressocialização dos apenados de forma crítica e emancipadora. Paiva e Sá (2011) afirmam que, para sermos críticos, devemos ser capazes de encontrar alternativas para solucionar nossos problemas e nossos conflitos.

Para que a matemática ensinada nos presídios possa conter essas características, ou seja, para que o ensino de matemática dentro das unidades prisionais leve aos educandos privados de liberdade a prática reflexiva, seriam necessárias mudanças de paradigmas, a começar pelo reconhecimento, por todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, de que a educação dentro dos presídios brasileiros é um direito dos apenados, como para qualquer pessoa fora do Sistema Prisional; ao entender que as estruturas físicas devem ter condições do desenvolvimento das ações de ensino e de aprendizagem, com salas amplas, biblioteca, banheiro, água, entre outros aspectos; e um projeto político pedagógico direcionado aos educandos, que considerasse suas historicidades, bem como a sua necessidade de aprendizagem. Todas essas ações se fazem necessárias para evitar que a inclusão dos apenados nos bancos escolares não se torne uma microexclusão.

Os problemas matemáticos para os educandos privados de liberdade precisam dar sentido à sua prática social. A pesquisa apontou que essas educandas têm uma grande necessidade da presença do professor, pois este lhes confere mais segurança, e não só para o processo de ensino, pois, no contexto prisional, a presença do professor é sinônimo de proteção para as internas. E as educandas se sentirem seguras e protegidas são condições básicas para o desenvolvimento de qualquer processo educativo. A pesquisa também apontou que a matemática tem um grande papel na vida das educandas e que o ensino remoto ou semipresencial está muito longe de ser o ideal para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, principalmente para a disciplina de matemática.

Vale ressaltar que as educandas privadas de liberdade participantes da pesquisa são mulheres, a maioria com idade entre 25 e 35 anos, que interromperam os seus estudos por diversos motivos antes de serem aprisionadas. A maioria está presa por tráfico de drogas e muitas foram envolvidas pelos seus companheiros. Todas são mães, em média de três filhos cada uma. Essas mulheres vislumbram, no ensino que recebem na prisão, a possibilidade de mudança para uma vida melhor.

Nos relatos, as educandas associaram a matemática às suas tarefas diárias e todas as educandas participantes da pesquisa veem a importância em aprender matemática e a consideram uma disciplina essencial na vida de qualquer cidadão.

Infelizmente, no atual cenário, com o distanciamento entre educador e educando, promovido pela EAD nos presídios brasileiros e com a pandemia que aumentou ainda mais esse distanciamento, observa-se que o ensino da matemática

não tem sido capaz de desenvolver competências críticas para os educandos privados de liberdade, e não tem conseguido contribuir significativamente para soluções de problemas e conflitos dos apenados.

Este trabalho apresentou reflexões sobre o ensino da matemática dentro dos presídios brasileiros, do ponto de vista das educandas privadas de liberdade, e indica a necessidade de se aprofundarem as pesquisas sobre a educação como um todo, bem como sobre a educação matemática no Sistema Prisional brasileiro, de modo especial no atendimento às mulheres presas.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDI, Roseméri Simon. **Políticas públicas, ensino superior e a cultura da sustentabilidade**: uma abordagem inovadora para o fomento da cultura da sustentabilidade nas instituições de ensino superior. Foz do Iguaçu: Normas, 2015.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade São Paulo**, São Paulo, p. 265-274, dez. 2006. Disponível em: [http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf). Acesso em: 30 out. 2020.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1940. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del2848.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm). Acesso em: 27 set. 2020.
- BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm). Acesso em: 30 set. 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. **Resolução nº 14 de 11 de novembro de 1994**. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/interjustica/pdfs/regras-minimas-para-tratamento-dos-presos-no-brasil.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes Bases da Educação**. Lei n. 9.394 de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 30 set. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011\\_00.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf). Acesso em: 19 out. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 12.433, de 29 de junho 2011**. Institui a remição de pena pelo estudo. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 124, 30 de jun. 2011.
- CHEVALLARD, Yves. **Estudar Matemáticas**: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CRUSOÉ, Nilma Margarida de castro. **A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação**. Vitória da Conquista: Uesb, 2004.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Da realidade à ação**: reflexões sobre educação Matemática. 6. ed. Campinas: Summus, 1986.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática**: Da teoria à Prática. 23. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **EtnoMatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 dez. 1948. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm). Acesso em: 30 set. 2018.

FAUSTINO, Ana Carolina *et al.* Macroinclusão e Microexclusão no Contexto Educacional. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 3, set./dez. 2018.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2020.

FONSECA, Maria da Conceição F. R. **Educação Matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANKENSTEIN, Marilyn. Educação Matemática Crítica: uma aplicação da Epistemologia de Paulo Freire. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Ed.). **Educação Matemática**. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Educação para Jovens e Adultos privados de liberdade: desafios para a política de reinserção social**. Salto para o Futuro. Brasília, 2007.

MACHADO, Edina Fialho; MENDES, Iran Abreu; GONÇALVES, Tadeu Olivier. Contribuições de um professor de Matemática identificado com a docência no cárcere como prática humanizador. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 27, set./dez. 2019.

MARQUES, Ricardo Moura Santos. **Matemática Cotidiana: um trabalho com Matemática Crítica na Educação de Jovens e Adultos**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2014.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 48, n. esp. 2, p. 193-199, jul. 2014.

NOVO, Benigno Núñez. **A Educação Prisional no Brasil**. s/d. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-educacao-prisional-no-brasil.htm#:~:text=E%20a%20Lei%20de%20Execu%C3%A7%C3%A3o,a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional%20do%20preso>. Acesso em: 30 set. 2020.

OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de. A educação escolar nas prisões: uma análise a partir das representações dos presos da penitenciária de Uberlândia (MG). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, p. 965-967, dez. 2013.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimentos e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, n. 12, p. 59-73, 1999.

PAIVA, Ana Maria Severiano de; SÁ, Ilydio Pereira de. Educação Matemática Crítica e Práticas Pedagógicas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 2, n. 55/2, p. 1-7, 2011.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba, 2006.

PARANÁ. **Plano Estadual de Educação do Sistema Prisional do Paraná**. Curitiba, 2012.

PARANÁ. **Lei nº 17.329, de 8 de outubro 2012**. Institui o Projeto Remição pela Leitura no âmbito dos Estabelecimentos Penais do Estado do Paraná. Diário Oficial nº 8814. Curitiba, 08 out. 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta pedagógico-curricular para a oferta de Educação de Jovens e Adultos nos estabelecimentos penais do Paraná**. Curitiba, 2013.

PARANÁ. **Ações Norteadoras Sobre o Regimento Escolar Prisional do Estado do Paraná**. Curitiba, 2014.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 01/2018**. Disponível em: [https://normativasconselhos.ifal.edu.br/normativa/pdf/CEE-PR\\_132\\_deliberacao\\_01\\_18.pdf](https://normativasconselhos.ifal.edu.br/normativa/pdf/CEE-PR_132_deliberacao_01_18.pdf). Acesso em: 29 jan. 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e Esporte e Secretaria de Estado da Segurança Pública. **Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional do Paraná**. Curitiba, 2021.

PONTES, Edel Alexandre Silva; PONTES, Edel Guilherme Silva; GOMES DA SILVA, Robespierre Cocker; QUISSUMBI JUNIOR, Venancio. O saber e o fazer matemático: um dueto entre a teoria abstrata e a prática concreta de Matemática. **Psicologia & Saberes**, v. 5, n. 6, p. 23-31, 2016. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/734>. Acesso em: 13 jan. 2021.

PORTAL BRASILEIRO DE DADOS ABERTOS. **INFOPEN - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias1>. Acesso em: 16 out. 2020.

ROCHA, Andressa Albano. **Centro de Reintegração Social Feminino de Foz do Iguaçu: o que pensam as detentas a respeito da Matemática?** 2018. Monografia (Licenciatura em Matemática) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2018.

RODRIGUES, Vanessa Elisabete Raue. **A educação nas penitenciárias: as relações entre a estrutura física e a prática pedagógica nas unidades do Paraná**. 2018. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2725/1/Vanessa%20Elisabete%20Raue.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2021.

SILVA, Itamar Miranda da. **A Relação do Professor com o Saber Matemático e os Conhecimentos Mobilizados em sua Prática**. 2014. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SILVA, Tiago Nunes da; NUNES, Vânia Gonçalves. A educação como principal medida de ressocialização dos apenados e outras possíveis medidas. **Cadernos da Fucamp**, v. 17. n. 31, p. 88-109, 2018.

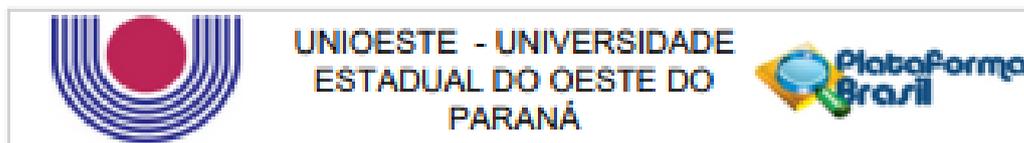
SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação Matemática crítica**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2014.

SKOVSMOSE, Ole. Inclusão, encontros e cenários. **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 24, n+. 64, set./dez. 2019.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Revista Horizontes**, Teresina, n. 2, p. 149-158, dez. 2015.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – PLATAFORMA BRASIL



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** EDUCAÇÃO PRISIONAL: OS SABERES E OS FAZERES MATEMÁTICOS NA VIDA DAS EDUCANDAS PRIVADAS DE LIBERDADE

O público serão as Educandas privadas de liberdade da PFF-UP, matriculadas na disciplina de matemática.

**Pesquisador:** Djalma Machado da Cruz

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 46458821.9.0000.0107

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.703.042

**Apresentação do Projeto:**

Saneamento de pendências

**Objetivo da Pesquisa:**

Vide descrição anteriormente apresentada

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Vide descrição anteriormente apresentada

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Vide descrição anteriormente apresentada

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide descrição anteriormente apresentada

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Agora, o posicionamento sobre os riscos da pesquisa está suficiente

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

**Endereço:** RUA UNIVERSITÁRIA 2009

**Bairro:** UNIVERSITÁRIO

**CEP:** 85.819-110

**UF:** PR

**Município:** CASCAVEL

**Telefone:** (45)3220-3092

**E-mail:** cep.prppq@unioeste.br



UNIOESTE - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO OESTE DO  
PARANÁ



Continuação do Parecer: 4.793.042

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1736964.pdf	10/05/2021 21:53:31		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projctodetalhado.pdf	10/05/2021 08:58:44	Djalma Machado da Cruz	Aceito
Outros	anexoIV.pdf	03/05/2021 09:58:00	Djalma Machado da Cruz	Aceito
Outros	anexoI.pdf	03/05/2021 09:54:23	Djalma Machado da Cruz	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	29/04/2021 11:37:04	Djalma Machado da Cruz	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tce.pdf	15/04/2021 13:12:29	Djalma Machado da Cruz	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CASCABEL, 11 de Maio de 2021

Assinado por:  
Dartel Ferrari de Lima  
(Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITÁRIA 2009  
Bairro: UNIVERSITÁRIO  
UF: PR Município: CASCAVEL  
Telefone: (41)3220-3092 CEP: 85.819-110  
E-mail: cep.prgpp@unioeste.br

**ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na

CONEP em 04/08/2000

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Título do Projeto: **Educação Prisional: os saberes e os fazeres matemáticos na vida das educandas privadas de liberdade**

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética –“CAAE” N°

Pesquisador para contato: Djalma Machado da Cruz

Telefone: (45) 99999-5746

Endereço de contato: Rua Vênus, 540, Jardim Três Fronteiras, CEP 85859-685.

Fone: 3526-8634

Convidamos você, *aluna da disciplina de matemática da Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu Unidade de Progressão (PFF-UP)*, para participar de uma pesquisa sobre educação matemática no Sistema Prisional. Os objetivos estabelecidos são compreender a relação que as apenadas de Foz do Iguaçu/PR estabelecem com os saberes e os fazeres matemáticos e investigar as condições em que se dá o processo de ensino de matemática na PFF-UP e tem o propósito de ampliar o debate sobre a educação matemática no Sistema Prisional. Para que isso ocorra você será submetida a fazer uma narrativa histórica de sua vida, relacionando-a com o ensino de matemática, principalmente ao ensino de matemática na prisão, bem como a contribuição do ensino de matemática para sua vida e sua ressocialização.

Você poderá a qualquer momento desistir de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja deixar de participar da pesquisa e qualquer informação que tenha prestado será retirada do conjunto dos dados que serão utilizados na avaliação dos resultados.

Você não receberá e não pagará nenhum valor para participar desse estudo, no entanto, terá direito ao ressarcimento de despesas decorrentes de sua participação.

Nós pesquisadores garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação em todas as etapas da pesquisa e de futura publicação dos resultados. O seu nome, endereço, voz e imagem nunca serão associados aos resultados desta pesquisa.

As informações que você fornecer serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com esse consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, você será procurada para autorizar novamente o uso.

Este documento que você vai assinar contém (02) páginas. Você deve vistar (rubricar) todas as páginas, exceto a última, onde você assinará com a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado a você em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso você precise informar algum fato ou decorrente da sua participação na pesquisa e se sentir desconfortável em procurar o pesquisador, você poderá procurar pessoalmente o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 8h às 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, você poderá entrar em contato via Internet pelo e-mail: [cep.prppg@unioeste.br](mailto:cep.prppg@unioeste.br) ou pelo telefone do CEP que é (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecida sobre os fatos informados neste documento.

Nome:

Assinatura:

Eu, *Djalma Machado da Cruz*, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa à participante.

Assinatura do pesquisador

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_.

**ANEXO 3 – DECLARAÇÃO DE USO DE BANCO DE DADOS**

<b>Anexo III</b> <b>Declaração de uso de Banco de Dados</b> <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO  O pesquisador do projeto assume o compromisso de: 1. Garantir a privacidade e o anonimato das pessoas que forneceram os dados coletados; 2. Garantir que os dados sejam utilizados única e exclusivamente para a execução dessa pesquisa; 3. Detalhar no Projeto quais informações serão retiradas dos prontuários, relatórios ou demais documentos que envolvam as fontes secundárias; 4. Respeitar todas as normas das Resoluções 466/12, 510/16CNS/MS e suas complementares.
--

<b>Anexo IV</b> <b>Declaração de Pesquisa não iniciada</b>  Declaro que essa pesquisa não foi iniciada e aguarda a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE. Ao término desse estudo, comprometo a tornar público os resultados assegurando o anonimato dos participantes da pesquisa e a pensar o Relatório Final na Plataforma Brasil.
---

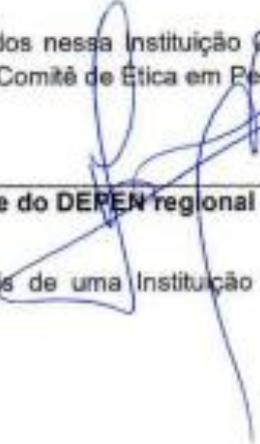
Declaro ter ciência das implicações legais decorrentes das Declarações dos Anexos I a IV.

Foz do Iguaçu, 10/04/2021



Djalma Machado da Cruz

## ANEXO 4 – AUTORIZAÇÃO DO DEPEN PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

 <b>unioeste</b>	
Universidade Estadual do Oeste do Paraná Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Aprovado na Comitê de Ética em Pesquisa – CEP	CONEP em 04/08/2000
<b>Anexo I</b> <b>Formulário de Pesquisa</b>	
Título da Pesquisa: <b>EDUCAÇÃO PRISIONAL: OS SABERES E OS FAZERES MATEMÁTICOS NA VIDA DAS EDUCANDAS PRIVADAS DE LIBERDADE</b>	
Pesquisador Responsável: <b>DJALMA MACHADO DA CRUZ</b>	
Pesquisadores Assistentes:	
<b>Tipo de Pesquisa</b>	
<input type="checkbox"/> Iniciação Científica	<input checked="" type="checkbox"/> Dissertação/Mestrado
<input type="checkbox"/> TCC/Graduação	<input type="checkbox"/> Tese/Doutorado
<input type="checkbox"/> TCC/Especialização	<input type="checkbox"/> Projeto Institucional
<b>Anexo II</b>	
<b>Autorização da Instituição Coparticipante</b>	
<p>O pesquisador acima identificado está autorizado a realizar a pesquisa e a coletar dados exclusivamente para fins científicos, assegurando a confidencialidade e o anonimato dos participantes da pesquisa segundo a Resolução 466/12 e/ou 510/16 – CNS/MS e as suas complementares.</p>	
<p>Declaro que a coleta de dados nessa Instituição Coparticipante será iniciada somente após a aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste (CEP – UNIOESTE).</p>	
 _____ (Chefe do DEPEN regional do Oeste do Paraná)	
<p>Observação: Caso haja mais de uma Instituição Coparticipante, as autorizações podem ser apensadas separadamente.</p>	
Foz do Iguaçu, <u>10</u> / <u>04</u> / 20 <u>21</u>	

## ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORIA DA PFF-UP



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Aprovado na  
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



CONEP em 04/08/2000

**Anexo I**  
**Formulário de Pesquisa**

Título da Pesquisa: **EDUCAÇÃO PRISIONAL: OS SABERES E OS FAZERES MATEMÁTICOS NA VIDA DAS EDUCANDAS PRIVADAS DE LIBERDADE**

Pesquisador Responsável: **DJALMA MACHADO DA CRUZ**

Pesquisadores Assistentes:

**Tipo de Pesquisa**

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Iniciação Científica | <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação/Mestrado |
| <input type="checkbox"/> TCC/Graduação        | <input type="checkbox"/> Tese/Doutorado                  |
| <input type="checkbox"/> TCC/Especialização   | <input type="checkbox"/> Projeto Institucional           |

**Anexo II**

**Autorização da Instituição Coparticipante**

O pesquisador acima identificado está autorizado a realizar a pesquisa e a coletar dados exclusivamente para fins científicos, assegurando a confidencialidade e o anonimato dos participantes da pesquisa segundo a Resolução 466/12 e/ou 510/16 – CNS/MS e as suas complementares.

Declaro que a coleta de dados nessa Instituição Coparticipante será iniciada somente após a aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste (CEP – UNIOESTE).

\_\_\_\_\_  
(Chefe do DEPEN regional do Oeste do Paraná)

Observação: Caso haja mais de uma Instituição Coparticipante, as autorizações podem ser apensadas separadamente.

Foz do Iguaçu, 10 / 04 / 2021

## ANEXO 6 – CARTAS DAS EDUCANDAS

### **Educanda 1**

*(...) <sup>16</sup> Posso dizer particularmente que a Matemática não foi tão importante assim para mim, pois nunca foi uma de minhas matérias prediletas porem mexo com tantos números tanta conta que não me acho eu uma boa pessoa para matéria, mas como meu pai sempre ensinou que em nossa vida a Matemática e sempre presente tanto para vir do certo ou vir do errado e hoje aqui na penitenciária vejo o quanto é importante, pois trabalho no setor da fralda e para mim a Matemática é bastante presente no meu dia a dia. Aqui na unidade penal resolvi volta o estudo pois como tenho uns dia para tira tenho em mente termina meus estudo aqui para futuramente fazer uma faculdade. E com a pandemia da covid – 19 ficou tudo mais difícil tanto para o pessoal da rua tanto para os presidiários porem o mesmo vem nos dificultando a cada dia e para trabalho para estudo para viagens para todos os fins, tanto para criança quanto para adultos. Aqui o estudo também ficou difícil pois sem a pandemia podíamos ir para sala de aula ter mais atenção de professores e livros e hoje com aulas remotas ganhamos matéria em apostila para fazermos na cela muitas vezes não conseguimos fazer todo por falta de explicações e também nos dificultou para fazer provas e enens. Eu estou ainda fazendo matéria de português pois já eliminei ciências, história e inglês e espero que logo posso eu estava fazendo Matemática pois ainda não fiz mas soube por colegas que o senhor professor Djalma e muito inteligente e tem paciência e gosta do que faz e eu mais do que ninguém estou esperando pela matéria.*

*Portanto e que tenho para falar sobre mim e isso mas assumo que não sou fã da Matemática mas com o professo inteligente que teremos espero agora poder me aprofundar e gostar mais da Matemática pois como para mim é importante para todo sem mais fico por aqui.*

Tempo presa na PFF-UP: 3 ANOS

Crime: tráfico de drogas

Filhos: 2, aos cuidados da irmã

---

<sup>16</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

## **Educanda 2**

*(...)<sup>17</sup> Sou filha de pai e mãe analfabetos. Antes de começar a freqüentar a escola meus países se separaram e minha mãe casou de novo e fomos morar no interior, na zona rural e como sempre estávamos mudando de um lugar para outro, comecei a estudar atrasada. Quando meu padrasto começou a trabalhar num sitio que ficava na Linha cinco mil, eu e meus dois irmãos começamos a estudar em uma escola rural, que se chamava Escola Rural municipal São Miguel, nesta escola tinha duas salas estudava primeira e segunda série junta e na outra era terceira e quarta série, era uma professora para as duas turmas e o quadro era dividido no meio. Quando estava na segunda série eu reprovei de ano não passei em Matemática, como eu chorei, minha mãe me deixou de castigo e me fez estudar a tabuada nas minhas férias inteiras. Mas depois nunca mais reprovei em Matemática, me lembro que minha professora do primário que se chamava Maria Aparecida, ela sempre tomava a tabuada da gente, e eu sempre acertava tudo, o meu nome sempre estava no mural como a melhor da sala em Matemática. Sempre tive facilidade em aprender Matemática, quando estava na 8ª série engravidei do meu primeiro filho e fiquei uns quatro meses sem ir pra escola, ai a diretora da minha escola foi na minha casa conversar comigo pra eu voltar pra escola, quando eu voltei no mesmo dia tinha prova de Matemática, e mesmo eu perdendo o conteúdo do bimestre a minha nota foi a melhor da sala a professora me deu os parabéns na frente da sala toda o nome da minha professora era Elhen, hoje ela é diretora da escola, que se chama escola Estadual Santa Terezinha, onde meus filhos estudam também.*

*Gostei muito de estudar Matemática, quando reprovei na segunda série fiquei muito triste porque meus irmãos passaram e eu não, e quando a minha mãe me obrigou a estudar a tabuada, ela me ensinou o que é Matemática, porque na Matemática tudo se usa tabuada, e como eu decorei a tabuada nas minhas férias, tive facilidade em aprender Matemática depois, porção que sempre falo a matéria que eu mais gosto é Matemática. Só que infelizmente em 2001 parei meus estudos, tive meu primeiro filho e nunca mais consegui voltar a estudar, hoje sou mãe de 6 filhos. O João é o mais velho esse ano ele faz 20 anos, ele já terminou o ensino médio,ta seguindo carreira militar e estuda economia, o Gabriel tem dezessete anos, está terminando o ensino médio estuda no colégio agrícola. O Marcos faz quinze anos e está começando o ensino médio, a Maria tem doze e está no sétimo ano e os outros dois mais novos estão na alfabetização.*

*Faz 2 anos e 7 meses que estou presa, sou condenada por tráfico, associação ao tráfico e um assalto, no total tenho uma condena de 19 anos, só que tenho que tirar 6 anos, mas com as remissões vou embora antes. Faz um ano que estudo no Sistema Prisional, quando*

---

<sup>17</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

comecei a estudar, já não tinha mais aulas presenciais por causa da covid – 19 está bem difícil estudar, porque a gente só ganha as apostilas, se pelo menos tivesse o livro didático da matéria ajudaria, porque geralmente as perguntas não tem na apostila. Eu acho muito importante estudar na prisão porque nos ajuda, não só pela remissão, mas sim pelo conhecimento que vamos ter, se eu tivesse na minha liberdade eu não iria terminar os estudos e aqui mesmo com o ensinamento e as condições, que não são muito boas, vou ter oportunidade de terminar meu ensino médio e quando eu tiver minha liberdade novamente, posso fazer um curso ou até uma faculdade.

Não terminei o modulo de Matemática ainda, estava fazendo ano passado, mais esse ano não veio mais, o que eu mais gostei de aprender em Matemática aqui na prisão foi regra de três. Eu já concluí quatro matérias, física, biologia, sociologia, Arte e Educação Física e estou terminando geografia. O ensino na prisão não é muito bom, pois não prendemos, nada quase, não temos uma sala adequada para aula nem matérias didáticos, se precisamos de um livro para acompanhar a matéria não tem, e com a covid – 19, piorou ainda mais porque antes tiamos o professor para tirar nossas duvidas e mesmo assim ainda tiamos duvidas e agora que não temos ninguém para nos ajudar, fica cada vez mais difícil aprender, a Matemática na prisão, o estado tinha que dar prioridade para o ensino nos presídios, pois é um direito nosso.

### **Educanda 3**

(...)<sup>18</sup> Sou filha de mãe e pai que tiveram pouco oportunidade de estudos sou eu e 3 irmãos, sendo 2 meninas e 2 meninos sou a mais velha dos quatro tive uma infância humilde, morava no bairro Morumbi e comecei meu estudo na escola José Henrique Teixeira na pré-escola minha primeira professora se chamava Marilise que por coincidência era prima da minha mãe ela era uma boa professora ela foi minha professora até a 3ª série ela passava várias matérias mas a que eu mais gostava era de contínuas de verdade.

Bom hoje eu me encontro presa na PFF-UP de Foz do Iguaçu a 1 ano e 9 meses nessa unidade, estou condenada a 17 anos e 9 meses e 25 dias meu semi aberto será 26/08/28 mais na conta da psicóloga com a remição que eu faço irei ano de 2025.

Aqui faço remição na costura que ganho 7 dias mensal na costura a Matemática e usada toda hora pois minha função é contar as peças produzidas todos os dias embalar, etiquetar a quantidade de 20 peças por pacote e no final do dia fazer uma nota para subir para a direção ter o controle da produção todos os dias então a Matemática vive em nossas vidas diariamente

---

<sup>18</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*seja nas contas da condena ou da remição os dias que estamos presas, contamos quantos dias faltam para ir embora, não só na prisão mais também na liberdade quando vamos no mercado, quando contamos quantos dias falta para o aniversário.*

*O estudo no sistema hoje acredito que está fraco, por que só mandam as atividades para nós nos cubículos sem uma boa explicação e se fazemos o que conseguimos e deixamos os que ã pois mandam de volta para fazermos mais se nós não tinha feito por que não sabia fazer então hoje com a pandemia atrapalhou em relação ao aprendizagem no sistema já estudo no sistema desde março de 2020 eu gosto de estudar eu gosto de estudar por que o lugar não é bom e se estamos aqui é para nós terminar os estudos e termos a oportunidade de concluirmos e além de aprendermos remimos nossas condenas.*

*Termino essa carta afirmando que a Matemática na vida de todas as pessoas desde o nosso nascimento até nossa morte por que até no dia da nossa morte tem números.*

#### **Educanda 4**

*(...)<sup>19</sup> Antes de completar 1 ano de idade meus pais se mudarão pro Paraguai morar nos sítios em fazendas aonde ficamos até os meus 8 anos de idade, na época tinha uma pequena escola bem longe da simples casinha de chão arrodado com coqueiro lascado, em que morávamos, com muitas dificuldades financeiras meus irmãos mais velhos só que iam para aula pois era pago na época, e meus pais não tinha condições de pagar para todos nós, pois éramos em 11 irmãos, e muito cedo começávamos a trabalhar nas lavouras cortando menta, com gadanhos rastelando para secar mais rápido, cortando soja, com foicinha, plantando milho, arroz, feijão com maquininhas manuais, colhendo tudo manual, passando veneno com máquinas nas costas desde muito nova me criei trabalhando na força do braço... Aos meus 9 anos no mudamos para o Brasil foi onde meus pais fizeram meu registro de nascimento e me matricularam no 1º ano, e assim trabalhava meio período na roça, e meio período estudava, infelizmente só comecei a 5ª série, mais não pude concluir e tive que parar de estudar, minha mãe muito enferma, meu pai acamado e uma realidade muito difícil que a vida nos impôs, saíamos 04:30 da manhã e chegávamos as 19:00 horas da noite em casa, dias de frio muitas vezes chuva e nós em encima de caminhão cheio de boa fria, foi muito difícil minha infância também minha adolescência, foi ai que entrou a Matemática em meu dia a dia pois arrancava feijão por quarta, ou alqueire e assim tinha a soma de quantos em valor havia feito no trabalho, quanto mais extenso era o pedaço de que colhia mais ganhava, em valor.*

---

<sup>19</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*Lembro-me também que juntamos nó de pinha que vem do tronco do pinheiro, precisava fazer 8 metros quadrado por 2 pra receber 16,00 reais, mesmo tendo dificuldade com a Matemática nos tempos de escola, mais ali na prática do trabalho precisava se esforçar mais para não ser lograda pois ainda era muito nova e tinha que ter muita responsabilidade em todos os aspectos. E assim adquiro algum conhecimento em Matemática inspirando me com meus irmãos que me ensinavam a fazer as contas para não perder em valor e isso esforçava a aprender onde acabava gostando pois só assim tinha certeza que ia receber a quantia justa do meu trabalho, e por esses motivos eu considero importante e necessário ter conhecimento em Matemática...*

*Pra nós presidiária a soma aqui faz toda diferença pois fazemos redação de livros, estudamos e quando possível trabalhamos para remir nossa pena, eu me encontro detida a 1 ano e 5 meses, já estou concluindo a 3ª matéria no sistema, Matemática foi a 2ª matéria, agora estou na fase final de geografia, mesmo sendo muito difícil estar detida e longe da família agarrei com todas as forças a oportunidade em voltar a estudar, oportunidade que não tive lá no passado e apesar de ser em um sistema, mais me encontro muito feliz e grata a Deus por poder retornar meus estudos, pois na rua nos últimos anos estava trabalhando em frigoríficos abatedouros de aves e devidos aos horários de trabalho não conseguia conciliar estudo e trabalho e aqui na primeira oportunidade mesmo sem ter condena implorei para a direção pra eu me encaixar nos estudos pois vi uma chance de concluir pelo menos de 5ª a 8ª série por mais que me sinto bem perdida e muitas vezes preciso até pedir ajuda pra alguma colega de sela me dar algumas explicações porque é muito difícil lembrar os conteúdos que estudei pois faz anos que não tenho uma aula prática, seria muito bom se pudéssemos ter aulas práticas pois temos muitas dificuldades de desenvolvimento e aprendizado mesmo se esforçando no máximo, quero muito evoluir em conhecimento e não há espaço físico na unidade que sejam adequados, também as vezes sentimos lesados e oprimidos no sistema pois o que deveria ser ressocialização acaba sendo opressão na minha opinião já que é uma unidade de progressão não deveríamos ser tão oprimida e as vezes até por reivindicar um direito que é nosso por lei que consta na constituição, somos ameaçadas e até levamos comunicado que nos impede de fazer remissão ou ter algum outro tipo de direito, por exemplo, as vezes estamos doente e pedimos remédio, são capazes de ainda nos perguntar, se temos fé, ai falava pra tomar água, com fé que melhora, no surto de covid que teve no sistema sofremos e perecemos muito pela negligencia do sistema aqui nesse momento tivemos a prova viva do agir de Deus pois se não fosse as infinitas misericórdias dele muitas vidas teriam sido ceifado pelo vírus acredito que 90% dos detidos passamos pelo covid, pois fizeram bem poucos testes e dos que fizeram só um deu negativo, e todas nós tivemos os sintomas ficamos muito mal de cama e com muitas dores e era muito raro ganhar um paracetamol e se*

*insistirmos em nossos direitos ficamos de isola e perdemos todos e qualquer direito, e por esse motivo acabamos abaixando a cabeça pra não se atrasar e ficar mais tempo presa pois conforme for a falta que a casa da podemos pegar até 3 anos a mais de prisão, e com toda essa opressão que vivemos aqui, muitas pessoas melhoram devido ao muito sofrimento, outras pioram e saem mais revoltados com psicológico perturbada totalmente desestruturado por viver em constante pressão psicológica e devido muita pressão até dificulta o aprendizado dentro do sistema, mas enfim sou grata a Deus e a vocês que nos proporcionaram essa oportunidade de voltar a estudar e concluir o que havíamos perdido lá atrás.*

### **Educanda 5**

*(...)<sup>20</sup> Fui adotada com 1 ano pelos meus pais, nós morávamos no campo na zona rural chamada santa Luzia, meu pai era chefe ele era vaqueiro e minha mãe dona de casa e minha irmã filha verdadeira deles assim que me adotaram ela se casou e foi morar em outra cidade. Eu adorava morar- La eu estudava em uma escola lá mesmo que era uma escola com várias carteiras que cada fila era uma série nos brincávamos de várias brincadeiras da época, estudei lá até a 4ª série, mais vou confessar uma coisa nunca gostei de Matemática. Minha mãe nas horas vaga dos afazeres dela ela tinha vizinhos que ia lá em casa pois ela dava catequese e ajudava as pessoas que tinha dificuldade em escrever e em aprender ela ajudava e fazia as tarefas, eu ficava junto para aprender. Minha infância foi maravilhosa depois da 4ª série fui estudar na cidade íamos de ônibus e voltávamos de ônibus, mas era muito bom, e pra falar que em tudo a Matemática existe em nossas vidas usamos para tudo fiz a 5ª série no colégio Barão do rio branco mais só fiz a 5ª série era muito dificultoso pois era longe dava uns 10 km e tinha que atravessar a BR com o tempo passando eu aprovei fiz novamente passei mais parei de estudar. Mas aí as coisas começaram a muda meu pai faleceu minha irmã já casada não estava mais morando no sitio estava morando na cidade viemos morar junto com ela e a família dela. Mais eu comecei a dar trabalho não parava em casa ai me casei com 16 anos, não quis nem saber de estudar mas só de festa e bebedeira hoje, eu conto NE, o tempo perdido, e as coisas erradas que fiz e ai a Matemática das contagem de anos perdidos e quanto coisa que deixei, hoje poderia ser totalmente diferente. Bom vim terminando meus estudos aqui na PEF. Mas vi que em tudo cada cantinho de nosso dia a dia precisamos saber e conviver com a Matemática tanto na cozinha quanto na costura ou em qualquer lugar que seja, mas eu tenho um gosto para mim que eu me interesse muito pois gosto de cozinha então sei que vou usar muito a Matemática. Já estou a 2 anos 7 meses novamente presa estudo para poder termina, sair lá fora e ter mais chance de emprego pois o importante ter*

---

<sup>20</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*estudado principalmente hoje em dia até p/ você varrer rua estão pedindo o 2º grau completo e como é tudo computadorizado precisa se principalmente saber Matemática.*

*O ensino aqui dentro do Sistema Prisional bom está um pouco complicado pois estamos no meio de uma pandemia, mas eu acho bem interessante quando [e em sala de aula pois so as apostilas e um pouco complicado por não ter muita explicação isso quem realmente quer aprender. Em questão do espaço melhorou muito visto do que era para quem realmente quer aprender. E volta para sociedade já e um bom começo para arrumar um emprego melhor. Em questão de melhorar o ensino no sistema, seria bom se tivesse algum incentivo, estímulo para os detentos, que realmente querem. Com a pandemia sabemos que mudou muito as coisas pois ficou mais fraco por não ter professor presente para tirar as dúvidas e dar as explicações, duvidas. Este foi meu relato de tudo que passou em minha vida e que hoje estou aqui, apesar dos erros que fiz também aprendi muito e agora vou sair deste lugar com novos aprendizados.*

### **Educanda 6**

*(...)<sup>21</sup> Bom meus pais não estudaram muito na verdade não terminaram nem a alfabetização minha mãe terminou o 3º ano fundamental e o meu pai o 1 ano, mais sabem ler e escrever, eu comecei e aprendi os números num DVD da Xuxa. Que falava e ensinava a contar os dedinhos ai eu comecei a ir na creche e lá aprendi dizer o dia do meu aniversário e quantos anos eu tinha, estudei na escola municipal CAIC, de 1ª a 4 série, sempre gostei de número, de Matemática, sempre fui bem em contas, mais aos 8 anos reprovei porque comecei a faltar, por que foi na separação dos meus pais, mais logo me recuperei, ai fui para a 5ª série, estudei no colégio Dom Manoel Konner estudei até a 7 série, mais parei, por que comecei a sair e gazejar aulas. Ai comecei a estudar a noite, ai que piorou mesmo, não ia mais pra escola, só ia pra casa das minhas colegas, ai minha mãe me matriculo no CEEBJA, mais eu não ia para as aulas, com 14 anos comecei a trabalhar num lava-car, mais ai que eu aprendi muito Matemática, pois mexia com dinheiro toda hora, aos 15 anos sai do lava-car e comecei a trabalhar numa lanchonete, e era troco daqui e troco dali, aprendi muito a adição e subtração e multiplicação só não é muito boa na raiz quadrada e na divisão, aos 16 anos me casei e voltei aos estudos, mais foi bem pouco também, não me interessava em estudar a farrá sempre falava mais alto, ai tranquei e operei da (apêndices) e foi a onde que estava no hospital que conheci meu marido Daniel, e conheci o mundo do crime, comecei a traficar, e mesmo*

---

<sup>21</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*trabalhando na cooperativa Lar eu vendia drogas lá, e eu usava muito a Matemática, porque mexia muito com dinheiro picado, então eu tinha que saber a somar e a subtrair o dia todo, minha vida era uma Matemática, até que meu marido caiu preso e eu tinha que me virar sozinha. Mas não tive muita sorte ele foi preso dia 20 de maio de 2019 e eu dia 12 de junho de 2019, cai numa operação da Denarc, bom sendo réu primária, menor de 21 anos, eu pensei que iria sair logo, mais não, com 10 meses fui pra audiência, mais assim que cheguei aqui na unidade já fui atrás de saber como funciona pra mim voltar a estudar, e desde quando eu cheguei aqui eu estudo e faço redação, porque eu não era condenada não pude fazer nenhuma outro tipo de remição, eu já estou presa 2 anos, e já fiz 4 matérias, história, ciências, artes e Física, e no momento faço geografia, eu mesma nunca tive aula presencial, sempre recebi as minhas tarefas na cela, eu recebo até hoje e eu acho ruim porque eu sempre tive dificuldade em geografia e em português e não tem pra quem perguntar e tirar as dúvidas, e assim com esse covid- 19 tudo ficou mais difícil , até mesmo de ver nossos familiares. Então como eu estava falando já estou 2 anos presa, fui condenada 10 e 2 no 2/5 tenho que ficar 4 anos fechada, 4 anos para poder chegar na minha liberdade, eu entrego nas mãos de Deus e espero sair antes desse lugar.*

*Se eu pudesse voltar no tempo eu jamais teria desistido dos meus estudos, tinha terminado ter feito minha faculdade e realizados todos os meus objetivos, eu sonho ainda terminar os meus estudos, feito minha faculdade e hoje não estaria aqui, mais nunca é tarde para recomeçar, eu vou fazer faculdade de Matemática, ciências e medicina, e eu tenho muito interesse de estudar o corpo humano, saber mais sobre números, e é isso....*

*Obs.: nunca pense que está tudo terminado em sua vida, nunca pense que é tarde para recomeçar, pois às vezes pensamos que tudo acabou e pode ser apenas o recomeço, e nunca desista de lutar pelos seus sonhos pois temos que tomar nosso sonho em realidade.*

*Não desista e não pare de estudar coloque os estudos em 1º lugar na sua vida, por que hoje precisamos ter o médio completo para poder fazer ou entrar em qualquer serviço, (emprego bom).*

*Bom estava me esquecendo de dizer, um fato que aconteceu comigo, quando eu tinha 12 anos, eu estava na 6ª série, e eu amava Matemática, estava aprendendo sobre raiz quadrada e X e Y, mais quando pareceu um fato uma tragédia, meu tio tentou me estuprar, e ele era muito parecido com o meu professor o nome dele era Mario, mais eu era muito inocente, e isso me prejudicou muito, minhas notas abaixaram, de mais de 100, 90, foi para 60,50, e eu achava muito, me perguntava se isso só acontecia comigo e o porquê de tudo isso, mais nunca tive a resposta.*

*Mais eu mesmo assim consegui passar de ano, fui para a 7ª série, e lá tive um aprendizado melhor, foi com a professora Sula, no colégio Com Manoel Konner. Eu só não me aprofundei mais porque eu fiquei revoltada, e não quis mesmo mais saber de nada. Mais do fundo do meu coração professor, meu sonho era se afundar nos estudos terminar, todos os meus estudos e dar aula de Matemática, ciências e fazer faculdade de medicina, mais eu não sei se vou ter condições de pagar as minhas faculdades, mais se hoje eu tivesse a visão que tenho, se tivesse antes a mesma visão, eu jamais iria fazer o que fiz e muito menos ter largado meus estudos e hoje com certeza teria dando aula e fazendo minha faculdade, eu espero que essa minha passagem por aqui não me prejudique e nem feche as portas pra mim. No mais é isso, desistir jamais, lutar sempre e vencer talvez, e obrigado por estar me dando essa oportunidade, e professor Djalma, eu me inspiro muito em todos os professores meu de Matemática e espero que quando eu for fazer Matemática seja na cela e sim na sala de aula, pois eu aprenderei muito mais, e na cela não temos muito que fazer e nem para quem tirar minhas dúvidas.*

### **Educanda 7**

*(...)<sup>22</sup> Pai e mãe analfabetos. Meu estudo primário foi na escola municipal Carlos Gomes, esta escola ainda existe com o mesmo nome na cidade, trinta anos depois, minha primeira professora de Matemática chamava Matilde, seu ensinamento começou por cubos, era muito pequena, mas sua forma de ensinar me chamou atenção, mais tive dificuldade em aprender e não passei de ano, ai tive uma segunda professora, Maria do Carmo, mais enérgica na sua forma de ensinar, mandava tarefas de contas de adição, multiplicação, divisão e de subtração para fazer em casa, mas não permaneci muito tempo, pois ao chegar ao ginásio no 5º ano desisti do estudo pois havia reprovado 2 anos seguidos.*

*Fui me familiarizando com a Matemática depois dos meus 20 anos de idade, já era mãe de uma menina de 6 meses de idade, ele me acompanhou por 8 meses que permaneci no curso do CEEBJA na cidade de Sarandí – PR. Mas tive que desistir por que fui contratada pra trabalhar em um shopping da cidade como auxiliar de cozinha, neste trabalho comecei a usar a Matemática para a pesagem dos alimentos, fazia-se porção e nelas tinha que pesar em gramas, meu turno era noturno eu deixava tudo pesado e arrumado pro dia seguinte, a partir daí eu entendi que a Matemática não somente era aprendida na escola, mais sim na vida em tudo que fazemos existe Matemática, pois cálculos é feitos de várias maneiras por isso comecei me aperfeiçoar na matéria, só volteia mexer com Matemática em 2019 quando*

---

<sup>22</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*participei do ENCEJA na unidade, e fiquei por 1 ponto em Matemática concluir o ensino fundamental, desde de então venho estudando me aperfeiçoando e tentando aprender cada vez mais, pois não é fácil aprender dentro do sistema pois antes da pandemia já era muito complicado, as apostilas vinham as matérias, mas sem explicação tinha um exercício chamado Bhaskára que até hoje eu não sei o que significa, pois as explicações que vieram foi insuficientes para o aprendizados, mesmo assim consegui concluir o ensino fundamenta, hoje me encontro no ensino médio e espero concluir este curso pois a Matemática em si nos dá várias oportunidades profissionais e também faz parte do nosso dia a dia, aqui no sistema o estudo é importante para o futuro.*

*Estou preste a fazer o ENCEJA, para o ensino médio, muito confiante que vou conseguir vencer mais este desafio e provar para mim mesma que sou capaz de muita coisa, que sou inteligente suficiente para aprender e aguardar minha liberdade e exercer tudo que aprendi no sistema.*

*Hoje me encontro trabalhando no setor assalariada o nome da empresa é J. C. Lima, onde uso a Matemática o dia todo para fazer as peças, para contar os materiais, tudo inclui a Matemática, o senhor Djalma que é responsável por esta pesquisa ministrou as minhas primeiras matérias aqui neste lugar e com muitas dificuldades por causa das apostilas sem uma explicação mais detalhada, mesmo assim consegui porque todos os sistemas devem apostar nos internos, pois isto pode ajudar em uma profissão futura.*

*Estou aguardando vir minhas apostilas do ensino médio de Matemática para enfim completar meus estudos complementares.*

*Estou presa desde a data de 25/09/2016, mais só comecei a estudar no ano de 2020 como já relatei anteriormente a matéria mais difícil foi o Baskara me deixou bem nervosa sem entender, a porcentagem também tive dificuldade, mais a matéria que me agradou foi a fração, consegui entender melhor. Com a covid – 19, ficou mais complicado, sem professor presente para nos explicar qualquer dúvidas e também a troca com as colegas que é muito importante, agora está tudo transformado, muito distante do aprendizado , mais mesmo assim não deixa de ser importante para incentivarmos o aprendizado e não desistirmos de aprender cada vez mais.*

*Meu relato foi simples, mas deixo bem claro que a Matemática ela é essencial para quase tudo, nos engrandece o Q. I. e pode nos dar um futuro brilhante, e que o sistema deve investir cada vez mais no estudo.*

*Eu desejo aprender cada vez mais e sair daqui com o estudo concluído.*

### **Educanda 8**

*(...)<sup>23</sup> Vim com 2 anos para o Paraná, estudei em Cerro Azul, não lembro o nome do colégio que estudei, mais desde que fui par escola, a Matemática faz parte da minha vida do dia a dia, bem de uns anos para cá eu uso a Matemática, mas comecei assim, me casei bem nova, com treze anos, pois não sabia de responsabilidade de ser dona de casa, pois eu fui criada no sítio, onde nós tinha tudo, nem sabia como era um mercado, era os meus pais que fazia tudo, um dia meus pais se separaram aí eu e minha irmã ficamos com o meu pai e dois de meus irmãos ficaram com a mãe. Pois meu pai veio para Foz do Iguaçu, e aqui eu me casei, tive que fazer as compras de alimentação, água, luz, aluguel, foi onde comecei a fazer parte da Matemática em tudo, para não dar nada de errado. E hoje uso ainda mais a Matemática, pois eu faço as contas dos dias que faço remissão aqui, os anos que já estou e os anos que tenho que tirar ainda.*

*Eu só estudei só primeiro e segundo ano do fundamental aqui na prisão que voltei aos estudos, estou aproveitando para estudar, pois o estudo faz parte da nossa vida, assim como a Matemática também. Além dos estudos aqui hoje que me encontro privada de liberdade, aprendi costura. Eu agora sou encarcerada da costura, onde eu uso muito a Matemática por que cuido do setor onde nós produzimos os uniformes, temos que marcar toda a produção. Aqui na unidade eu uso muito mais a Matemática.*

*Agora vou falar sobre meus estudos aqui na unidade, sobre nossas tarefas, pois não sei fazer nada, tenho bastante dificuldade para entender, boa se voltasse a ter um professor para explicar. Bem aqui eu termino esta carta, falando sobre o usarmos o raciocínio sempre da importância da Matemática na minha vida, tudo que faço sempre uso muito números. Desde o dia que nasci a minha vida inteira está relacionada com a Matemática.*

### **Educanda 9**

*(...)<sup>24</sup> Estudei no colégio da cidade a escola Ana Nexi. Me lembro muito de uma professora da segunda série de nome Sirlei, por ela eu conheci um pouco da Matemática mais tenho que confessar que não gostava muito de números.*

*Já na 5ª série tive uma professora por nome Ivanilde e ela me mostrou um lado diferente da Matemática e como ela poderia me ajudar no dia a dia, eu cuidava de um bebê e por isso*

---

<sup>23</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

<sup>24</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

comecei a me interessar mais por número e pela Matemática, precisava saber o que fazer com o dinheiro que ganhava e de alguma forma ser útil pois nessa época minha avó já tinha se separado, eu de alguma forma tentava ajudar em casa. Por esse motivo ia ao supermercado comprar alguns mantimentos e lá eu já usava os números.

Me lembro de quando eu aprendi a fazer contas de divisão e quando fiquei feliz por isso. Deixei os estudos com 13 anos, pois engravidei e me casei, mas mesmo assim a Matemática continua muito presente em minha vida, pra contar os meses, semana de gestação.

Fui casada por 9 anos e tive 5 filhos quando me separei, trabalhava mais tava muito difícil manter a casa e os 5 filhos, então entrei no tráfico e ai a Matemática se fez mais presente ainda na minha vida, pra pagar as contas no fim de cada dia e as compras da semana para casa, pagar aluguel, água, luz então acabei aprendendo muito sozinha por precisar fazer as conta e não poder errar também.

Hoje estou presa há 3 anos e 5 meses e aqui na PFF estou há 2 anos e 7 meses estou estudando há 1 ano e 2 meses por aqui pela remição a principio mais hoje quero uma vida diferente pra mim portanto quero sim terminar meus estudos pra poder fazer um curso e conseguir um trabalho bom, estou perto de ir para casa e pretendo terminar meus estudos na rua.

Quando comecei a estudar aqui já estávamos na pandemia e só tenho estudado por apostilas que é entregue no x, eu acho que poderia ser melhor o estudo aqui, por que eu tenho uma certa dificuldade e não tenho pra quem perguntar e tirar as minhas duvidas, mas eu acho muito importante o estudo na prisão temos com que ocupar a mente e aprendermos ao mesmo tempo também, na verdade todo mundo deveria se interessar mais pelos estudos e muitas vezes só damos valor a isso em uma situação ruim como a prisão, mais pra mim tem um valor grande em estar estudando e aprendendo .

Eu acredito que poderia ter um plano novo para estudar aqui, principalmente por causa da pandemia, algo deveria que ser feito, pois só a apostila ainda é pouco para aprendermos principalmente Matemática que é uma matéria um pouco mais difícil.

Aqui muitas vezes somos tratados como animais principalmente pelas funcionarias não todas mais algumas só por deus, por seu uma unidade de progressão eu acredito que deveria ser diferente, por que o intuito seria reaciolizar é com o tratamento e algumas saem pior do que entraram.

No final tudo fica mais difícil e algumas depois de ter pegado 5 ou 6 anos por algumas injustiça acabam pegando mais alguns anos, já vim muito isso no tempo que estou aqui.

Eu gostaria de aprender muito mais do que venho aprendendo, eu gosto muito de ler e me interessei pelo aprendizado, me esforço muito para fazer as atividades que vem pra mim e leio 2 ou 3 livros por mês

*Me interesse muito pelo espiritismo e procuro aprender tudo que possa elevar meu conhecimento, os números as vezes me confunde mais mesmo assim quero aprender, hoje estou fazendo geografia e tem também muita Matemática nessa matéria pois fala sobre a população, os anos em que aconteceram alguns fatos e isso para mim se torna muito interessante.*

*Eu acho que agora os professores já foram vacinados poderia voltar as aulas presenciais aqui na unidade, porém pelo que sei antes as aulas eram só 3 vezes por semana e eu creio que se fosse todos os dias conseguiríamos tirar as presas todos os dias pra sala de aula assim ocuparíamos melhor o tempo que passamos aqui pagando pelo nossos erros, seria útil aprender a refletir, sem contar que fica na X sem nada pra fazer é horrível, muitas acabam se atrasando por conta da ansiedade e da mente vazia. Quando saímos pra fora seja para trabalhar ou estudar se chega na x só tem animo para comer, tomar uma ducha e dormir a cadeia passa mais rápido e estamos aprendemos também se junta o útil ao agradável.*

*Bom, essa é minha visão e minha história resumida talvez seja útil e possa ser usado para algum bom, por mais que seja uma fase ruim, também é um aprendizado, obrigado pela oportunidade e que possa ter melhorias para nós presas da PFF-UP.*

### **Educanda 10**

*(...)<sup>25</sup>, , filha de mãe analfabeta. Meu primeiro contato com a Matemática foi na escola Adolival Pian em Cascavel, eu era uma criança que gostava demais da matéria Matemática, muito cedo minha mãe me ensinou ver as horas em um relógio bem grande que ela tinha na sala da casa dela, pois ela trabalhava, só ficava nós tínhamos que saberá hora pra ir pra escola a tarde, assim foi meu primeiro contato com os números.*

*Eu gostava muito de aprender tudo sobre a Matemática, mais as matérias que mais me chamava a atenção foi dividir, mais ou menos e porcentagem, mais hoje em dia já não lembro mais quase nada, eu parei de estudar na 8ª serie, mas me arrependo por ter parado os estudos, hoje me dia vejo o quanto isso me prejudicou, pois queria subir na firma, não pude porque não tinha estudos, eu já tinha voltado a estudar na rua no CEEBJA LÁ EM Cascavel, mais no deu tempo de terminar, já vim logo em seguida presa.*

*Aqui na unidade comecei ano passado em 2020 na cela, pois já tinha a epidemia, vai fazer a 2 anos que estou na unidade, usamos a Matemática aqui*

---

<sup>25</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*para ver quantos dias falta para eu ir embora, nós fazemos bastante sobre as remições*

### **Educanda 11**

*(...)<sup>26</sup> Estudei o primário e o fundamental em Nova Londrina PR, o fundamental eu não terminei, quando eu me estudava gostava de Matemática, pois esta matéria é primordial para a vida de todo mundo por isso ninguém vive sem usar a Matemática a Matemática está no dia a dia de todo mundo, até mesmo na vida daqueles que não tem estudo, mas sabe um pouco de Matemática porque tudo o que fazemos gira em torno da Matemática. A Matemática é uma matéria principal em tudo que vamos fazer, por isso que a Matemática tem e deve ser mais explicada pelos professores, a Matemática deveria ser mais dada pelo os professores, porque muitas pessoas aprende o básico da Matemática e dependendo do caso e da situação ela tem que poder ajuda pra pessoas que sabe mais ou que estudou mais Matemática. A época em que estudei Matemática era uma Matemática mais puxada, mas o que eu aprendi sempre serve até hoje, apesar de eu sempre estar usando a Matemática diariamente na minha vida, vou contar um pouco do meu cotidiano, que eu vivia lá fora eu trabalhava por conta própria eu trabalhava com confecção e com semi-jóia, então eu tinha uma contabilidade para fazer todos os dias eu vendia todos os dias mensal e a vista então eu tinha conta pra receber todos os dias e daí eu tinha que tirar o dinheiro do mercado e separar do lucro e do lucro eu tinha que tirar os gasto do combustível do carro porque eu vendia as minhas confecções de carro eu ia na casa dos clientes eu vendia de porta em porta então a minha mente estava ativa na Matemática diariamente, todo dia tinha pra receber e todo dia vendia a prestação, então tinha que fazer o balanço do que tinha para receber e separar o dinheiro do que era capital para repor a confecção, eu gostava muito disso de estar com a mente ativa nesta numeração da Matemática, quando mais você ocupa sua mente e coloca ela pra aberta com a Matemática mais você evolui, falo isso com experiência própria, já vou te explicar o porquê em 2015/18/12 fui presa e permaneço presa até agora de 2015 para 2021 são 5 anos e 4 meses que estou detida, mas aqui nesta unidade estou a 4 anos, cheguei aqui em 2017 e estudo na unidade até hoje, adoro estudar, antes nós tínhamos aula presencial mas agora com a pandemia não é possível, mas nós continuamos a estudar, vem toda semana as apostilas de uma matéria pra nos fazer na cela, na minha opinião deveria dar pelo ao menos 2 matérias para fazermos na cela, por que você recebe a matéria por exemplo na segunda da outra semana eles recolhem e desce outra apostila, mas da mesma matéria. Deixa-me relatar então voltando a falar nestes 5 anos que estou presa a minha mente não está evoluída como antes, pois não tenho a mente ativa nas atividades, aqui eu leio muitos livros, mas não é como você ta colocando a mente em prática todos os dias aminha mente ficou sedentária como eu também*

---

<sup>26</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*estou sedentária, sem falar quando nos vem preso a nossa vida para a partir da hora que você vem presa, o sistema carcerário não ajuda muito o preso ou a presa fica a mercê do dia a dia, fica sem colocar a mente em prática, por isso que falo que o estudo em todo o sistema carcerário deveria ser prioridade pois o preso que estuda pelo ao menos ele ta trabalhando a mente e ta aprendendo e colocando a mente pra funcionar, porque neste lugar onde nós encontramos a mente fica parada no tempo sem funcionamento e a principal matéria primordial e a Matemática pois a Matemática é que mexe com a mente e deixa ela ativa para viver o dia a dia lá fora e eu falo se o preso estivesse todos eles estudo o tempo em que ele tá preso ele sairia do sistema outra pessoa com outra visão, não voltaria a fazer coisa errada, pois ele estaria apto para trabalhar lá fora etc., Eu sempre fui a favor do estudo no sistema carcerário em todos, em geral, vou dar um exemplo, uma pessoa que pega uma condena alta as vezes tem que tirar 10 anos no fechado outros tem que tirar 15 anos, outros 20 anos no fechado, pensa você ficar sem exercitar a mente neste tempo todo, o sistema oferece livros, mas os livros não são livros que faça você crescer na leitura, são contos, eu acho que no sistema teria que ter livros produtivos para elevar a sua mente e para você ser alguém com conhecimento, eu li um livro de Matemática, este era já da faculdade, foi um livro que me ajudou e eu gostei do conteúdo dele, eu acho que os professores de Matemática e de outras matérias deveria se juntar com outros órgãos que tem o poder de colocar eles mais dentro do sistema carcerário, eu falo aos professores que eles que estão ai fora, que é o mestre do saber, que lute pela causa de pode ensinar as presas a ser um ser humano melhor educando e ensinando, pense você professor de Matemática, você pensando passando o teu conhecimento para aquele que não sabe ou que sabe pouco, professores eu falo se vocês conseguisse dar mais aula no sistema, vocês formaria mais mulheres e mais cidadãos de bem porque é através do ensinamento de vocês que muitos são cidadãos de bem e porque não formar estas pessoas em cidadãos e cidadãs do bem, porque a pessoa que tem uma condena grande e fica todos estes anos sem fazer nada, quando sai e volta pra mesma vida, agora se ela tiver estudado evoluído, ela vai ver a vida de outra forma, ela vai pensar em sair daqui arrumar uma emprego e até terminar os estudos lá fora, vou falar o que eu vi aqui neste 4 anos, pessoas que mal sabia fazer o nome, entrou na escola e hoje já sabe fazer contas de todo tipo, no grau de estudo que elas tão fazendo, muitas delas eu ajudei como fazer as contas, ajudo a fazer aquelas mais fácil de aprender etc., vou falar eu mesma to no ensino médio, não faço provão pelo seguinte, se eu fazer vou liquidar o resto da matéria, daí não vou poder estudar mais, por que se eu terminar logo o ensino médio vou ficar sem estudar, eu acho que o sistema carcerário deveria ter um estudo mais elevado para aqueles que tem muito tempo para tirar, que pudesse estudar até se formar dentro do sistema carcerário, eu creio que formaria muitas pessoas e tiraria do mundo do crime, muitas entram no crime por não ter tido a oportunidade de estudar lá fora, daí pega uma condena alta e fica vegetando no*

*sistema porque o sistema não oferece um estudo. Pensa olham quantas tem num sistema carcerário que vocês professores de Matemática poderia estar ensinando e até formando, não só vocês professores de Matemática, mas os outros de outras matérias, por isso que não faço o provão, seu eu concluir tudo o ensino médio daí não vou poder estudar mais, porque além do ensino médio não tem outro estudo pra nós estudar, vou falar, o meu primeiro contato com a Matemática teve quando eu tinha 5 anos, pois minha vó tinha uma firma que tinha 75 pessoas que trabalhava para ela e eu vivia naquela firma e tinha contato com as pessoas que trabalhava com ela, e eu via a minha vó contar dinheiro, fazer conta e pedia pra poder ajudar também, então desde pequena eu tenho contato com a Matemática e é ela que expande e leva você a crescer a evoluir, devemos agradecer a todas as pessoas que nos ensina a cada dia, a Matemática, não tenho preferência por item da Matemática, gosto de todos e quero aperfeiçoar mais.*

*Agora vou falar sobre meu dia a dia aqui no sistema carcerário, como eu já falei, estudo faço redação uma vez por mês, faço artesanato e faço umas bonecas de crochê pra ocupar o espaço vazio, faço curso quando tem, eu me escrevo em todos os cursos, não sou chamada para todos, mas no que me chama eu vou, não perco um dia, vou em todos e leio o livro, não fico sem ler, mais aqui neste lugar a gente tem que saber administrar o horário para ler ou para escrever por que dentro da cela tem gente que assiste TV e outra ouve rádio, tudo ao mesmo tempo, tem gente que troca ideia, então tudo isto no mesmo tempo, então não tem como você se concentrar numa leitura ou até mesmo pensar pra escrever, o horário para você conseguir é das 8 horas da manhã as 10 horas da manhã, depois deste horário todo mundo começa acordar, daí acabou o horário de silencio, tanto nas celas como nas outras celas, é gente gritando de uma cela para outra, daí acabou o sossego, as vezes tento ler daí não entra na cabeça, por que o barulho é demais, mas temos que conviver, cada cela mora 8 pessoas, daí você tem que acostumar e saber administrar a hora que é bom pra você ler ou escrever, eu graças a Deus me dou bem com todas, pois respeito o espaço dos outros, mesmo que alguém não respeita o meu, mas o importante é eu fazer a minha parte. A deixa eu falar, a Matemática fiz até o ano passado, este ano não recebi nada de Matemática, não sei se já conclui a matéria ou não ou se não conclui, quero terminar. Eu acho que aqui no sistema deveria haver mais aula de Matemática, como já falei nas outras folhas, a Matemática é primordial na vida de todo mundo e aqui no sistema, em minha opinião deveria ter aula de Matemática e o sistema carcerário aqui tem que dar mais oportunidade para os estudos, apoiar e incentivar os professores a ensinar, no sistema, no sistema a aula esta devagar, não sei se é por causa da pandemia, tem semana que dão as apostila ora nós fazer aqui, tem semana que não vem, eu acho que os professores deveria dar mais uma atenção nesta parte pra nós, eu pelo ao menos gosto de estudar, passa o tempo e a mente ta trabalhando, a aula*

*presencial é importante, mas com a pandemia parou e os abertos tiveram que ser modificado, mesmo assim gostaria que os professores desse mais de uma matéria pra gente fazer na cela, eu estou citando mas não sei, talvez e uma por semana, se só for isto, me desculpe, tudo bem, antes uma que nenhuma, mais acho que deveria ter mais aula de Matemática, sei com esta pandemia vocês tiveram que mudar e se reprogramarem para dar aula, ainda bem que vocês, não nos abandonou, olha eu escrevi ai o que a Matemática é importante na minha vida, só que vou dizer, escrevi direto sem virgula e sei que tem muito erros de português, vai desculpando ai professor.*

*Não sei se minhas ideias cobriram para suas expectativas ta.*

### **Educanda 12**

*(...)<sup>27</sup> Desde criança sempre amei ir para a escola, meu pai e minha mãe sempre me incentivaram, estudei em escolas sempre públicas, mais os ensinamentos eram dos melhores minha mãe parou de estudar quando criança, pois precisava trabalhar na roça, mais ela sabia ler o principal, escrever e ler. Lembro de quando eu tinha uns quatro anos minha mãe voltou a estudar e ela me levava junto e a professora dela sempre me dava atividades. O meu pai já foi mais privilegiado, sempre estudou em colégios bons, fez faculdade, vários concursos públicos, e ele sempre me ajudava nas tarefas da escola.*

*Lembro-me que a primeira vez que tive contato com a Matemática, números foram quando a minha mãe me ensinava a mostrar nos dedos quantos anos eu tinha, quando alguém perguntava, e assim que eu aprendi os números a contar, quando eu tinha 9 anos me mudei para Cascavel e eu estudava numa escola chamada John Kennedy, e toda semana nós tínhamos um teste sobre a tabuada, mais eu não sabia, na verdade eu odiava a tabuada, então fiquei com nota baixa em Matemática, então meus pais faziam eu estudar a tabuada a força (risos), eles colocaram eu no quarto e eu só iria de lá quando eu estivesse aprendido, por exemplo! Hoje eu teria que aprender a tabuada do número 7, o meu pai ia lá e perguntava da tabuada do 7, se eu errasse uma resposta eu teria que continuar estudando, até eu responder todas certas, concluindo nunca aprendi, hoje em dia eu só sei a do 5 e a do 2 (risos), e eu peguei uma raiva de tabuada. Ao passar dos anos, fui estudando e sempre passando de raspão na matéria de Matemática mais em meio a tanta dificuldade que a Matemática foi para mim, o que eu mais gostava era fazer a raiz quadrada, e o cdu (centena, dezenas e unidade).*

---

<sup>27</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*Quando eu tinha 12 anos comecei a estudar a noite, ia eu e a minha mãe, nós estudávamos juntas, e eu gostava, mas infelizmente aos 14 anos tive que parar de largar os estudos, descobri que estava grávida, eu estudei durante a gravidez, mais era muito dificultoso, principalmente no final da gravidez. Voltei a estudar com 17 anos, mais aos 18 anos tive que largar de novo pois eu engravidei, e logo em seguida eu acabei indo presa, mais fiquei pouco tempo e depois de 4 meses eu saí, mais não tive como estudar pois eu estava pra ganhar minha segunda filha, fiquei 10 meses na rua, e acabei vindo presa de novo fiquei 2 anos e meses, mais não tive oportunidade de estudar, pois aonde eu estava presa não havia nenhuma remissão, nenhum tipo de benefício, e não tinha estrutura adequada para estudarmos, depois desses 2 anos e 5 meses presa, eu saí e a primeira coisa que eu fiz foi ir atrás de me matricular a última escola que eu estudei que era o colégio Estadual Vital Brasil, um dos melhores colégios de Maringá, mais não deu muito tempo de começar a estudar, vim presa de novo agora já faz 3 anos que estou presa e 2 anos que estou estudando, quando eu vim de transferência de Maringá para cá a primeira coisa que eu fiz fui atrás, foi de estudar, pois eu sempre me arrependi de ter abandonado meus estudos, por não ter muito interesse, e hoje em dia eu sei que o estudo é o principal na nossa vida, pois para tudo, precisa de ter completo os estudos. Fiz aquele provão de eliminar matérias, do ensino fundamental eu fiquei muito feliz quando veio o resultado, que eu tinha passado em todas as matérias, menos em uma, adivinha qual era, a Matemática (risos), aí continuaram descendo as atividades de Matemática, até eu concluir, e passei para o ensino médio, fiquei muito feliz, porque sempre foi meu sonho de ir para o ensino médio, fiquei super feliz eu não acreditava que era verdade, cheguei até mandar um pipa para a pedagoga para confirmar, e veio a confirmação que eu estava no ensino médio, mandei carta pra todo mundo da minha família contando e todos ficaram felizes. Antes da pandemia tínhamos aulas presenciais numa sala de aula adequada e preparada, o professor sempre estava ali presente e quando tínhamos dúvidas perguntávamos e o professor nos auxiliava e tirava todas as dúvida, hoje em dia, agora na pandemia ficou muito dificultoso, as atividades chegam nas nossas mãos, e quando temos dúvidas não tem pra quem perguntar, pois por mais que nas atividades tenha um lugar reservado para comunicação entre o aluno e o professor, não é a mesma coisa, na verdade não tem como as dúvidas serem tiradas, pois a Matemática tem que ser explicada com a presença do professor, é muito difícil aprender Matemática a distância. Mais mesmo assim todas essas dificuldades eu não desisto de estudar, pois eu me sinto lisonjeada de poder estudar, enquanto muitas pessoas que estão lá na rua não têm este mesmo privilégio, por vários outros motivos, por falta a de professores, falta de materiais, não tem uma estrutura adequada, as casas ficam muito longe, muitos têm que enfrentar horas de caminhada com chuva ou sol, então eu apenas agradeço por ter o estudo aqui, com as atividades entregue em minhas mãos. Procurei os estudos aqui na unidade, pois eu tenho um grande sonho que*

*é fazer minha faculdade de gastronomia, e por coincidência, e usado a Matemática, (risos), porcentagem, quantidade, divisão, sobre a quantidade de ml ou quilograma e muito mais, só que eu acho que isto não será problema, irei conseguir fazer minha faculdade e estarei em primeiro lugar. Para mim a importância de estudar é essencial, estou feliz por poder estudar, por mais que eu esteja presa, tenho que aproveitar tudo que seja benefício para mim, mesmo se não valesse a remição, eu iria estudar do mesmo jeito, sem estudo não somos nada, nunca devemos largar ou desdenhar a educação, pois isto é principal nas nossas vidas.*

*Quero que esta pandemia passe, para podermos voltar aos estudos presencial, sinto muita saudade, de ter os livros, dos professores ao nosso redor, mais com fé tudo isso irá passar.*

*Uma dica para todos, não larguem os estudos, e se você tem 20, 40, até 80 anos e está pensando em voltar a estudar, mais acha que é tarde, não pense nisto, não desiste, estude independentemente da idade aproveite. A educação abre caminhos.*

### **Educanda 13**

*(...)<sup>28</sup> Filha de pai e mãe que são professores de educação Física. Estudava na escola chamada “Positiva” (...)<sup>29</sup> era uma escola particular, lá estudei até o segundo ano do Ensino Médio e cresci sempre ouvindo minha mãe falar que tínhamos que estudar para aprender e lá na frente podermos fazer uma faculdade e ter um emprego bom.*

*Em 2012 resolvi parar de estudar, pois eu engravidei e não estava conseguindo acompanhar as aulas, sempre dormia dentro da sala de aula, então resolvi sair da escola, pois não achava justo minha mãe continuar pagando e eu só tirando notas baixas. Tive minha segunda filha e sempre arrependida por não ter continuado estudando adquirimos conhecimento, aprendemos muitas coisas que são importantes para a nossa carreira lá na frente.*

*O meu primeiro contato com a Matemática que eu me lembro foi quando eu fiz 2 aninhos, aí quase todos os dias eu perguntava para a minha mãe quantos anos eu tinha, e ela me mostrava com os dedos e falava 2, quando minha mãe me ensinou a contar e a fazer a tabuada.*

*Quando eu estudava, eu odiava a Matemática, o nome do meu professor era Marcos, ele era muito rígido, eu não conseguia entender nada o que ele falava, me dava dor de cabeça ver aqueles montes de números, as vezes tentava fazer os exercícios e eia mostrar para o professor e dava para contar nos dedos os exercícios que estavam certos, mas no meio de tudo isso havia uma coisa boa que até hoje de Matemática que eu gosto e sempre gostei, são*

---

<sup>28</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

<sup>29</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*as contas de regra de três. É muito importante a Matemática para a minha vida e acho também que para a vida de muitas pessoas, pois para a gente fazer qualquer compra, sejam lojas, mercados, padarias, farmácias, para fazer até mesmo um bolo nós precisamos pelo ao menos saber o básico da Matemática, saber contas simples.*

*Uma coisa que eu me esqueci de falar, eu sempre admirei a Matemática, quando eu era pequena eu ficava pensando como os professores de Matemática conseguem estudar tanto e se quando eles faziam a faculdade para se formar como professor só números. E mais uma coisa, não tive a oportunidade de voltar a estudar novamente depois de ter minha segunda filha, pois logo em seguida infelizmente eu vim presa, pois minha primeira filha nasceu em janeiro de 2013 e a segunda filha nasceu em dezembro de 2013 e em dezembro de 2014 eu cai presa.*

*Fui presa dia 10 de dezembro de 2014, quando eu fui presa eu fiquei na comarca de Colorado – Paraná, fiquei lá 1 ano e lá não tinha nenhum tipo de remição e não tinha estudo também, depois de 1 ano eu vim de transferência para Foz do Iguaçu – Paraná e somente aqui eu tive a oportunidade de voltar a estudar e me encontro aqui na penitenciária de Foz do Iguaçu há 7 anos. Eu estudo desde quando eu cheguei aqui, estou no Ensino Médio e o estudo é muito importante para mim, pois o meu sonho é terminar meus estudos e sair daqui e ter a oportunidade de fazer a minha faculdade que eu sempre sonhei, que é de odontologia, os motivos que me levaram a procurar os estudos na prisão é pelo fato de eu poder adquirir conhecimentos, aprender mais e para quando eu sair eu pelo menos ter a oportunidade de arrumar um serviço e mudar de vida, pois pelo fato da gente ser ex presidiária muitas pessoas tem receio de nos dar a oportunidade de trabalhar e sem estudo fica ainda mais difícil e a Matemática faz parte do nosso dia-a-dia, para podermos saber administrar o dinheiro e até mesmo para podermos cuidar da nossa casa.*

*No momento agora eu não estou estudando, pois infelizmente estou com uma falta, mais vou falar o que eu penso, eu acho em minha opinião que mesmo a gente estando com falta deveríamos pelo ao menos poder continuar estudando, pois, os estudos são muito importantes para a nossa vida, principalmente a Matemática. Os estudos dentro da prisão antes da pandemia eram excelentes, nós tínhamos estudos presenciais junto com o professor, e isso é muito bom, principalmente em Matemática, pois ai quando a gente tinha dúvidas, o professor ia e nos explicava e agente entendia, agora com essa pandemia tudo ficou mais difícil e complicado, pois não temos mais aulas presenciais e mesmo os professores deixando alguns espaços para nós tirarmos as nossas dúvidas, muitas vezes continuamos com dúvidas e sem entender os exercícios, e precisamos estudar para adquirir muito conhecimento, ser algum lá na frente, ter um bom serviço, fazer uma faculdade, ter uma especialidade, sabermos*

*administrar o nosso dinheiro, saber cuidar da nossa casa e nos ressocializar com as pessoas lá fora.*

*Espero que essa pandemia acabe logo para podermos voltar os estudos presencialmente e deixo uma dica a todos as pessoas até para mim, que a Matemática não é o bicho de sete cabeças e ela sempre está presente em nossas vidas e sempre estará e quem não gosta, igual eu não gostava, vamos colocar nossas cabeças no lugar e tentar olhar a Matemática com outros olhos.*

#### **Educanda 14**

*(...)<sup>30</sup> Minha mãe tem 2º grau completo e é funcionária pública, já meu pai estudou até a quarta-série e ele é pintor autônomo. Minha primeira escola foi Divanete que até mesmo a minha Tia Rosana era diretora, meus pais nunca pegaram muito em meu pé questão de estudos já minha tia pegava em meu pé por ser diretora e por querer que eu fosse alguém na vida desde muito cedo eu gostava de Matemática e artes me apaixonei quando aprendi a primeira conta que eu chamava de menos e mais e amor a aulas de artes pois adorava a pintar. A minha primeira professora de Matemática era a Lurdes, não era muito simpática meio brava e estressada mais eu não ligava, pois gostava muito de fazer contas e aprender cada vez mais, e a Matemática usei em minha vida nas primeiras vezes quando ganhava uma pequena quantia de dinheiro de minha mãe para eu comprar o que queria e sempre eu comprava doce e fazia as contas quantos doces dariam com aquele dinheiro e quanto me sobraria.*

*Quando eu era pequena eu admirava muito os professores com aquela facilidade de ensinar, com a inteligência com aqueles monte de papéis e os jalecos brancos com o nome dos professores eu era encantada e sempre me perguntava, o que eu queria ser quando eu crescer e eu sem pensar duas vezes falava que eu queria ser professora de Matemática e de artes.*

*Sempre gostei de estudar mais na terceira série, sofria bullying e não queria ir mais para escola e acabei reprovando por causa de faltas, mas incentivada pela minha tia voltei para escola, refiz as aulas e passei do terceiro para a quarta série e logo mudei para uma escola estadual diferente mais eu amava estudar e sempre mais encantada pela Matemática, lá naquela escola minha professora era Adelaide um amor de pessoa que sempre me dava parabéns pela vontade de aprender.*

---

<sup>30</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*La aprende as frações que foi o que mais gostei na Matemática e nunca mais esqueci, a Matemática na minha vida é muito importante, pois eu gosto de verdade e me dedico á cada vez de aprender mais e no meu ponto de vista ela é essencial para o nosso dia a dia, pois utilizamos a Matemática os números as contas em tudo no mercado, na gravidez contando as semanas os dias as horas cálculo para pagar contas e dentro da cozinha também.*

*Eu parei na quinta série pois acabei me envolvendo com coisas erradas mas antes disso era tido como uma das melhores alunas, acabei engravidando e meu pai acabou de me tirar da escola e ali meu sonho de ser professora foi por água abaixo , mais a Matemática continuou em minha vida para calcular o minha gestação e depois entrou para as coisas erradas, para pegar e picar drogas para contabilizar o dinheiro para a divisões e pagamento de contas e hoje eu me encontro presa há 3 anos e 9meses, e hoje a Matemática serve para fazer conta da minha pena para calcular as minhas remições e somar os dia para mim ir embora.*

*Eu me encontro aqui na PFF-UP há 3 anos e entrei para escola depois de quase 1 ano quando comecei a estudar não tinha sala de aula era no barracão cheio de cadeiras e carteiras sem divisão de uma com a outras turmas era tudo aberto e o meu primeiro professor foi o Djalma na disciplinas de ciências e até hoje aula presencial só tive com ele nas disciplinas de ciências e Matemática e o que me levou a estudar aqui na cadeia primeiramente foi a remições, mais depois que comecei os primeiros dias pequei gosto pelas aulas e hoje meu maior sonho é terminar meus estudos para ter uma profissão melhor lá fora, e incentivar os meus filhos a estudar e nunca desistir pois os estudos sempre vão fazer falta em nossa vidas. Hoje eu já consegui terminar o ensino fundamental e estou no médio na matéria de história.*

*Quando tinha as aulas presenciais eu estudava na parte da noite, pois eu trabalhava e aprendi muito com a Matemática aprendi novas coisas que eu não havia aprendido antes muitas novidade se hoje me serve muito o professor sempre muito gentil e atencioso, com uma vontade imensa de ensinar me deu mais vontade de aprender ainda, aqui mesmo na cadeia tive um curso de panificação que me apaixonei e é meu objetivo quando sair daqui ter uma padaria e se engana quem acha que a padaria, é somente amassar pão tem muita Matemática á todo momento em tudo que você faz na padaria tem Matemática por isso que gostei mais ainda, duas coisas que eu gosto em uma só.*

*Na panificação tudo é Matemática na hora de fazer as receitas, na pesagem dos ingredientes, na soma, na divisão da massa, na porcentagem dos lucros e dos gastos resumindo a Matemática é essencial na nossa vida e se soube me sair bem no curso graças o que eu aprendi nas aulas que tive aqui, pois tudo o que aprendi coloquei em pratica no curso.*

*Hoje com a pandemia tudo é muito dificultoso não temos aulas presenciais, somente apostila que vem para fazermos dentro da cela e é que entra a minha maior dificuldade é a falta de um professor, pois tenho muitas dúvidas e até mesmo não sei fazer algumas questões e não temos professor para nos explicar nos ensinar e tirar dúvidas que nos prejudica muito em aprender. O covid-19 nos prejudicou muito tirando isso no meu ponto de vista às aulas aqui na PFF-UP são boas com um imenso aprendizado.*

*E aqui fica meu agradecimento de todos os professores da unidade por acreditarem em nós, e nos ensinar e nos dar oportunidade de vida melhor fora daqui.*

### **Educanda 15**

*(...)<sup>31</sup> Minha mãe estudou até a 6º série e meu pai é analfabeto só sabe escrever o próprio nome, acho que por meu pai assinar o nome dele não seja considerado que ele é analfabeto. Eu estudei até a 7º série a primeira escola que eu estudei foi Mario De Miranda Quintana. Depois, estudei em várias outras escolas, pois nós mudamos muito de endereços, então eu passava por várias escolas então minha mãe faleceu eu estava com 15 anos. Já tinha repetido de ano, depois que eu perdi minha mãe parei de estudar se passando 2 anos, já com 17 anos voltei a estudar mais a noite com meu irmão só que acabei me envolvendo com um namorado escondido do meu pai e acabei engravidando do meu filho mais velho que hoje está com 16 anos, aí parei de estudar de novo, por que não tinha quem cuida-se dele aí se passaram 8 anos casei. Voltei a estudar de volta, ai logo engravidei do meu segundo filho, que hoje está com 8 anos parei novamente de estudar pois tinha 2 filhos para cuidar e o meu marido, então mais uma vez eu deixei os estudos de lado para cuidar da minha família. Mais nunca me importei por ter parado de estudar, pois, estava muito feliz de cuidar da minha família, mas teve vezes que tive que procura trabalho por falta de estudo não consegui, mais quando eu estudava não gostava de Matemática eu prestando atenção na aula mais não conseguia aprender, muito número, contas meu deus ficava louca com tantos números, sempre achei a Matemática muito difícil e usamos Matemática em quase tudo no dia a dia.*

*Querida aprender Matemática. Por que ela está, presente em quase tudo, bom eu acho muito importante aprender Matemática por que, usamos para tudo até para fazer um simples bolo algumas coisas eu sei de Matemática. Mais quando a uma grande conta com letras e (números), não consigo fazer eu presto atenção mais não entra na minha cabeça, pois eu não*

---

<sup>31</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*conseguir entender a minha cabeça dói e fico muito nervosa e acabo desistindo de fazer ou aprender, mais eu quero muito aprender Matemática.*

*Eu estou presa á 4 anos pelo artigo 33, na verdade eu não era envolvida com nada mais meu irmão era, por ele está na minha casa vim presa junto com ele agora, eu sei que existe pessoas presa inocente com a remição tenho que ficar mais 2 anos nesse lugar mais eu sou de boa, não dou trabalho nunca peguei falta, minha meta é ir embora logo cuidar dos meus filhos que já estão com 16 anos e 8 anos eu estou estudando aqui desde 2019, os motivos que me levarão a procura o estudo aqui foi pela remição mais depois porque eu queria terminar meus estudo e quando eu sair daqui eu quero fazer um curso de técnica de enfermagem, e para mim hoje, eu vejo o quanto o estudo é importante.*

*O ensino dentro da prisão é bom, mais a meu ver tem muitas coisas que devem melhorar por que com a pandemia às vezes manda tarefas para nos fazer no X e as tarefas vem sem explicação ai, eu me perco toda e no meu ponto de vista. Deveria sim a tarefa para nos fazer e outra folha, com as explicações para que possamos entender o que é para fazer, por que muitas coisas eu não, consigo me lembrar. O que mudou agora com a covid-19 é que as tarefas vêm em apostilas e fico de quarentena, para depois ser passada para nós fazer e depois são entregues para os professores corrigir, eu sinto muita falta da aula presencial por que é melhor para aprender as tarefas passadas.*

*Podemos fazer perguntas sobre o tema que não entendemos e o professores pode nos explicar ali no exato momento.*

### **Educanda 16**

*(...)<sup>32</sup> Vou contar um pouco sobre minha história de vida e quando eu era pequena não gostava de estudar minha mãe me chamava para eu acordar pela manhã eu não gostava eu chorava muito para não ir a escola, muitas das vezes eu mentia ela quando ela pensava que eu estava estudando eu ficava o tempo todo escondida no meio do mato, ai chegava a horário eu voltava para minha casa só que minha mãe pensava, que eu estava estudando ela não pedia meus cadernos pra ler pra ver por que ela não sabia escrever meu pai trabalhava muito de segunda a segunda também nunca tinha tempo para nós também não sabia ler mais quando sobrava um tempinho ensinava o que é certo o que é errado eu vim de uma família muito pobre tinha dia que nós nem não tinha nem o que comer sofremos muito somos em 6 irmãos pai era doente sofria convulsão quando atacava muito forte nem os medicamentos adiantava*

---

<sup>32</sup> Identificação suprimida para evitar-se a identificação da detenta.

*foi quando minha mãe deixava nós com minha irmã mais velha para ela poder ir trabalhar na roça capinar, catar algodão, catar latinha e fazer faxina muitas das vezes não recebia pelo seu trabalho suado chegava em casa cansada tinha que cuidar de nós cuidar do meu pai e quando comecei a estudar pequei uma professora que era muito humilde carinhosa que tinha paciência em ensinar ai quando comecei a gostar de ir na escola chegava lá explicar o que estava escrito la no quadro foi quando eu não faltava mais nas aulas só que eu tinha um sonho queria ser professora ou enfermeira para cuidar das pessoas mais não consegui alcançar meu objetivo mais tenho fé que alcançarei e vou realizar meu sonho nunca é tarde quando nós queremos e se esforçarmos a gente consegue chegar onde queremos, sou feliz por saber por ter aprendido minha primeira professora o nome dela chamava Joelci o mesmo nome meu e foi por causa dela que aprendi ler escrever etc.*

*Sobre a cadeia aqui a gente tem que seguir os procedimentos não xingar as guardas tratar certo com respeito andar de cabeça baixa o tempo todo levantar pela manhã e à noite existe contagem. Não podemos fazer nada de errado se não somos punidos eu já estou presa 6 anos nesta unidade estou presa por homicídio 121 é a primeira vez que caio na cadeia mais só aconteceu porque meu ex marido me perseguia muito eu já estava separada dele mais ele não deixava eu livre minha vida foi onde tomei esta decisão mais eu nunca pratiquei crimes nunca fiz coisas errada mais agora graças adeus final do ano estou saindo para liberdade, tenho remição de crochê da escola e tudo que estou passando aqui pra mim é um aprendizado porque este lugar é muito sofrimento que se cumprir as regras tem comunicado ai fica sem remição tudo esse tempo que estou aqui nunca pequei falta numa pequei comunicado faço as coisas sertãs quero ver meus filhos que não vejo há 5 anos a saudade é grande quero minha remição da escola agradeço por ter vocês professores, pedagoga para ajudar nós quero dizer que hoje o estudo é muito importante para mim não só por remir meus dias hoje eu vejo longe comecei a estudar aqui nesta unidade em 2019 vejo o quanto eu aprendi muito coisas que eu não sabia hoje eu sei e posso ajudar minhas companheiras por isso que considero muito importante estudo para mim eu já eliminei história ciência geografia estudo sociais... Então professor quero falar um pouco sobre a Matemática eu tenho dificuldade em Matemática minhas companheiras que explicam para mim sou realista está matéria não tenho muita inteligência mais procuro me esforça em aprender tipo de contas já me embaralho um pouco como o professor explicou sobre pegar uma lista e ir ao mercado comprar as coisas né já é Matemática fazer contas o que vai dar o que não vai pra mim é meio defeituoso.*

Covid 19

*Uma guerra silenciosa que matou milhões de pessoas em todo o mundo e poderiam ter salvando muitas vidas mais por negligência de muitos irresponsáveis, pessoas perderam suas vidas, eu, por exemplo, foi uma vítima da covid 19 passei várias dificuldades sendo que poderia ser diferente sendo que falta um pouco mais de responsabilidade com a população no Brasil também é uma doença que se espalhou muito rápido né mais graças a deus conseguiram a vacina pra poder amenizar os casos de morte no mundo inteiro.*